

VIMOS A SUA GLÓRIA

Meditações no Evangelho de João

VOLUME 1

Inclui Guia de Estudos no apêndice

T. Austin-Sparks

Vimos a Sua Glória

Volume 1

Meditações no Evangelho de João

T. Austin-Sparks

Publicado como E-book por
participantedecristo.com

E-mail: contato@participantedecristo.com

Tradução de Getulio H. Vargas

Publicado inicialmente na revista "A Witness and A Testimony" em 1935. Posteriormente foi reimpresso (com permissão) por "Testimony Book Ministry".

T. Austin-Sparks desejava que aquilo que recebeu gratuitamente fosse também assim repartido, e não vendido com fins lucrativos, contanto que suas mensagens fossem reproduzidas palavra por palavra. Por isso, pedimos que, se você deseja compartilhar essas mensagens com outras pessoas, por favor, respeite sua vontade e ofereça-os livremente - livres de alterações, de custos (exceto os custos de distribuição, caso necessário) e com esta declaração incluída.

Vimos Sua Gloria

Prefácio

O conteúdo desse pequeno volume não tem a intenção de ser um comentário, dentro do sentido geralmente aceito, nem se trata de uma exposição de todo o conteúdo do Evangelho de João. Nossa abordagem se dá por meio da apresentação de um pouco do sentido espiritual de cada capítulo. As mensagens são mais voltadas para a vida espiritual do que para o estudo Bíblico. O leitor deve levar em consideração que a forma falada foi preservada no manuscrito, e seu estilo é bem diferente da precisão encontrada na escrita literária.

T. Austin-Sparks

Sumário

Capítulo 1

Sumário do Evangelho de João. “João”, Especialmente para a Igreja. Duas Principais Características: (1) A pessoa de Cristo; (2) União com Cristo. Duas Características de Cristo em Manifestação. Um Testemunho Vivo em Meio à Morte Religiosa. A Palavra Favorita de João para Milagre. O Tema de João – O Testemunho de Jesus. Algumas Grandes Palavras em “João”.

Capítulo 2 – “Cheio de Graça e de Verdade”

Glória em Termos de Graça e Verdade. A Igreja – Um grupo de pessoas que Viu. O Grande e Inclusivo “Sinal”. O Terceiro Dia – Plenitude do Testemunho Divino. Plenitude que vem do Vazio. Vida que sai da Morte. Alegria Proveniente da Tristeza. Glória que Emerge da Vergonha. Fatores Governantes. O Elo da Fé.

Capítulo 3 – Grandes Verdades e Suas Leis

Cada Verdade Divina é Governada por uma Lei - Três Coisas Sobre Essas Leis: (1) Deus as preserva; (2) O Perigo de Assumirmos a Verdade Sem Suas Leis; (3) Entendimento Pode Vir Depois da Experiência - A Primeira Grande Verdade: O Reino de Deus - A Lei do Reino de Deus - Novo Nascimento – Uma Diferença Fundamental - A Base do Novo Nascimento

Capítulo 4 – A Necessidade do Novo Nascimento Por que um Novo Nascimento é Necessário? A Verdade a Respeito da Vida Eterna. O Significado da Vida Eterna. A Natureza da Vida Eterna. A Lei da Vida Eterna. Tudo Está Relacionado a Pessoa de Cristo.

Capítulo 5 – Andando no Poder de Deus

* * *

Capítulo 6 – A Vida Triunfante sobre a Morte

União com Cristo em Vida, Um Tema Dominante. A Lei do Alimentar-se de Cristo. O Significado de Uma Mudança de Tempo Verbal. O Corpo de Cristo – Uma Humanidade Incorruptível. O Significado do Alimentar-se de Cristo. Alimentando-se pela Oração. Alimentando-se pela Palavra. Sustento pela comunhão. Enriquecimento pela Adoração.

Capítulo 7 – Um Novo dia Prenunciado

Cristo Cumpre a Festa dos Tabernáculos. Cristo em Glória e O Novo Dia. A Lei da Vida Escondida em Deus.

Capítulo 8 – Libertos pelo Filho

(1) Escravos da Lei - (2) Escravos do Pecado - (3) Escravos de Satanás - (4) Escravos do Juízo - Cristo – A Verdade que Liberta - A Lei Cumprida, Deus Satisfeito - O Pecado Expiado, O Homem Justificado - Satanás Derrotado, O Homem Liberto - O Julgamento Executado, O Homem em Descanso - A Família daqueles que são livres - Uma Característica Curiosa - A Pessoa de Cristo Antes da Doutrina - A Superioridade de Cristo - A Mudança da Lei para a Graça - Cristo Escreve na Terra, Deus Escreve no Pó

Capítulo 9 – Iluminação Espiritual

O Mistério da Cegueira de Israel. Cristo e o Sábado Novamente. As Obras de Deus. O Que é o Conhecimento de Deus. Cristo – A Resposta para Todos os Problemas. A Lei da Iluminação Espiritual. O Cristo Vivo ou A Tradição Morta. O Custo da Visão Espiritual.

Apêndice

Guia de estudos

Capítulo Um

Vimos a Sua Glória

Leia: João 1:1-18.

“E o Verbo se fez carne, e habitou (tabernaculou) entre nós... cheio de graça e de verdade”. “O Verbo tabernaculou entre nós cheio de graça e de verdade”. A parte central desse versículo, como podemos perceber, é um parêntese: “... (e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai)...”. Esse é verdadeiramente o coração do verso. Entretanto, as partes anterior e posterior desse parêntese, estando na continuidade do texto, são o que certamente tenho em mente como chave para a nossa meditação neste momento. “O Verbo... habitou entre nós, cheio de graça e de verdade”.

“João”, especialmente para a igreja

Muitas vezes dizemos que o Evangelho de João, num sentido peculiar, é o Evangelho para a Igreja. Isso não significa que os outros três Evangelhos não sejam para a Igreja, mas que cada um deles têm uma ênfase específica, como sabemos. Porém, quando chegamos a este Evangelho, nos afastamos de tudo o que possa ter algum

sentido particular no que tange a sua aplicação entre os homens da Terra, pois imediatamente nos encontramos naquilo que o apóstolo Paulo chamaria de "lugares celestiais". Podemos perceber que o registro de Mateus foi em primeira instância uma nota peculiarmente endereçada aos judeus; assim como o registro de Marcos ou de Lucas, que também tiveram uma aplicação local, em primeira instância. Mas o evangelho de "João" é o registro daquilo que não está limitado no tempo, está na esfera da eternidade. Não se limita à Terra, abrange todo o universo. Todo tipo de limite e aplicação locais é ultrapassado quando chegamos a "João", e somos levados rapidamente para a esfera das cartas dirigidas aos Efésios e aos Colossenses – percebemos a mesma atmosfera, abrangência e destaque. Se ouvirmos o tom de João, veremos que há algo maravilhoso e estranhamente semelhante ao tom do apóstolo Paulo, especialmente nessas duas cartas que mencionei. E é nesse sentido que vemos que este Evangelho de João é peculiar, sendo particularmente o Evangelho para a Igreja.

Duas principais características

1. A Pessoa de Cristo

Temos dois pontos principais ao longo desse Evangelho.

Um é o Filho de Deus, o próprio Cristo em pessoa. Essa é a primeira nota que permeia todo esse Evangelho. Ela surge como chave logo na primeira sentença do Evangelho, concedendo-lhe harmonia. Nos registros finais do Evangelho, sabemos que essa chave, mais uma vez, é ouvida de maneira distinta e num sentido exclusivo: "...Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus" [Jo 20:31]. Ali João começou e terminou, e o todo do seu Evangelho está voltado para aquela chave: Cristo, o Filho de Deus. Isso estabelece o objeto do Evangelho.

2. União com Cristo

O segundo ponto que permeia todo esse registro de João é a união com Cristo. Isso surge logo no início do Evangelho. Logo na introdução do primeiro capítulo, isso é apresentado em conexão com aqueles que O receberam e, em tendo feito isso, lhes foi dado o direito de se tornarem filhos de Deus. A natureza desse relacionamento é manifestada, mostrando que se trata de uma união orgânica, fundamentada no nascimento do alto. Desde os primeiros versos até o final, temos o pensamento e a verdade da união com Cristo. Estas são as duas notas dominantes ou ênfases do Evangelho de João.

* * *

Duas características de Cristo em manifestação

Temos, então, duas principais características de Cristo como o Filho de Deus em manifestação: graça e verdade. Ele *“tabernaculou entre nós, cheio de graça e de verdade”*. Utilizei a palavra *“tabernaculou”* que traduz melhor o sentido do original, do que a palavra utilizada na nossa tradução – *“habitou”*. O sentido de tabernacular equivale ao de entrar numa tenda, e a tenda sempre indica um símbolo de transitoriedade, o oposto de permanência. Aqui, a implicação é clara de que Ele veio por um período, não para habitar para sempre, como se estivesse em uma tenda, de um modo transitório. No entanto, mesmo em Sua transitória estadia entre nós, houve uma manifestação de Deus nEle. Aquela manifestação de Deus em Cristo foi na linha da graça e da verdade, essas foram as suas duas principais características.

Ora, essas são as duas características que a Igreja é eleita para representar, em razão da sua união com Ele. Se esse Evangelho é peculiarmente o Evangelho para a Igreja, se Cristo manifestado como o Filho de Deus e a união com Ele são os dois principais pontos desse Evangelho, então queremos saber qual é o objeto dessa manifestação e dessa união, pois ambos estão atrelados até o final. Essas duas coisas que Deus uniu: a manifestação de Si mesmo em Cristo, e a intenção de trazer um grupo à uma união com

Ele naquela manifestação, são as duas partes de um pensamento eterno. Então, qual é o objeto dessa dupla revelação - Cristo em pessoa como o Filho de Deus manifestado e a revelação da união com Cristo? A resposta é que o que Ele veio revelar de Deus em Si mesmo, deve ser demonstrado *em* ou *através* daqueles que adentram essa união com Ele, e isso é graça e verdade. A Igreja é eternamente eleita para ser o meio da manifestação universal de Sua graça e da verdade, para Ele, devido à sua união com Ele. Vamos observar isso em Efésios: "... a igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas" [Ef 1:23]. Então, a Igreja deve ser, para Ele, o veículo por meio do qual será conhecida a multiforme graça de Deus. Temos a "graça", mas existe outra coisa correndo em paralelo, o tempo todo. "Segundo é a verdade em Jesus" [Ef 4:21]. A Igreja é chamada para a demonstração de graça e verdade, como estão manifestadas em Jesus. (Isto está apenas cooperando para o objeto de nossa meditação. Acredito ser um fundamento útil para a entrada no nosso lugar no propósito eterno de Deus.)

Um testemunho vivo em meio à morte religiosa

Gostaria que lembrássemos que João, dentro do conteúdo de seu Evangelho, se refere especialmente à região da

Judeia (isso nos ajudará em direção ao nosso objeto). O que está sendo dito e feito nesse Evangelho, está *principalmente* relacionado ao contexto do judaísmo. Os outros três Evangelhos estão basicamente relacionados com a Galiléia, mas aqui, o Senhor está Se movendo, operando e falando principalmente em relação à Judeia. Isso traz consigo o significado de que é em meio ao mundo religioso que a parte principal do Evangelho de João está sendo promulgada. A Judeia representa especialmente o mundo religioso, como era estabelecido no tempo desse Evangelho. Persistia ali um estado de intelectualidade religiosa antagônica à Cristo. O mínimo que se pode dizer é que a Judeia não apreciava Cristo. Vemos a tremenda ênfase dada por João à Quem o Senhor era, e essa ênfase tem sua própria implicação, de que a mente religiosa não estava reconhecendo e aceitando o fato supremo da Pessoa de Cristo como o Filho de Deus, e que o mundo intelectual religioso estava alienado do fato básico de Quem era Cristo. A ênfase aqui estava nessa esfera: primeiramente, Quem é Cristo e, em segundo lugar, qual é a ocupação da Igreja.

Vejo nisso tudo a seguinte aplicação para nós: não é tão difícil estabelecer o fato da Pessoa de Cristo entre aqueles que nunca ouviram e nunca conheceram nada a esse respeito, quanto é estabelecer o pleno Testemunho do Senhor Jesus entre aqueles que tem uma história religiosa.

É na esfera religiosa da tradição, história, intelectualismo, e do extenso conhecimento das coisas que a envolvem, que surge a maior dificuldade no estabelecimento do Testemunho de Jesus. Se você ler este Evangelho tendo isso em mente, ficará tremendamente impressionado. Ao chegar aos capítulos onze e doze, perceberá em uma atmosfera de tremendo antagonismo espiritual para com o Senhor, por parte dos religiosos. Eles procuraram apedreja-lo, então Ele partiu para além do Jordão, e então as notícias de Lázaro chegaram até Ele. Ele Se demorou, então disse: "Vamos", e os discípulos disseram: "Senhor, Tu vais voltar para a Judeia, onde eles procuraram Te apedrejar?". Podemos nos lembrar da Sua resposta e depois a fala do pobre Tomé: "Bem, vamos lá para que possamos morrer com Ele. A morte é certa se Ele voltar para a Judéia; talvez não haja nada melhor para nós do que ir e morrer com ele" [Jo 11:6-8]. Talvez Tomé achasse melhor morrer com o Senhor Jesus do que viver sem Ele. Ele viu que voltar para a Judéia indicava morte certa, como se provou ser verdade, no final. Será que podemos perceber que é lá, na esfera da tradição e do intelectualismo religioso, que encontramos a falta de compaixão?

Isso surge logo no início desse Evangelho. Em Nicodemos, temos uma representação da classe intelectual, e fica claro, nessa esfera, que a religião, tal qual ela é, pode se tronar mais num obstáculo do que numa ajuda. É bem verdade o

que o Senhor disse ao profeta: "Filho do homem... tu não és enviado a um povo de estranho falar nem de língua difícil, mas à casa de Israel; nem a muitos povos de estranho falar... se eu aos tais te enviasse, certamente, te dariam ouvidos. Mas a casa de Israel não te dará ouvidos" [Ez 3:4-7]. A nossa tarefa mais difícil, mesmo sendo algo delegado a nós pelo Senhor, é a restauração e o estabelecimento, em finalidade e plenitude, do Testemunho de Jesus entre aqueles que já têm todas as tradições. Todo o Evangelho de João nos oferece uma apresentação abrangente do Testemunho de Jesus. Gostaria que nos lembrássemos que a Judéia representou a esfera religiosa intelectual, que não simpatizava com Quem era Jesus e, portanto, não simpatizou com aqueles que se posicionaram pelo Seu Testemunho, isto é, no estabelecimento da plenitude do significado de Cristo ter vindo para revelar o Pai.

A Palavra Favorita de João para Milagre

Existe outra coisa relacionada a isso, a ser observada no Evangelho de João. Há seis palavras que são traduzidas como "milagre", a saber: *Terata* = prodígio ou presságio; *Dunameis* = poder; *Thaumata* = maravilha; *Paradoza* = contrário à expectativa; *Erga* = atos; *Semeia* = sinais. Dentre essas, a última, em particular, é a favorita de João. Na

Judéia - o mundo do antagonismo religioso e intelectual - Cristo não está atraindo as pessoas através de maravilhas, impressionando por poderes ou trazendo à luz o inesperado. Não, percebemos algo com implicações e sentido mais profundo. Ele está ensinando algo por meio do que faz. Há uma grande verdade escondida em Seus atos, e somente um coração solidário e de fé será capaz de ver essa verdade.

O primeiro milagre ocorreu em Caná da Galiléia: “deu Jesus princípio a seus sinais” [Jo 2:11]. Desejamos saber o significado da transformação da água em vinho nas bodas. Temos o milagre dos pães e peixes, um sinal (o significado nos é dado quase imediatamente depois: “Eu sou o pão da vida”). O Senhor está procurando conceder ao Seu povo o conhecimento de Quem e o que Ele é, os levando à comunhão e à uma união com Ele, tornando-nos em um grupo que O conhece nesse sentido. O esforço de João indica que o Senhor buscava um instrumento e vaso de manifestação contínua de Quem Ele é. João não estava lidando especificamente com pecadores, mas está tratando, fundamentalmente, com os religiosos. Não encontramos a palavra “arrepentimento” em João. Não vemos nada nessa esfera ali. É preciso manter em mente que a ideia central desse Evangelho é conduzir a Igreja a um lugar de união com o Senhor, a fim de que ela seja para Ele o instrumento da Sua manifestação.

* * *

O Tema de João – O Testemunho de Jesus

O tema de João, não apenas de seu Evangelho, mas também de suas Epístolas e do livro de Apocalipse, é o Testemunho de Jesus: “Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus” [Jo 20:31]. As cartas de João são todas sobre essa nota; e sabemos que Apocalipse contém essa mesma frase, usada repetidamente – “O testemunho de Jesus”. O tema de João é o Testemunho de Jesus.

O que é o Testemunho de Jesus? Bem, o que João diz ser o Testemunho de Jesus? O próprio Jesus! Ele mesmo é o Testemunho. Há coisas ditas, coisas feitas, grandes fatos apresentados, mas não obteremos nada de “João” à parte da Pessoa. Gostaria que notássemos como, em “João”, tudo está relacionado à Pessoa. Ele introduz a Pessoa e mantém essa Pessoa em vista em todo tempo.

Tome uma ou duas ilustrações. Vejamos no capítulo quatro. Temos a pergunta a respeito da água; no incidente da mulher no poço de Sicar. A água é vital e inseparavelmente ligada à Pessoa do Senhor Jesus. Veja o pão do capítulo seis. Não é *algo* que Ele dá, mas Ele mesmo é dado: “Eu sou o pão”. Ele mesmo sendo dado. Veja a ressurreição de

Lázaro. Ele diz: “Eu sou a ressurreição”. Não se trata do fato dEle ressuscitar alguém da morte. O Testemunho de Jesus não é que Ele te dá vida, mas que ELE É a Vida. Não é que Ele te dá o pão, ELE É o Pão. É assim iremos até o fim. O Testemunho de Jesus é o que Ele mesmo é. Quando dizemos que chegamos ao âmago da questão, temos: “Cheio de graça e de verdade”. O Testemunho, amados, não é alcançado por meio do ensino, mas sim por uma união viva. Oh, é aqui que está o desdobramento de tudo. O Senhor obteve em algumas vidas tal união e comunhão, ao ponto de ser capaz de fazer-Se conhecido de uma forma muito rica, maravilhosa e abençoada por meio delas, o que significa foi demonstrada uma revelação viva dEle, com tremendos resultados. Naqueles dias, muitos foram trazidos a uma viva revelação dEle, chegaram a um contato vivo com o Senhor e se regozijaram, não em uma doutrina, em um ensino, mas em algo real, uma nova experiência do Senhor. Mas a próxima geração agregou tudo isso em um ensino e buscou preservar tudo em termos da sua doutrina. Gerações sucederam gerações sustentando a doutrina daquilo tudo, e eles chamavam isso de “carregar o Testemunho”. Não poderemos entrar na essência original daquilo tudo, apenas aceitando seu ensino. Precisaremos trilhar os mesmos caminhos que os primeiros palmilharam. Não é apenas cheio de verdade, mas é cheio de graça e também verdade. Verdade pode ser luz; graça é amor.

* * *

Algumas Grandes Palavras em "João"

Vamos tomar as três grandes palavras de João: vida, luz e amor. Essas palavras de João estão ligadas ao Senhor Jesus, conectadas à Sua Pessoa. Elas são as notas grandes e fortes que percorrem esse Evangelho. Podemos ter luz, mas, se não tivermos amor e vida, estaremos desbalanceados e não teremos o Testemunho. Podemos ter a vida sem a luz. Ao juntar os três, o Senhor Jesus quis dizer que, em comunhão espiritual com Ele e O possuindo, devemos ter essas coisas em igual medida, balanceadas: vida, luz e amor. O Testemunho de Jesus não é somente ter luz, mas é também ter vida e amor. É bem possível absorvermos um sistema de verdades sustentado inteira e indubitavelmente em uma doutrina Neotestamentária, mas, que existe sem a vida e o amor, e então não teremos o Testemunho de Jesus. O Testemunho de Jesus é Ele mesmo. Vida, Luz e Amor, esse é o Testemunho de Jesus.

Trazendo isso para uma aplicação prática, a resposta para tudo está em possuímos o Senhor, ou, em outras palavras, nossa união vital com Ele. Todas as nossas falhas e desarranjos, assim como as dos outros, podem ser explicados pela ausência disso. Podemos ter a tradição e a doutrina; ter a verdade e, mesmo assim, podemos

experimentar as maiores e mais incoerentes inconsistências, contradições e desarranjos, por não termos obtido a vida e o amor nas mesmas proporções. O que precisamos não é de mais luz, mas é da vida e do amor na mesma proporção da luz. Muitos que possuem muito de luz carecem de amor, assim como é verdade que muitos possuem muita luz, mas estão sem muita vida. “CHEIO DE GRAÇA E DE VERDADE”. Assim Ele se manifestou. A Igreja é eleita eternamente para estar em união com Ele no propósito de levar Seu Testemunho, e o Testemunho da Igreja deve levar o próprio Cristo, não algo a Seu respeito. Nossa tarefa neste mundo, como povo do Senhor, é levar Cristo, cheio de graça e de verdade.

Tudo isso deve ser visto nesse Evangelho, em sua própria e respectiva conexão. Essa é uma afirmação básica para a nossa meditação. Nossa necessidade é de mais do Senhor Jesus. Esse é uma afirmação muito simples, mas que chega à raiz de tudo. Você pode dizer: “Quero mais luz”. Não, você precisa de mais do Senhor. Então você diz: “Quero mais amor”. Você precisa de mais do Senhor. Não precisamos de coisas, mas dEle. Esse é o Testemunho que nos foi confiado.

Isso, naturalmente, atingirá nossos corações se formos espiritualmente sensíveis. Imediatamente isso estabelecerá um padrão pelo qual poderemos julgar tudo. Isso

significará que devemos ir ao lugar secreto com o Senhor e dizer: “Senhor, vida e amor devem ser proporcionais a luz”. É o que o Apóstolo quis dizer quando usou essa expressão em particular: “a verdade em Jesus” [Ef 4:21]. Isso significa que a verdade não é algo a ser obtido intelectualmente. Precisamos da Pessoa, então teremos a verdade. Isso traz em si seu próprio desafio, e deve ser uma palavra introdutória para nossa meditação. Não estamos procurando obter uma maior quantidade de luz em si mesma; estamos buscando obter mais do Senhor, ver o Senhor, conhece-Lo.

A menos que o ponto principal dessa meditação dirija-nos a uma união mais profunda, forte e completa com o Senhor, falamos em vão, nossa obra não atingiu seu propósito. Oh, que toda nossa mensagem tenha esse resultado: mais dEle! Queremos encontrar o Senhor e, quando isso se torna uma questão pessoal, o resultado do nosso estudo deve ser que os outros encontrem em nós mais do Senhor, em plenitude de graça e verdade. Perceba o que o Apóstolo diz: “Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça” [Jo 1:16]. Isso deve ser o resultado da nossa meditação conjunta, mesmo que apenas nessa palavra introdutória. A única razão justificável para nossa consideração é que, em nós, os outros possam encontrar mais do Senhor em graça e verdade. Não devemos ser um povo conhecido por ter apenas uma boa

quantidade de luz, mas que possa ser dito sempre que com a luz há também vida, e com a vida há também amor.

Que não seja uma luz que abrasa e queima, tornando-se intolerável, mas que seja a luz daqueles tons suaves que foram vistos no Cristo encarnado. Esse é o significado da Encarnação. Ver Deus a olho nu representaria destruição; mas Deus manifesto em Cristo indicou que algo se interpôs entre aquela luz flamejante e nós, a fim de desdobrá-la em seus componentes, nos dando o efeito de um prisma, de modo que o raio branco resplandecente fosse agora visível em todas as suas múltiplas nuances. O corpo humano de Cristo era como um prisma, refratando para nós os raios de infinita santidade, nos tornando capazes de ver o que Deus é nEle.

É isso que devemos ser, ao nos tornarmos membros da Igreja: um prisma para que outros possam ver Deus. O Deus assustador, o Deus intolerável? Não! O Deus cheio de graça e de verdade. Deus que é vida, que é luz, que é amor. Oremos para que haja mais Dele em Cristo, visto e conhecido por meio de nós. Precisamos tornar isso na nossa verdadeira busca diante Dele; Mais de Cristo para nós; mais de Cristo para os outros por meio de nós. A solução para todos os seus problemas está aí. Você quer mais conhecimento? Não pense em conhecer mais sobre a verdade, como algo em si. É o conhecimento pessoal da

nossa união com o Senhor Jesus que vai até a raiz de tudo, respondendo a todas as questões e resolvendo todos os problemas. “Para O conhecer” [Fp 3:10], não conhecer isso ou aquilo. Tendo o Senhor, temos tudo. Será uma bênção podermos dizer depois dessas horas juntos: “Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça” [Jo 1:16].

Capítulo 2

“Cheio de Graça e de Verdade”

Leia: João 2:1-11; 1:14,16,17.

“Manifestou a sua glória”, “(e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai), cheio de graça e de verdade”.

Em consonância com a nossa meditação relacionada ao capítulo 1, seguimos para uma ênfase adicional a respeito da manifestação da glória de Deus em Jesus Cristo.

Se a primeira parte do primeiro capítulo é ocupada em introduzir e apresentar Cristo na eternidade e na universalidade da Sua Pessoa, e aquilo tudo que nos é trazido no conteúdo de Sua humanidade, quando – como a palavra aqui literalmente expressa – “Ele armou Sua tenda entre nós”, e considerando isso como o ponto principal e básico, tudo o que se segue é um detalhamento e uma aplicação disso. O Cristo eterno, o Cristo universal, trazido para a vida humana, e por ter armado Sua tenda entre nós, nos trouxe para uma comunhão com Ele mesmo em Sua eternidade e Sua universalidade, tornando-Se assim, na nossa própria vida, o tudo em todos, a partir do ponto de vista do Pai. Captar um pouco desse significado fará a

maior diferença em nossa experiência.

Glória em Termos de Graça e Verdade

O Apóstolo, muitos anos depois dos acontecimentos, escrevendo seu Evangelho, disse: “e vimos a sua glória” (nós contemplamos, admiramos a Sua glória). Então, ele nos dá alguma definição a respeito disso: “...glória como do unigênito do Pai” - isso é um parêntese; e então, “cheio de graça e de verdade”. “[Nós] vimos a sua glória... cheio de graça e de verdade”. O que foi que “nós” vimos? O que foi contemplado, admirado pelos discípulos? Foi glória interpretada em termos de graça e de verdade.

Existe uma glória nua de Deus que, quando revelada em alguma medida sobre os homens de tempo em tempo, os deixa como mortos em sua presença, é algo insustentável para o homem natural. Não foi esse o caso. João, mais tarde, em Apocalipse, viu essa glória do Senhor exaltado e se sentiu como morto a Seus pés, mas quando ele – e os outros incluídos aqui – viram, contemplaram Sua Glória, não foi aquela glória [de Apocalipse], mas foi a glória interpretada em termos de graça e de verdade. Era, como podemos dizer, a glória de Deus vista através do prisma de Sua humanidade. Era a glória de Deus, mostrando a si mesma através de uma vida humana, pelas linhas da graça

e da verdade.

Imediatamente percebemos uma comparação e um contraste desenhados aqui pelo Apóstolo nessa conexão específica. Ele diz: “Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” [Jo 1:17]. Isso está conectado com o tabernacular entre nós. O tabernáculo, que entesourava a lei vinda através de Moisés no deserto, era o lugar da glória Shekinah, e quando a glória Shekinah veio, pela chegada da lei através de Moisés, era uma glória insuportável. Sabemos o que o Apóstolo diz nas cartas aos Hebreus e aos Coríntios, que, ainda que as pessoas tenham pedido por aquilo, elas não conseguiam mais suportar aquele som, de tão terrível que era, e Moisés precisou colocar um véu sobre sua face, porque eles não podiam olhar para ele ou para aquela glória (Hebreus 12; 2 Coríntios 3). Era uma glória insuportável que significava destruição, não salvação; não representava vida, mas morte. Até mesmo um animal, ao tocar a montanha, seria morto. Veja que glória pode ser uma coisa terrível, e quando oramos “mostra-me Sua glória”, devemos fazê-lo em termos de graça e de verdade, como no Evangelho de João. Quero dizer, na revelação de Deus por meio de Jesus Cristo. Caso contrário, isso seria morte e destruição.

A glória Shekinah vinda ao tabernáculo do passado na

chegada da lei, o entesouramento da lei, foi uma glória insuportável. Mas aqui temos um tabernáculo (“Ele tabernaculou entre nós”), outro tabernáculo nesse deserto, em que ou em Quem está a glória Shekinah, a mesma glória, a glória de Deus, mas interpretada em termos de graça e de verdade; não sendo insuportável, destrutiva, julgadora, mas para a salvação – no entanto, essa é a mesma glória. Mas, Oh! Como a glória difere em sua vinda à nós através de Moisés e através de Cristo!

A Igreja – um grupo de pessoas que viu

Essa glória sendo contemplada formou um povo. Este é o objetivo. A revelação dessa glória em Cristo, em termos de graça e verdade, deveria constituir discípulos, o núcleo da Igreja, e conduziria ao Corpo completo da Igreja. “Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galiléia; manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele” [Jo 2:11]. Este foi o objetivo: constituir um discipulado, que é, um grupo de pessoas ensináveis. Como eles poderiam ser ensinados, instruídos? Não seria por meio de uma completa lista de ordenanças: “Pode” e “Não pode”. Não seria por meio da imposição de um credo, uma regra de conduta. Isto é, não seria apenas pelo Cristianismo, mas pelo conduzir do próprio Senhor ao âmago da realidade de Seu próprio Ser, àquilo que Ele é. Ele, o Tabernáculo, com a

glória Shekinah entesourada em termos de graça e de verdade, manifestará essa glória na base da viva comunhão com Si mesmo, naquilo que Ele é. A Igreja sempre tem sido, nos pensamentos de Deus, destinada a ser um grupo de aprendizes neste sentido, aqueles que conhecem experimentalmente o que o Senhor Jesus é. Isso é simples. Isso nos afasta das complicações dos sistemas eclesiásticos e nos conduz a um relacionamento pessoal com o Senhor. “Manifestou a Sua glória”, nos é dito aqui. Uma forma apropriada, legítima e permitida para parafrasearmos essa afirmação seria dizer: Ele mostrou Sua graça e verdade, pois essa era a Sua glória. Se você puder ver a graça e a verdade que o Senhor Jesus é, você imediatamente apreenderá Sua glória. Quero dizer com isso que, vá a Caná da Galiléia e seja uma das pessoas ali, especialmente uma das pessoas responsáveis, e seja, desta forma, liberto do seu dilema. Então, você será uma pessoa feliz. Você estará cheio de louvor e gratidão, e dirá: “Tivemos uma grande libertação; o que teria acontecido se Ele não tivesse intervido?” Isto é, ver a glória de Cristo, ser cheio da glória de Cristo, glorificando à Cristo em seu coração, você se torna cheio da Sua glória. Mas, é claro, isso é um discernimento de Quem Ele é, não apenas uma feliz libertação de uma situação difícil.

Siga através do Evangelho de João, acompanhe qualquer uma dessas grandes intervenções do Senhor Jesus em

tempos de necessidade, dificuldade, angústia, sofrimento, tristeza ou morte; absorva a essência disso no coração da pessoa envolvida, e qual será o efeito? Um regozijo, um louvor, adoração ao Senhor, dizendo: quão maravilhoso Senhor Ele é! Você contemplou a Sua glória. Você obteve algo correspondente em você por algo que Ele é, a grandeza de Cristo. Você foi conduzido para dentro disso por meio de alguma expressão dEle, na linha da graça e da verdade.

O Grande e Inclusivo "Sinal"

Vejam os primeiros de Seus sinais. Considere todos os sinais apresentados no evangelho de João como sendo a manifestação da glória do Senhor, e verá que todos foram em termos de graça e verdade. Já mostramos que das seis palavras do grego que são traduzidas em algumas versões como "milagre", a palavra favorita de João é a que significa sinal. Havia um significado oculto neles. Portanto, os milagres de Cristo em "João" são sinais; são ensinamentos, instrumentos de instrução que transmitem algum significado.

Então, olhando para os oito sinais de "João", descobrimos que eles são manifestações de Sua glória em termos de graça e verdade; e que o primeiro é a base para todos os

demais, e para todo o Evangelho. Ou seja, todos os outros sinais estão agregados no primeiro, e todo o Evangelho está resumido no primeiro sinal. É por isso que acho que esse sinal foi feito fora da Judéia.

Mostramos anteriormente que o que foi dito e feito no Evangelho de João, em geral, foi dito e feito na Judéia. Entretanto, os primeiros movimentos em "João" não aconteceram na Judéia. Dois ou talvez três desses sinais aconteceram fora de lá. Eles estão, de uma maneira especial, relacionados à Igreja, e são dirigidos para a formação dos discípulos, têm a ver com a essência do que chamamos de "Igreja".

Talvez a melhor maneira de explicar isso seja deixando os eventos surgirem enquanto prosseguimos. Mas, me permita repetir que o primeiro sinal, em Caná da Galiléia, fora da Judéia, é abrangente, possuindo todas as características do Evangelho de João. Esse sinal é uma base para todos os outros sinais e nos conduz até o fim. Observe o termo que aparece ali: "o mestre-sala" [Jo 2:9]. O homem referido ali não era o mestre de cerimônias, mas era simplesmente o homem encarregado da comida e da bebida, devendo prova-las para ver se estavam adequadas. Ele provou a comida e o vinho antes dos convidados serem servidos, para ver se estavam adequados. O que ele disse foi muito significativo. Ele disse: "Tu, porém, guardaste o

bom vinho até agora" - "Tu guardaste o melhor vinho para ser servido por último", essa não é a ordem usual.

Quando consideramos isso em seu mais amplo significado, vemos Cristo no fim. O final de Cristo será o melhor. O propósito da vinda de Cristo em nossa experiência nos levará a um nível em que tudo estará no seu melhor. Supondo que subitamente desaparecessem todos aqueles elementos de conflito, discórdia, falta de companheirismo, cismas, guerra em todo seu princípio e espírito, luxúria, paixão e corrupção, e que se espalhasse, em toda a sua essência, um estado de paz e harmonia absolutas, com todos em perfeita compreensão, amizade, alegria e gratidão, e o pensamento do mal tivesse desaparecido, que coisa maravilhosa seria essa. Sim, seríamos capazes de suportar um mundo nessas condições! Bem, esse é o melhor vinho que está por vir. Esse é o fim de Cristo. É isso que está guardado para o final de tudo que Cristo começou a fazer. Tudo isso é o que está reunido, em princípios espirituais, no sinal de Caná da Galiléia.

Há muito princípios espirituais agregados nesse milagre, e cada uma delas representa um movimento em direção àquele fim glorioso, onde haverá um testemunho da transcendência do Senhor Jesus sobre tudo o que é natural. O habitual seria isso ou aquilo, mas a ordem muda quando o Senhor Jesus entra em cena. Chegaremos a um final

inusitado com Ele, pois o melhor vinho está guardado para o fim. Quando entrarmos na glória, diremos: Este é o melhor vinho, ele foi guardado para o fim.

O Terceiro Dia – Plenitude do Testemunho Divino

Vamos examinar brevemente esse primeiro sinal. Em primeiro lugar nos é dito: “Três dias depois, houve um casamento”. Será isso apenas uma observação natural? Terá sido isso mencionado apenas para apresentar um movimento no tempo? Acredito que não. Creio que isso está de acordo com várias outras referências semelhantes neste evangelho. “Seis dias antes da Páscoa, foi Jesus...” [Jo 12:1], por que isso? Por que esses movimentos no tempo? Bem, sendo breve e não querendo me aprofundar no assunto, podemos dizer que esse terceiro dia representa uma retomada do conteúdo de dois dias antes. O terceiro dia significa que há um Testemunho completo; três é a plenitude do Testemunho Divino, é a perfeição Divina, a plenitude Divina. Nesse terceiro dia, essa plenitude do Testemunho Divino é representada nesse sinal. Parte daquilo que foi dito antes, e o traz para uma plenitude de expressão cristalizada. Mas, o que aconteceu antes? Bem, o início de João é a doutrina da Pessoa de Cristo, Quem Ele é, o que Ele é; isso é o que veio antes. Então há uma reunião de discípulos pelo Senhor. O Testemunho celestial

de Cristo, o Testemunho do homem para Cristo, e agora uma companhia reunida. Simão, Felipe, Natanael, André. Gostaria de indicar o significado de cada um deles, mas você pode meditar sobre isso depois.

Plenitude que vem do Vazio, Vida que sai da Morte,
Alegria Proveniente da Tristeza, Glória que Emerge da
Vergonha

Tudo isso compreende este Testemunho do terceiro dia, a plenitude Divina. Qual é o Sinal em seus elementos? Bem, vemos aqui um casamento. Alguém pode dizer: um acontecimento normal e cotidiano. Sim, ele acontece dentro do compasso da economia Divina, debaixo da mão da soberania Divina. O que foi registrado nesse Evangelho não aconteceu como meros acontecimentos cotidianos. Eles surgiram pela soberania Divina, a fim de cumprir um propósito. Vemos aqui aquele princípio, aquilo que parecia um acontecimento comum acabou por ter sido Divinamente ordenado, a fim de servir ao propósito eterno. Soberanamente Deus ordenou esses detalhes para Seu próprio propósito. Não foi apenas por acaso ou por pura casualidade que esses fatos aconteceram, cruzando a vida do Senhor Jesus. Esse casamento, um entre muitos casamentos, teve um lugar na economia de Deus. Não foi sem um tremendo significado que o primeiro sinal do

Senhor Jesus, pelo qual Ele demonstrou Sua glória, esteja relacionado a um casamento; isso é um fundamento. Se observarmos todos os outros elementos que se vê no dia de um outro casamento, a ceia das bodas do Cordeiro, descobriremos na ceia das bodas do Cordeiro todos os elementos que estão presentes neste casamento em Caná. Vasos de água, vasos, seis deles. Esses são vasos da humanidade, vasos humanos, um tipo. O homem está em vista aqui, pois seis é o número do homem, e o homem é um vaso; mas empobrecido, sem conhecer nada a respeito de plenitude, talvez estando totalmente ou quase vazio. O fato de o Senhor ter que ordenar que eles devessem ser cheios, indica que eles não conheciam a plenitude. Vazio! Destinado à plenitude, mas não desfrutando dela! Destinado para a completa plenitude. Eles não eram apenas pequenos potes de água, nem meros jarros ou canecas. Perceba que os detalhes são fornecidos. A talha de pedra é a medida do Novo Testamento, que corresponde à banheira para os banhos de purificação do Velho Testamento, a qual comportava cerca de 30 a 32 litros. Agora, tendo uma ideia quantos litros cada vaso comportava, veja que havia seis deles. Capacidade destinada para uma larga medida de plenitude, mas que não se encontrava ali, não era conhecida.

Se água nos fala de vida, então a vida não era conhecida; apenas a morte estava ali. “A vida estava nele” [Jo 1:4]. “Eu

vim para que tenham vida e a tenham em abundância” [Jo 10:10] – essa é a intensão de Deus. O pensamento de Deus para o homem é a plenitude até o topo, não apenas plenitude em sua menor capacidade, mas em sua capacidade máxima. Uma grande capacidade sendo usada em sua plenitude; vida!

Mas aqui vemos que a morte estava verdadeiramente dominando onde a vida deveria estar. Além disso, tudo estava sendo ofuscado pela falta do vinho, e sabendo que esse era o fundamento de tal ocasião, que, se faltasse o vinho, toda a festa fracassaria, podemos imaginar que os corações dos responsáveis ali estavam consternados e desesperados, uma nuvem estava pairando sobre tudo ali. Havia muita ansiedade. Quero dizer, a alegria devia estar seriamente sufocada em razão dessa emergência. “Tenho-vos dito estas coisas para que... o vosso gozo seja completo” [Jo 15:11].

Essa situação, sem dúvida, traria censura, vergonha e desgraça, qualquer coisa menos glória. Na verdade, era o oposto de glória o que estava ocorrendo ali. Podemos perceber os elementos nisso tudo. Qual foi o efeito da intervenção do Senhor Jesus? Sua intervenção mudaria toda essa situação.

“Enchei de água as talhas”. Essa é uma frase no

imperativo, que carrega consigo o sentido de que as talhas deveriam ser cheias até a borda, e isso foi o que eles fizeram. Ele mudou o vazio em plenitude, a morte em vida, desespero em alegria, vergonha em glória. A água representando a vida, o compromisso do casamento representando a aliança do Seu sangue, o vinho, a plenitude completa. “Todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça” [Jo 1:16]. Há ainda uma declaração posterior do Apóstolo, que é uma visão retrospectiva, escrita muitos anos depois desse acontecimento: “E vimos a sua glória”, “temos recebido da sua plenitude”. De vazio para plenitude, de vergonha para glória, de desespero para alegria.

Plenitude! Tudo isso foi iluminado pela Sua Pessoa. Vida, a aliança em Seu Sangue; a Luz por Quem Ele era; a “alegria indizível e cheia de glória” [1Pe 1:8]. Tudo isso são elementos desse sinal básico. Tudo está reunido aqui, todos os outros sinais estão reunidos neste. Este sinal é o fundamento pelo qual esses discípulos foram conduzidos à um conhecimento espiritual dEle. Todos os grandes princípios de ambos os Testamentos estão presentes aqui. Se permanecermos com toda a questão da vida Divina, para a qual Ele veio, a fim de que a tivéssemos em abundância, o dom de Deus que é a vida eterna, descobriremos que essa é uma das coisas básicas desses sinais. Se tomarmos o precioso Sangue representado pelo

cálice que participamos na Mesa do Senhor, o vinho, a base da aliança de união com Ele, quando nos é dito: “Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” [Ef 5:25] – uma união matrimonial no Seu Sangue; se tomarmos os próprios pensamentos de Deus, os quais contém a plenitude, e como Deus sempre está e sempre esteve ansioso para preencher as coisas, não crendo nas coisas parcialmente cheias; teríamos um grande volume, mas que no final seria a mesma coisas, a qual chamamos de a universal glória de Cristo. No final das contas, Ele está enchendo todas as coisas em Seu Filho, e a Igreja é destinada a ser “a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” [Ef 1:23]. Vasos cheios – uma humanidade cheia até a borda com a vida, alegria, glória do Senhor, daquilo que Ele é. Isso é o que está sendo retratado aqui.

Fatores Governantes

Como REVELAÇÃO de Jesus Cristo – a Luz é um outro grande tema revelado em toda as Escrituras. Mas, será que conseguimos perceber as coisas que governam tudo isso? Primeiramente, “Minha hora”. “A mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. Mas Jesus lhe disse: Mulher, que tenho eu contigo?” [Jo 2:3-4] – ou, o que há em comum entre tu e eu; significando, tu estás pensando em uma realidade e Eu penso em outra; tu estás pensando em fazer

dessa festa um sucesso; por ser uma boa mulher, por sua sensibilidade, estás pensando no dilema das pessoas e nas situações desfavoráveis – em como podemos tornar as coisas mais fáceis, a fim de poupá-los dessa situação constrangedora; tu estás pensando nessa realidade natural. Eu tenho outros pensamentos. Não estou aqui para ser um convidado neste casamento, mas para estar em conexão com o fim para o qual descí do céu. Essa expressão “Minha hora” é sempre relacionada à grande obra do Senhor Jesus em Sua Cruz, pela qual Seu propósito universal é cumprido. Então Ele deixa de lado as sugestões naturais, tudo o que é meramente sentimental e terreno, e espera pelo testemunho do Espírito em Seu coração para Se mover junto com o Pai em relação às coisas eternas. “Minha hora” – é isso que governa as coisas, que eleva tudo para fora do nível sentimental de imaginar que o Senhor estaria ali apenas para enobrecer aquela cerimonia de casamento, ajudando socialmente em tudo. Isso conduz tudo para a vastidão da eternidade. Assim, Sua Cruz é a base para Seu primeiro sinal. “... Manifestou a Sua glória” [Jo 2:11] “(... glória como do Unigênito do Pai), cheio de graça e de verdade”. Isso não é algo local, temporal, mas é eterno. É isso que governa esta festa. Então, a Sua intenção é que isso seja feito.

O próximo ponto é o “princípio a Seus sinais” [Jo 2:11]. Este é um fato importante e representativo, que carrega

consigo um significado tremendo, tendo por detrás um sentido completo.

O Elo da Fé

Quando percebemos isso, obtemos esses elementos eternos, a luz, vida, alegria, plenitude, vemos que tudo isso é espiritualmente uma das principais características em todo o evangelho de “João”; Isto é, os crentes, aqueles ligados à Cristo, são trazidos para uma realidade de comunhão espiritual com Ele, entendimento espiritual, inteligência espiritual. Então a fé tem seu lugar. “Cheio de água”. Verdade! Mas que ainda não se tornou vinho. Não se tornou vinho até estar no caminho do mestre-sala. Pense naqueles homens levando água em vez de vinho ao mestre-sala. Mas Maria havia dito: “Fazei tudo o que ele vos disser”, e a hesitação deles foi evitada, a fé entrou em operação ao conduzirem ao mestre-sala o vinho que ainda era água. A mudança aconteceu no caminho, e quando chegou ao mestre-sala, era o melhor vinho. Há um desafio de fé. Apenas desejo que possamos alcançar a plenitude disso; relacionamento de fé para a plenitude de Deus em Cristo por nós, apreendido pela fé; relacionamento de fé ao que Cristo é em plenitude, vida, alegria, glória. Estamos no mesmo estado de quando tudo se desmoronou nesse banquete; por natureza estamos nesse estado. Há uma

nuvem sobre nós, há um senso de necessidade, vazio, morte espiritual, desespero. Estamos conscientes de que estamos em algo mas não estamos chegando à lugar algum; a coisa toda parece estar desmoronando, está em um estado de suspense. Tudo precisa mudar. Precisa haver vida no lugar da morte, plenitude no lugar do vazio, alegria no lugar do desespero, glória no lugar da vergonha. Não é assim que estamos por natureza? Não é esse o nosso lugar? Sim, esse banquete de casamento em ruínas é simplesmente uma fotografia do nosso estado; aquelas talhas, antes da palavra do Senhor Jesus chegar à eles, representa nossa condição. A atmosfera geral desse tipo de dilema é o estado das nossas vidas até que o Senhor entra em relação ao Seu Cristo. “Minha hora”; quando vemos o que Ele é, a plenitude de Deus para nosso vazio, a alegria de Deus para nossa tristeza, a vida de Deus para nossa morte, a esperança de Deus para nosso desespero; tudo isso é o que Cristo é. Não é algo que Ele nos dará, mas é Ele mesmo. “... e vimos a sua glória... cheio de graça e de verdade”. “Temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça”. Então vemos que o elo entre tudo isso é a obediência da fé. É a fé levantando-se e agindo em apreensão de Cristo, tomando Cristo, apropriando-se de Cristo, submetendo toda nossa vida à Cristo. “Fazei tudo o que ele vos disser”; faça de Cristo o Mestre-sala. É por isso que eu disse que esse homem o mestre-sala dessa cerimônia. O Senhor Jesus era o Mestre da cerimônia; o

outro homem apenas provava as coisas. Quando o Senhor Jesus é o Mestre, tudo está sujeito à Ele. Essa é a questão. O problema que sustenta as coisas muitas vezes é aquilo que ainda achamos que podemos conduzir do nosso jeito, de acordo com nossos próprios pensamentos. Esses homens devem ter parado e dito: Estás para nos colocar em grande problema nos dizendo para levar água ao comandante da festa. Podemos argumentar e dizer: Para que tudo isso? Não vejo propósito nisso. Não vejo como isso funcionará. Não estamos sujeitos à Cristo. Temos que ser conduzidos ao lugar onde nossas vontades, nossos gostos, nossas preferências, nossas simpatias e antipatias, tudo de nós mesmos deve ser deixado e Ele possa ser SENHOR, e quando Ele é Senhor e nós nos colocamos debaixo do impacto da Sua Cruz, a questão será essa plenitude, alegria, glória e vida.

Realmente acredito que possamos entender uma coisa: se somos capazes ou não de compreender o significado que está oculto – Cristo o tudo. Ele é tudo, Ele pode ser tudo para nós, mudando as coisas como Ele mudou as coisas aqui a partir do que eles não eram para o que deveriam ter sido. Ele pode fazer essa mudança para nós.

Grandes Verdades e Suas Leis

Leia: João 3:1-9

Prosseguindo com a nossa meditação neste Evangelho, o assunto que logo segue nossa consideração é: GRANDES VERDADES E SUAS LEIS.

Cada verdade Divina é governada por uma lei

É muito importante que tenhamos em mente que cada verdade Divina tem as suas leis, e somente entraremos na experiência dessas verdades por meio do caminho de obediência à essas leis. Farei aqui uma pausa, dando devida consideração à tremenda importância desse fato.

Três pontos em relação a essas leis

1. Deus as preserva

Há três pontos que precisam ser destacados como parte dessa afirmação geral. O primeiro é que Deus sustenta essas leis, e Ele Se assegura de que elas estejam implícitas

em cada movimento direcionado à uma nova verdade; apesar dessas leis não serem sempre entendidas de pronto. Em outras palavras, nunca entraremos de fato em nenhuma verdade, de maneira viva, se não tomarmos o caminho dessas leis que governam aquela verdade, ou que são base para aquela verdade. Deus Se assegura disso. As experiências pelas quais passamos quando nos aproximamos de qualquer verdade são os caminhos de Deus para estabelecer Suas leis em relação a ela. Nem sempre compreendemos o que Deus está fazendo, por que Ele está nos conduzindo daquela maneira, a razão dos Seus tratos conosco, pois Seus tratos não visam apenas nos introduzir naquela verdade, mas nos conduzir à verdade de acordo com as leis que as governam. Nem sempre entendemos isso quando essas leis estão sendo efetivadas, mas Deus nunca as deixa de lado, nem as ignora ou nos permite que viver a verdade separada delas.

2. O perigo de assumirmos uma verdade sem suas leis

O segundo ponto é que a verdade, tomada sem a operação da lei (coisa que é totalmente possível), conduz a um estado de desequilíbrio, uma posição falsa, e essa verdade passa a operar *contra* as pessoas envolvidas, não a seu favor. A questão em jogo será se a verdade conduzirá os envolvidos a um quebrantamento daqueles envolvidos com direção à um conserto e alinhamento espiritual com a verdade, ou eles se a abandonarão. (Quero ter certeza de que você está entendendo o que estou dizendo, então, por

favor, me permita reiterar). Em outras palavras, o que digo é que é possível assumirmos uma verdade, ainda que em desacordo com as leis Divinas que a governam. Apreender, aceitar ou manter a verdade fora da correspondência com suas leis essenciais nos coloca numa falsa posição. Entramos por outro caminho, não pela porta. Pensamos que entramos, porque temos a verdade, mas nossa entrada foi em base totalmente falsa. Não alcançamos a verdade pela porta, que é a vida; a alcançamos por outras formas, por outro caminho, sem a vida. Estamos numa posição falsa, desbalanceados: a verdade, portanto, operará para nossa ruína. Ela não nos dará suporte, ao contrário, ela nos derrubará, e teremos duas alternativas: seremos ajustados à verdade pela nossa queda, por termos nos deparado com ela, ou a abandonaremos como algo que para nós não funciona. Desistiremos dela, declarando que essa verdade “não se sustenta”.

3. Entendimento pode vir depois da experiência

O terceiro ponto é que uma experiência verdadeira e pura da verdade pode ser obtida sem se ter, naquele momento, um entendimento completo de suas leis; isso devido a pureza de espírito e honestidade do coração. Muitos estão vivendo no gozo da verdade que não compreendem; vivendo na experiência da verdade que não são capazes de definir. Apesar de desfrutarem de uma experiência verdadeira e pura da verdade, não conseguem estabelecer as leis que governam esse gozo e experiência. Mas o

Senhor não pára por aí, pois Sua vontade é conduzir a todos a um entendimento inteligente da verdade. Temos algo acrescentado pela compreensão, para o desfrute, apreciação e poder no indivíduo em questão; e temos algo adicionado para o Senhor ao ter um instrumento mais útil para o propósito da verdade. Por um lado, é um grande dia quando compreendemos nossa experiência, e então podemos dizer: Desfrutei disso, mas nunca compreendi, mas agora vejo o seu sentido. Algo foi adicionado. Para o Senhor esse também é um grande dia, quando Seus filhos não apenas estão desfrutando de uma experiência, mas possuem o entendimento que lhes permite ministrar de maneira inteligente. No Novo Testamento, a doutrina seguia principalmente a história, uma história produzida por certas verdades. Certas verdades foram proclamadas, apreendidas, aceitas pela fé e então a história teve início. Podemos substituir a palavra "história" por "experiência", mas experiência é uma palavra de conotação mais pessoal, enquanto história tem caráter mais geral. Penso na esfera do livro de Atos - os movimentos, desenvolvimentos, idas e vindas. Toda aquela história foi o resultado de certos fatos e verdade apreendidos pela fé. Mas a história não era o fim; mais tarde, a doutrina veio explicar a história. Atos vem antes das Epístolas. As Epístolas foram escritas para explicar a experiência, a história. Qual é o significado disso e daquilo? A resposta é dada na doutrina.

Isso não se trata de uma questão técnica, mas é algo de grande importância, que leva a exemplos concretos. Gostaria que você percebesse a ordem das coisas. Temos a verdade, ainda que incompreendida em sua plenitude, vista como verdade, que é então apreendida pela fé na pureza do espírito e na honestidade do coração,

produzindo a história. Mas o Senhor, nunca satisfeito em parar por aí, posteriormente trouxe uma grande revelação, que se tornou no ensino ou na doutrina dessa história. A Igreja, no Livro de Atos, não se moveu, agiu, prosseguiu ou permaneceu na esfera de uma doutrina sistematizada de ordem da Igreja. Ela se moveu espontaneamente, recebendo posteriormente a explicação de tudo, obtendo assim um sistema de doutrinas espirituais da Igreja, nascido da história. Essa história foi ocasionada por verdades aceitas na pureza de espírito pela fé. Se essa ordem sempre tivesse sido preservada, hoje teríamos uma situação muito diferente da que existe em nossos dias. Começamos com um sistema eclesiástico de políticas da Igreja e tentamos aplicá-lo na expectativa de obter vida como resultado. Isso é o oposto da ordem do Novo Testamento: vida, história e depois explicação. Não basta dizer: 'Bem, temos a experiência, então a doutrina não importa'. Muitos dizem isso. Isso é pregar uma experiência em vez da verdade, o que é sempre uma coisa perigosa, tomar a experiência sem fundamentá-la na Palavra de Deus para o ouvinte. "Venha para a nossa experiência." Isso pode ser um tremendo perigo. Quando Pedro disse, como escreveu em sua primeira carta: "... estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós", ele usou a palavra "logos", traduzida como "razão" [1Pe 3:14]. O que Pedro realmente quis dizer foi: 'Esteja pronto para prestar conta, explicar ou apresentar uma lógica inteligente a respeito da esperança que existe em vocês'. Ele se referia à uma capacidade de prover uma narrativa lógica, uma apresentação, um relato ou prestar contas daquilo que está em você.

Acredito que isso é o suficiente para nos aproximarmos desse assunto das grandes verdades e suas leis. Podemos então passar a considerar a primeira dessas grandes verdades no Evangelho de João.

A Primeira Grande Verdade: O Reino de Deus

Capítulo três. A verdade é referida nos versículos 3 e 5. “Se alguém não nascer de novo (do alto), não pode ver o reino de Deus”. “Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus”. Você deve se lembrar que essa é uma grande doutrina, o Reino de Deus. Era algo que tinha que ser pregado. Era o objeto a ser apresentado. Era algo que devia possuir os interesses e preocupações dos homens. Aqui, estranhamente, e talvez você se assuste ao ouvir isso, nascer de novo não é a primeira coisa. O Reino de Deus é a primeira coisa. Você não terá interesse em nascer de novo se não se interessar pelo Reino de Deus. Para levá-lo ao lugar em que você estará preocupado em nascer de novo, você deve, antes de tudo, ser conduzido face a face com o Reino de Deus; você deve se interessar por isso. Assim, os discípulos e os apóstolos pregavam o Reino de Deus - no sentido principal, um termo sinônimo de Reino dos Céus; são termos intercambiáveis, usados frequentemente para se referir exatamente a mesma coisa. Eles deveriam pregar o Reino de Deus, ou o Reino dos Céus. O próprio Paulo pregou a respeito disso até o fim de sua prisão em Roma, assim nos é declarado em Atos 28.

Resumidamente, o que é o Reino de Deus? Não é apenas um reino, mas um estado. Não é meramente uma ordem de coisas exteriores, mas um estado de vida interior. "O

reino de Deus não é comida nem bebida" [Rm 14:17]; "Não vem o reino de Deus com visível aparência" [Lc 17:20]. Não é um sistema imposto de fora para dentro, mas é um tipo de natureza que é celestial e de Deus. Se é um domínio, e o é, é um domínio no qual um estado é obtido e, antes que você possa entrar nesse domínio, é necessário entrar no estado. O Reino de Deus é aquilo que por natureza pertence a Deus; é, em uma palavra, a natureza de Deus, a semelhança de Deus, a abreviação do que é piedade; isso é o Reino de Deus. Nesse reino, não se obtém nada que não seja Deus. Essa é uma afirmação muito abrangente e completa. Voltaremos a isso logo mais. Esta foi apenas uma breve palavra sobre o que é e o que não é.

A Lei do Reino de Deus

Qual é a lei do Reino de Deus? Sua lei é o nascimento do alto. "Se alguém não nascer..." "Gennethei" significa gerado do alto. É algo mais absoluto do que o significado de nascimento. Para nós, o nascimento é a consumação de um processo. Aqui não se trata da consumação de um processo, mas é o ato original. A mesma palavra às vezes é traduzida como "gerado". Gerado de cima. Há três coisas nessa conexão. Primeiro, a diferença fundamental; segundo, a essência; e terceiro, a base.

Novo Nascimento – Uma Diferença Fundamental

Primeiramente, a diferença fundamental: "O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é

espírito" (versículo 6). Quero enfatizar o que antes chamei de "a singularidade" do novo nascimento. A maior realidade no filho de Deus, agora e até ao fim de sua experiência, é essa "singularidade". Em primeiro lugar, é uma "singularidade" do ser, isto é, da individualidade. Algo muito relacionado a nós, e ainda assim completamente distinto de nós.

Há uma doença, da qual muitas pessoas sofrem atualmente, chamada neurastenia. Uma das características dessa doença é a consciência de personalidades secundárias; isto é, a pessoa que sofre dessa doença está constantemente consciente de alguma outra presença invisível, geralmente maligna, sombria, perto deles, seguindo-os, assombrando-os, influenciando-os, às vezes insinuando, sugerindo. Algo muito real e terrível. À medida que essa doença se desenvolve e progride, essa personalidade secundária parece se tornar cada vez mais a própria personalidade da pessoa doente.

Assim, muitos que têm uma formação religiosa aceitam a ideia de que isso é possessão demoníaca, e acreditam que essas pessoas estão, com efeito, encarnando demônios.

Estou usando isso como ilustração. Sei que isso está conduzindo o assunto para o lado errado e para um nível muito baixo. Mas, o que quero dizer é que, no novo nascimento, existe aquela "singularidade" que não é nós mesmos, embora intimamente relacionada a nós, mas é algo do alto e é a maior realidade do verdadeiro filho de Deus até o fim.

Eu, por natureza, sou uma coisa, mas dentro de mim há algo que é diferente. Eu iria por esse caminho, mas esse

Algo não seguiria nessa direção. Certamente eu falaria desta maneira, mas esse Algo não concorda comigo e corrige o que está sendo dito. Eu escolheria um determinado curso, mas esse Algo me conscientiza de que Ele não está aprovando aquilo. Isso é muito difícil de definir e explicar, mas é algo muito real. É a base e a esperança de tudo para nós, essa "singularidade".

Portanto, a primeira nota, então, é a da distinção de entidade. Somos nós, e ainda assim, não somos nós, e sabemos que muitas vezes esses dois trabalham separados e não concordam. Certa vez, criei uma expressão técnica para tentar definir isso - se você não consegue entender o significado disso, não se preocupe, falei que isso é algo como o subjetivo-objetivo. Ou seja, algo interior, mas separado de mim, além de mim por natureza. Você percebe a importância disso, mesmo que seja por meio dessa expressão técnica. (Gostaria de dizer que não estou querendo te encher de termos técnicos. O que anseio é chegar à raiz das questões. Não estou pensando em nada além do que tem valor prático, e estou apenas tentando chegar ao valor prático das coisas para o bem do povo do Senhor. Não pense em tudo isso como sendo apenas muitos assuntos que eu separei para tentar transmitir a você. O meu desejo é que você alcance o real valor de tudo isso).

Em segundo lugar está a essência, não apenas como existência, individualmente, mas de constituição, de natureza, de perspectiva; completamente diferente de nós mesmos, diferentemente constituído. Tão completa é a diferença de constituição que muitas vezes contradiz nossas melhores e mais elevadas ideias, julgamentos e

pensamentos. Diferentes nacionalidades têm concepções distintas. Quando alguém de outra nacionalidade chega em nosso país, ou nós chegamos ao país dele, descobrimos que eles fazem coisas que nunca pensamos em fazer, e que nós fazemos coisas que eles jamais pensariam em fazer, e essas coisas que são feitas representam uma concepção e um padrão completamente diferentes.

Diríamos nós: isso é algo que não se faz em nosso país; fazer isso em nosso país seria escandaloso; mas para vocês é algo aceito. Eles talvez diriam o mesmo de muitas coisas que temos entre nós. Veja a questão da linguagem: uma mesma palavra significa coisas totalmente diferentes em países distintos. Na Inglaterra, por exemplo, pensamos muito em nossa deliciosa palavra "caseira". Se você usa essa palavra nos Estados Unidos, as pessoas franzem a cara para você. Aqui achamos que é o maior elogio dizer que uma mulher é "caseira". Nos Estados Unidos, isso significa que ela é muito rudimentar, simples e feia. Existe uma diferença total na concepção.

Nesse sentido, essa "Singularidade" é algo diferente das nossas concepções, nossas ideias, nossos julgamentos, nossos padrões; mesmo os mais elevados e melhores muitas vezes são desafiados por essa "singularidade". É uma "singularidade" na constituição.

Para resumir em uma expressão, Deus é diferente de nós, mesmos se O compararmos com o nosso melhor. Houve uma ruptura, não existindo uma continuidade de Deus na raça caída. Oh, muito alvoroço é feito em torno da continuidade de Deus na raça caída, no homem. Muita coisa é dita em certas esferas a respeito de Deus em todo

homem. Muito é dito sobre o Cristo em nós. Mas houve uma ruptura: Deus não é residente e Cristo não está presente no homem natural. Deus é diferente do homem, e tão completamente diferente quanto é possível para os dois. Ao invés de estender um dedo ou falar uma palavra para salvar, para resgatar a Si mesmo naquela criação, Deus destinou tudo à destruição. Deus não teria feito isso se Ele estivesse nessa criação. Se fosse assim, Ele estaria Se entregando à destruição. Se a Cruz do Senhor Jesus foi algo representativo, na qual toda a raça morreu sob a mão de Deus, então Deus teria matado a Si mesmo, se Ele estivesse nessa raça. A raça é tão plenamente sem Deus, que Ele não a salvará como ela é. Não. Houve uma ruptura, a continuidade foi encerrada. Essa é a "singularidade".

Até agora falamos no impessoal, temos então que trazê-lo para o pessoal, e dizer que a essência do novo nascimento é Deus, em Cristo, entrando por meio do Espírito Santo. É o próprio Deus em Cristo, pelo Espírito Santo entrando onde Ele não está. Deus não está no homem natural. Cristo não está no homem natural. O Espírito Santo não está no homem natural. "O Cristo em todo homem", do qual ouvimos tanto, é uma expressão que torna Cristo impessoal e fala de Cristo como alguma coisa. Mas O NOVO NASCIMENTO É UM ADVENTO, NÃO UM AVIVAMENTO. É um advento tão distinto e definitivo quanto o nascimento do Senhor Jesus em Belém, que não foi uma evolução, nem um avivamento, mas foi um advento.

O avivamento não é para pessoas não salvas. Novo nascimento é para pessoas não salvas. O avivamento é para pessoas salvas, em quem a vida se estagnou ou

desvaneceu. O novo nascimento é o ato definitivo de o Senhor vir e residir como Senhor acima de nós. Nos lembramos do que o Senhor Jesus disse sobre o Reino e sua vinda: "dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus" [Mc 9:1].

Quando isso aconteceu? Seu primeiro movimento foi no Monte da Transfiguração, e o segundo foi no Pentecostes. O Reino veio no Pentecostes. Mas o que foi o Pentecostes? O advento do Espírito! E qual foi o advento do Espírito? A residência do Espírito dentro da Igreja! Foi um advento. Até então, tudo estava em um estado de suspense sob a ordem divina. Toda a verdade foi apreendida, mas se eles tivessem pregado a verdade sobre o Pentecostes, teriam estado em uma posição falsa, um estado desbalanceado; haveria inconsistência, e essa verdade voltaria contra eles para destruí-los, e não operaria a favor deles.

Pentecostes, o Advento do Espírito, foi o berço do Espírito de Deus dentro da Igreja. Havia prenúncios e indicações, princípios claramente marcados e definidos antes disso. Houve um período parentético em que tudo estava em movimento, mas a consumação real não havia acontecido até o Pentecostes.

Naquela sala estava a Igreja representada, quando o Senhor chegou e soprou sobre eles e disse: "Recebei o Espírito Santo" [Jo 20:22]. Naquele momento, a Igreja estava sendo figuradamente constituída pelo Espírito Santo. Entretanto, não lhe foi permitida mover-se, nem poderia ela funcionar. Tudo ficou suspenso por um período probatório até o advento do Espírito, que tornou

tudo em realidade. Agora, a lei do Reino de Deus nasce do alto, que é o Advento de Deus em Cristo pelo Espírito em nosso coração, constituindo uma "Singularidade" que deve ser a nossa verdadeira vida até o fim.

Aqueles que têm algum senso, compreensão e conhecimento espirituais sabem como é verdadeira essa "Singularidade". É algo sobre o qual talvez tenhamos caído repetidamente, como quando tivemos a última palavra em uma discussão, ou quando debatemos conosco mesmos a respeito das nossas próprias vidas cristãs. Ou seja, há momentos em que, devido a várias condições ou circunstâncias, provações, dificuldades, períodos sombrios da experiência, o inimigo nos cerca em um canto e nos faz questionar a realidade de tudo; a realidade da nossa experiência e da nossa salvação. Nessas situações, qual é a nossa última palavra? Muitas vezes, no meu caso, a última palavra foi: seja o que for que eu sou ou não sou, essa "Singularidade" é a maior realidade que conheço. Sei por experiência que quando, para mim, certas coisas se tornaram totalmente impossíveis, espiritual, mental e fisicamente, essa "Singularidade" veio resgatar e completar tudo. Sei que minha experiência não é produto do meu próprio "eu"; sei que a obra que fiz não foi o resultado da minha própria capacidade. Conheço perfeitamente minhas limitações, mas sei que há uma história que não pode ser explicada por nada que seja meu. Eu sei disso quando cada grama de meu ser, no seu melhor, argumenta em uma certa direção, mas aquela "Singularidade" não concorda comigo e me convence do contrário, e a questão prova que essa "Singularidade" estava certa e eu, no meu melhor, estava errado. O que é essa "Singularidade"? É o Senhor, o Espírito. Essa é a essência do nascimento do alto, o próprio

Senhor. Ele não é como nós somos - Ele é outro.

A Base do Novo Nascimento

A terceira coisa: a base do novo nascimento. É a aceitação do fim das possibilidades do velho nascimento. No que diz respeito ao Reino de Deus e tudo o que se relaciona a ele – caráter, conduta, ser, fazer, conhecer, compreender e funcionar - o nascimento natural não oferece absolutamente nenhuma possibilidade de nos levar até lá.

Naturalmente, não podemos ver o Reino de Deus. Mesmo no alto nível de um Nicodemos – equipada, religiosa, intelectual, eclesiástica e moralmente falando - não podemos ver o Reino de Deus, mesmo na nossa melhor forma natural ou por realização humana. Sei que isto que estou dizendo é algo que muitos já conhecem, mas sejam pacientes.

É muito importante que a primeira coisa que vamos falar seja familiar a todos, e que possamos dizê-las enfaticamente. Não está determinado o motivo pelo qual o Senhor Jesus alterou a ordem de Sua resposta a Nicodemos no quinto versículo, em comparação com o terceiro. Uma coisa está clara: Nicodemos não entendeu Sua declaração. Nicodemos entendeu que Ele estava querendo dizer o que nossa Versão Autorizada parece sugerir: "Você precisa nascer de novo". Isso lhe transmitiu uma ideia completamente diferente de nascer do alto. A palavra grega usada permite essa concepção e apreensão; de fato, a mesma palavra é usada em outro lugar no sentido de "novamente" ou "uma segunda vez". Nicodemos apenas

recorreu a esse aspecto específico da palavra, o da declaração do Senhor no sentido de um nascimento que se repete.

O Senhor, em Sua mudança de direção, de linguagem, evidentemente pretendia lidar com mal compreensão e apreensão inadequada, e essa é a única maneira pela qual podemos explicar o que Ele quis dizer em Sua segunda declaração: "Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus." Alguns acreditam que o Senhor, ao usar a palavra "água", estava Se referindo à Palavra de Deus. Outros, em bem maior número, penso eu, sustentam que se refere ao batismo.

A palavra aqui é: "...fora da água e do Espírito". Se é isso o que o Senhor queria dizer, toca imediatamente o que estávamos dizendo na declaração anterior; mas, quer o Senhor quis dizer batismo e Espírito, quer não, o princípio sustenta que nascer do alto, posto em oposição à posição de Nicodemos, significa que uma história está completamente terminada e outra - uma história completamente diferente – inicia-se.

Portanto, o princípio é o mesmo: se é batismo - o batismo é um TIPO de morte para a antiga criação, morte e sepultamento, em que um sistema inteiro, ordem e criação é deixado de lado e fora da vista de Deus; crucificado com Cristo, sepultado com Cristo, então, é claro, ressuscitado em Cristo. É a nossa aceitação do fim das possibilidades do velho nascimento.

Não trouxemos um fim à essas possibilidades, que foram alcançadas há muito tempo, e Deus as vê e as declara, e o nascimento do alto pressupõe e postula o fato de que esse

velho nascimento, mesmo no seu melhor, nunca poderá ver ou entrar no Reino de Deus. Tentar fazer isso pelo velho nascimento é inútil e fútil. Você e eu nunca entraremos no Reino de Deus por outra base que não seja Deus vindo ao nosso interior em um novo nascimento; nesse sentido, nascemos do alto; um ato de Deus pelo Espírito Santo: "... assim é todo o que é nascido do Espírito." "O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito."

O novo nascimento significa que nós, por um ato de Deus no Espírito Santo, nos tornamos espirituais, no sentido de que correspondemos totalmente ao Reino de Deus em sua natureza espiritual. É uma adequação a Deus. "Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade" [Jo 4:24].

Acredito que agora podemos ver o motivo pelo qual o Senhor imediatamente, de maneira tão peculiar e estranha, interrompeu Nicodemos com um imperativo. Nicodemos inicia sua conversa - não sei se de uma maneira paternalista ou um tanto absurda: "Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele" [Jo 3:2]. "Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" [Jo 3:3]. Qual é a conexão entre a pergunta e a resposta? Parece não haver qualquer vínculo entre elas, e fazer essa conexão parece que não era relevante. O que aconteceu foi uma tremenda interrupção por parte do Mestre, trazendo uma pausa à tudo isso e dizendo, com efeito: Se você veio discutir coisas espirituais, vamos parar por aqui, porque sua necessidade é nascer do alto. Se veio

falar sobre o Reino de Deus e como entrar nele, você deve nascer do alto. Se você está interessado em Mim e no que Eu represento, você só pode ter um interesse e compreensão vivos quando nascer do alto.

Perceba que ele antecipa o final que Nicodemos provavelmente tinha em mente, e o traz à tona com um imperativo logo no início, como que dizendo: Olhe aqui, Nicodemos, não adianta você e eu discutirmos essas coisas, porque estamos em dois reinos diferentes; precisamos estar no mesmo reino para entender e apreciar essas coisas, e Eu sou do alto; você tem que vir do alto, Nicodemos, para estar em comunhão Comigo; não temos como conversar sobre o assunto enquanto você está em um mundo e Eu em outro. Você deve chegar ao reino em que estou, e então teremos comunhão e entendimento, porque isso significa que você terá novas capacidades, uma nova consciência; você será capacitado com habilidade espiritual para entrar nessas coisas. Até que você nasça do alto, isso te será impossível, mesmo sendo um mestre em Israel.

Esse imperativo, esse "é necessário" carrega consigo toda absoluta impossibilidade do homem natural, mesmo em seu mais alto nível, de entrar nas coisas do Reino de Deus e em tudo o que contém o lado positivo e poderoso daquilo que é estar no Reino de Deus. Isto é, ter o que é de Deus residindo no interior por meio do nascimento; Capacidade Divina, consciência Divina, entendimento e inteligência Divinos, e tudo o que pertence a Deus - exceto a divindade.

Para mim, a maravilha da vida cristã é a realidade do que chamei de "Singularidade". A realidade de Outro tão intimamente relacionada comigo, subjetiva e ainda

objetiva. Em mim, mas não eu, e ainda assim, tão perto de mim, da minha consciência tanto quanto é possível algo estar. Esse é o fundamento de toda a nossa esperança e confiança; é a fonte de tudo para a realização final da perfeita semelhança de Deus; "Cristo em vós a esperança da glória".

Em outro capítulo, veremos com que ilustração vigorosa o Senhor aplicou a Sua declaração sobre a necessidade de nascer de novo, e o porquê disso.

Capítulo 4

A Necessidade do Novo Nascimento

João 2:1-11; 3:1-21; 4:1-26; 1:4.

Continuando com nossa consideração a respeito das “Grandes verdades e suas Leis” no Evangelho de João, chegamos ao capítulo quatro, passando de Nicodemos para a mulher de Sicar, da Judéia para Samaria, com uma conexão espiritual entre esses dois. É interessante perceber a pouca importância dada ao tempo e ao espaço nessa realidade espiritual do Evangelho de João. Os registros do capítulo quatro seguem o capítulo três. Há uma pequena declaração de que o Senhor, por causa da insurgência de certa hostilidade por parte dos Fariseus na Judéia, deixou essa região e tomou o caminho em direção a Galiléia. Na última parte do capítulo três encontramos certas observações feitas por João Batista, e depois um comentário de João, o escritor da carta, sobre as palavras de João Batista, e, a partir de certo ponto, é difícil saber se é João ou Cristo que está falando, já que as palavras dos dois se misturam. No entanto, é importante notar que, apesar dessa pequena referência intermediária, existe um espaço considerável, tanto de tempo como geográfico, sem

qualquer referência do autor, porque o Senhor passou nove meses na Judéia. Ou seja, a partir do momento em que encontrou com Nicodemos em Jerusalém aqueles nove meses parecem não ter existido, já que Jesus é encontrado agora em Samaria, no poço de Jacó, na região de Sicar, se dirigindo para Galiléia. Perde-se de vista o tempo, e a geografia ocupa um lugar secundário. É importante manter em mente o que já dissemos, que quando chegamos à “João”, tocamos uma realidade diferente se comparada com os outros Evangelhos, os quais estão muito mais relacionados com as coisas terrenas, com o tempo e o espaço. Em “João”, nós entramos em uma realidade de coisas espirituais, onde a geografia não conta muito e o tempo deixa de ser um fator dominante; entramos na sequência de uma história espiritual. E então, nos encontramos saindo da história de Nicodemos para a história da mulher Samaritana, por meio de uma rápida transição, mas com uma conexão espiritual, uma bastante clara e definida conexão espiritual entre os dois, indicando que João está escrevendo uma história espiritual. Não se trata de uma história dentro da escala do tempo ou relacionada a coisas daqui da terra, mas é uma história das coisas que são eternas. É muito interessante, importante, valioso e de grande ajuda percebermos isso em nossa leitura deste Evangelho. É a ordem espiritual da história que está diante de nós aqui, qual seja: Caná na Galiléia, Nicodemos em Jerusalém e a mulher em Sicar.

O nosso objeto imediato de análise vai de Nicodemos para a mulher de Samaria. Quando estávamos no capítulo dois, na cena de Caná da Galiléia, dissemos que a transformação da água em vinho no casamento era algo inclusivo de todas as coisas que se seguiam no Evangelho. Aquele sinal, aquele evento, aquele incidente em Caná da Galiléia compreende o Evangelho, e tudo o que se segue pode ser encontrado como uma semente em Caná. Agora, então, veremos como isso é verdade nesses dois casos.

Referindo-nos ao capítulo três, Nicodemos corresponde ao vinho que acabou. Pense nisso por um momento. Nicodemos vem de toda a plenitude da vida religiosa natural, moral, eclesiástica e intelectual. Ele se apresenta ao Senhor Jesus como um modelo humano na esfera da velha criação, até mesmo no conceito religioso. E, o motivo pelo qual Nicodemos chega até ao Senhor é muito instrutivo para nós. Ele deseja ser ensinado, quer aprender algo a mais, e o Senhor Jesus irrompe instantaneamente como que dizendo: “Nicodemos, isso é impossível para você. Nunca chegaremos a lugar algum na esfera em que você se encontra. Você precisa nascer do alto. Você nunca poderá aprender coisa alguma de Mim, antes que nasça do alto e obtenha, como Eu, essa união com o que é celestial, porque Eu sou do alto”. Então quando Nicodemos está no seu melhor, o velho vinho acaba e o vemos evidentemente

desconcertado. Isso foi o que aconteceu nas bodas, com respeito ao vinho velho que havia acabado. Houve um impasse, uma interrupção da possibilidade de se prosseguir, e podemos traduzir essa atmosfera assim: 'Bem, não temos como continuar nessa esfera, com este recurso que temos, com esses meios; não temos como prosseguir'. Nicodemos corresponde ao vinho que acabou e ao milagre de nascer do alto. Essa é a intervenção de Cristo em conexão com a expressão "Minha hora". A hora do Filho do Homem é a hora quando Ele leva realiza aquilo que torna possível o novo nascimento.

Por que um Novo Nascimento é Necessário?

O Senhor prossegue. Ele não apenas mostra que há um impasse e que Ele não pode ir a qualquer lugar com Nicodemos, assim como Nicodemos não pode prosseguir com Ele, a não ser que seja na base do nascimento do alto, e Ele prossegue mostrando por quê. Ele lança sobre o pobre Nicodemos a desonra da situação ao continuar falando a respeito da serpente no deserto. Sabemos que tal serpente representa os pensamentos de Deus a respeito do homem. Ela é levantada, elevada sobre um poste: "E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto..." [Jo 3:14]. Devemos lembrar que a serpente é algo amaldiçoado porque é simbolicamente a personificação do pecado.

Amaldiçoada e elevada. Oh, a terrível natureza de sua interpretação: "... assim importa que o Filho do Homem seja levantado". Precisamos da explicação de Paulo: "Cristo... fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar" [Gl 3:13]. "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós" [2Co 5:21]. Então Ele foi feito maldição, pois está escrito: "Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro" [Gl 3:13; Dt 21:23]. Se quisermos conhecer mais a respeito da terrível abrangência dessa maldição, precisamos ler Deuteronômio, capítulos 27 e 28. Tudo se resume em uma única coisa, que é no não fazer a vontade de Deus, não obedecer aos mandamentos do Senhor. E o Senhor, que veio com prazer fazer a vontade de Deus, de Seu Pai, e a fez perfeitamente até o ponto de entregar Sua vida voluntariamente no lugar do homem, que havia falhado completamente em fazer a vontade de Deus. Assim Ele recebeu a maldição de Deus, foi excluído da Sua presença em julgamento. Ele representou o homem, no estado humano e, debaixo daquela maldição e julgamento, representou também o pensamento de Deus a respeito do homem em sua natureza. Colocando tudo isso sobre Nicodemos, descobrimos um terrível embate para um homem como ele. O Senhor vai direto ao cerne da questão com Nicodemos. Uma morte tomou o lugar; um lugar inferior de morte havia sido alcançado debaixo de condenação e julgamento. Podemos dizer que o marco zero foi atingido.

A Verdade a Respeito da Vida Eterna

O caminho é preparado para a questão que será considerada a seguir: a vida eterna. Essa é a transição de Nicodemos para a mulher de Sicar. João 3:36 é o último verso do capítulo e é o elo entre os dois capítulos: “Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus”. Essa é a serpente no deserto. Passando para o verso 14 de João 4: “Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna”. Quando o lugar de morte, o marco zero, é atingido, então a vida eterna pode ser vista, mas nunca antes disso, e é isso que Sicar representa. Sicar traz à tona o ensino a respeito da vida eterna. Essa é a segunda verdade – a vida eterna. Não há necessidade que retornemos à Caná da Galiléia. Podemos ver, de forma muito patente, a vida vinda da morte; vida jorrando do marco zero. O Senhor Jesus fez uma pausa muito definida aqui. Sua mãe havia dito: “Eles não têm mais vinho” [Jo 2:3], e Ele não prosseguiu com o curso natural das coisas sem permitir um sentimento de conclusão e encerramento, Ele fez uma pausa. Sim, esse é o fim, essa é uma realidade, uma história. Essa pausa está

relacionada a “Minha hora”, e essa expressão, “Minha hora”, está sempre relacionada com a Cruz. A Cruz sempre será uma grande pausa na história deste universo – Silêncio no céu. Uma história foi encerrada. Temos uma lacuna, não uma continuidade; e então uma nova história começa. O Senhor Jesus disse a Sua mãe: “Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora” [Jo 2:4]. Temos uma pausa e depois uma fala trazendo algo novo. Não se trata de acrescentar algo ao velho no final da festa, mas sim de fazer algo totalmente novo. Esse é um princípio usado pelo Senhor: “Não se põe vinho novo em odres velhos... Mas põe-se vinho novo em odres novos...” [Mt 9:17]. Temos algo totalmente novo vindo à tona. Vinho novo, algo diferente do que se tinha antes.

Descobrimos, então, que no capítulo somos trazidos à doutrina da vida eterna, doutrina essa que, se considerada exaustivamente, ocuparia muitas páginas, mas que por ora deve ser abordada em poucas linhas, resumida em uma ou duas declarações compreensivas.

O Significado da Vida Eterna

O que é a doutrina da vida eterna? Em uma declaração, vida eterna é a necessidade de se ter internamente o que é de Deus, como base para tudo o que é relacionado a Deus

em vida, comunhão, serviço e futuro eterno. A questão com Nicodemos era a respeito da entrada no Reino de Deus. Vemos que o Reino de Deus é uma condição, um estado, antes de ser uma realidade. Somente o que é de Deus entra no Reino de Deus. A esfera de Deus é aquela na qual nada mais é obtido além de dEle mesmo. Através da morte, no capítulo três, nos movemos para o lugar onde vemos qual é a base para a realidade de Deus, o que é se relaciona com todas as fases de nossa relação com Deus; qual seja, a vida de Deus, a vida Divina, conhecida como vida eterna. Ela, estando dentro de nós, é a base sobre a qual todas as atividades e operações de Deus se processam. Seremos unidos ao Senhor? Bem, esse é o primeiro passo na vida do crente. Essa é a primeira fase da vida espiritual, da verdadeira vida Cristã: Ser unido ao Senhor. A natureza da união com o Senhor é o repartir de Sua própria vida, da vida Divina nos unindo a Ele mesmo. Não é algo que foi retirado Dele e dado a nós, porque a vida nunca pode ser cortada em fragmentos e distribuída; a vida é uma, uma em sua essência, e isso faz com que ela seja uma unidade orgânica entre todas as partes onde ela penetra. Trata-se da vida de um corpo, não algo organizado, mas orgânico. Então, a união com Deus acontece por meio do recebimento da vida de Deus.

Queremos um relacionamento com Deus, que é algo além da união, mas uma vida de comunhão? Isso se dará apenas

sobre a base da vida de Deus dentro de nós. Deus terá comunhão com aquilo que é dEle mesmo em nós. Deus nos trará para dentro de um relacionamento com Ele, colocando algo dentro de nós com o qual Ele pode ter comunhão. Deus não pode se relacionar com a carne, com o homem natural. O relacionamento de Deus é com aquilo que é essencialmente dEle mesmo, e que nos é dado como dom de Deus, que é a vida eterna em Jesus Cristo nosso Senhor.

Desejamos servir ao Senhor? O mesmo princípio se aplica aqui: relacionamento real com Deus em serviço acontece somente sobre a base da vida ativa e energética de Deus em nós. Paulo falou sobre isso: “energia que energiza poderosamente em mim”[1]; e então disse que Deus é “poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que OPERA EM NÓS” [Ef 3:20]. Este é o lado do serviço vocacional ativo. O agir de Deus baseado em um princípio de energia (considero no momento como uma concessão de energia). Serviço demanda vida Divina em nós, e vida Divina é a base para o serviço Divino. Muitos de nós já provamos que por intermédio da vida Divina podemos fazer aquilo que é totalmente impossível para nós em nossa vida natural. Muito frequentemente a vida Divina surge como nosso recurso quando estamos quase mortos, nos capacitando a fazer coisas que são espantosas para nós

e para qualquer um que conhece nossa história interior.

Desejamos conhecer o Senhor mais plenamente? Isso só será possível sobre esse mesmo princípio: “A vida estava nele e a vida era a luz dos homens” [Jo 1:4]. Alargamos o nosso conhecimento espiritual do Senhor à medida que a vida de Deus pode crescer e se mover em nós de forma desimpedida e ininterrupta, e na medida que não colocamos nenhum obstáculo em seu caminho pela desobediência às reivindicações e demandas dessa vida. Vida emite mais vida. Encontre um crente, um filho de Deus, que caminha livre, desimpedido, de forma poderosa e transparente com o Senhor em espírito, sem preconceitos, sem questionamentos, sem controvérsias, sem desobediência, e você descobrirá que esse filho de Deus está entrando em um conhecimento cada vez maior de Deus. Encontre um filho de Deus que colocou dificuldades no caminho do Senhor pela desobediência, reservas, hesitações, limitações, rebeliões, e você notará duas coisas se seguindo instantaneamente: a limitação da vida, e a obscuridade no entendimento. É sempre assim, as duas coisas andam juntas.

Temos a esperança da ressurreição eterna? Bem, a ressurreição para a vida é baseada exclusivamente sobre o fato de já termos a vida eterna dentro de nós. Isso não significa que aqueles que não obtiveram vida eterna não

serão ressuscitados dentre os mortos para o julgamento. Sim, eles serão! Mas, assim como Paulo, João faz uma distinção: “os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida”. Literalmente “ressurreição de vida”. “Os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo” [Jo 5:29] – a ressurreição do julgamento eterno. Existe a ressurreição da vida e existe a ressurreição da morte. A ressurreição para dentro da vida eterna tem como base o fato de termos a vida Divina em nós. Esse foi o argumento de 1 Coríntios 15. Um corpo ressurreto será formado em torno de uma semente, aquele germe deve estar lá. Algo deve existir ali para ser revestido. Paulo fala a respeito desse revestimento dele mesmo e de todos nós. O que será revestido? O espírito vivo habitado pela vida de Deus. Não existe esperança de ressurreição eterna apenas na base de já possuímos a vida ressurreta. A vida de ressurreição será dada a um corpo ressurreto. O corpo ressurreto evidenciará a vida ressurreta, por isso precisaremos ter agora ressurreição espiritual para ter ressurreição física e glorificada mais tarde.

O resumo de tudo isso é que a doutrina da vida eterna é a necessidade de se ter o que é de Deus dentro de nós, como a base para tudo em relação à Ele mesmo. Dito isto, cobrimos toda a base da doutrina da vida eterna. No entanto, será de grande ajuda para você nessa questão se puder ir ao Novo Testamento com uma concordância, ou

se for possível ler na língua original, buscando pela única palavra que é usada para vida eterna. Você descobrirá inúmeros detalhes e verá quão cheio de luz é o Novo Testamento a respeito dessa doutrina, e quão variadas são suas aplicações.

Tendo exposto amplamente a verdade a respeito da vida eterna, vamos nos aprofundar mais nosso capítulo, para olhar, por um momento, para o local estabelecido para esse ensino, e qual foi o ensino do Senhor em relação a isso. O local ilustra muito bem a ausência de vida eterna. Podemos observar isso de diversas perspectivas, se quisermos. Olhando a partir do ponto de vista espiritual, a condição dessa mulher representa um permanente senso de carência. Tal senso é contínuo, persistente, não importa o que ela faça. Há uma atmosfera de anelo, de aspiração por algo mais. Pode até ser que ela conscientemente não estivesse entendendo seu próprio coração., talvez ela sequer conseguisse interpretar os sentimentos mais profundos de seu coração, mas, sem dúvida, em torno desse incidente havia uma atmosfera de carência, um senso de anseio e aspiração. Isso está bastante claro. O Mestre teve apenas que tocar no assunto de satisfação, e ela instantaneamente disse: Ah! Isso é o que quero conhecer. Sim as atividades da vida não a satisfaziam esse senso de carência. “Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la”. De fato, é como

que se dissesse: “Eu venho aqui a todo tempo buscar água, mas minha contínua atividade em direção à satisfação dessa carência sempre me desaponta, nunca alcanço meu objetivo; nunca chego ao ponto de sentir ou dizer: agora tudo está feito e nunca mais preciso fazer isso novamente”.

Se pudermos compreender aquilo que está nos próprios corações, poderemos entrar na atmosfera desse capítulo. Se pudermos perceber a vida espiritual do mundo, veremos que é exatamente assim. Talvez haja uma carência não interpretada nem reconhecida em toda raça humana. Existe esse senso, conhecido ou não, de que há algo incompleto nas coisas, de que alguma coisa deveria acontecer, mas não acontece. Essa vida tem algo obscuro em sua essência, uma atração para alguma coisa que nunca se alcança. Há uma aparência ilusória nessa vida. É como que se precisássemos ter algo que é inatingível. Sentimos isso, independente de expressarmos ou não em palavras. Nos esforçamos, empreendemos diversas atividades nessa busca por algo que sentimos ser necessário para trazer um fim a essa carência, que saciará essa persistente deficiência de vida. Essa vida é deficiente em sua natureza. Tudo que empreendemos nessa busca pelo que é supremo parece não ser bem sucedido, entra em colapso. Essa é a visão a partir do ponto de vista espiritual. Essa é uma evidência da carência da vida eterna.

Vamos olhar agora para o ponto de vista moral. A vida dessa mulher estava totalmente em desarmonia com o padrão de Deus. Sabemos da sua história. O Senhor Jesus era sensível a isso. Ele não era grosseiro, vulgar, desagradável, e, ainda assim, logo trouxe a história da mulher à tona. Ele tirou o esqueleto do armário e o expôs, não permitindo que ficasse encoberto. É essencial, no caminho para a vida, que cheguemos a um lugar onde reconhecemos quão fora de harmonia estamos do padrão moral de Deus. “Vai, chama teu marido”. “Não tenho marido”. “Bem disseste, não tenho marido; porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido”. “Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que tu és profeta”. Podemos perceber seu truque para desviar a atenção. “Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar”. Ela se deparou com um desafio e passou a falar a respeito dos santos, colocando-os um contra o outro. Aquela mulher adotou uma linha doutrinária, lógica e eclesiástica como uma barreira para o assunto abordado pelo Senhor. As pessoas fazem isso quando começam a ser encurraladas pelo Senhor com relação aos seus pecados, começando a discutir sobre os santos, assuntos religiosos, a fim ocultar o problema; mas o Senhor sabe como lidar com situações como essa. Mas veremos isso mais adiante. O caminho para a vida eterna não é apenas reconhecer o fato de que existe um persistente senso de carência, mas ver que essa

carência está em desarmonia com Deus, e que moralmente, em nossa natureza, não representamos o Seu padrão.

Se você acha que o caso dessa mulher é extremo, Oh! Lembre-se que isso é apenas uma questão de nível, de grau, pois o Senhor apresentou a serpente do deserto para Nicodemos afirmando que esse é o ponto de vista de Deus, até mesmo para alguém como ele. Talvez não seja necessário nos colocarmos na categoria dessa mulher com seus pecados, mas, moralmente, somos exatamente iguais, em nossa natureza. Estamos distantes de Deus, seja qual for o nosso caso, sejamos como Nicodemos ou como a mulher de Sicar. O que quero dizer é que o padrão de Deus e mínimo irredutível é Seu Filho, a perfeição de Cristo. Você pode se comparar a isso? Algum homem pode se comparar a isso? Nem Nicodemos, nem essa mulher podem se comparar a esse padrão. É só uma questão de nível, de forma de expressão, mas a separação moral de Deus é simplesmente a mesma. Você pode dizer: “Como alguém pode ser salvo se a perfeição de Cristo é o mínimo irredutível de Deus?” Devemos nos deparar com essa questão antes de continuarmos com essa história: O que Cristo é?

Então, vamos olhar para essa história sob outro aspecto, o religioso. Como uma porta dos fundos para sair desse assunto embaraçoso e dessa situação delicada, aquela

mulher começa a discutir sobre religião, mas ela revelou algo ao introduzir esse assunto. “Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar”. Bem, essa é a tradição sem poder. “Nossos pais adoravam neste monte...” Qual foi o efeito moral ou espiritual disso sobre ela? Qual era o efeito sobre aquela mulher esse fato de um templo no Monte Gerizim, uma cópia das Escrituras do Velho Testamento e a adoração de seus pais? Não tem utilidade nenhuma para nós dizer que ‘meu avô foi um grande santo e meus pais são bons cristãos’. Essa não é a porta de saída. Até agora, ela estava preocupada apenas com meras tradições destituídas de poder. Isso não lhe trouxe satisfação nem libertação moral e, olhando do ponto de vista religioso, a religião era mais um inimigo dela do que um aliado. A religião não a ajudava em nada. A religião de seus pais não significava nada para aquela mulher.

Muito frequentemente, o fato de que termos sido trazidos para junto dos Cristãos, de termos a tradição Cristã na nossa história, pode atuar mais para nossa destruição do que o contrário. Ter uma educação cristã não é garantia de bênção. Oh! Ninguém vai limitar o seu valor, nem tentar diminuir a importância de sua ajuda para nós. Mas alguns desejariam ter correndo em suas veias muito mais dessa genuína santidade e piedade correndo. Talvez seus conflitos tem sido maiores pela carência disso e receber

uma educação religiosa não nos garante essa bênção, nem implica que se a recebermos ficaremos bem aos olhos de Deus. Pelo que vimos até aqui, a tradição destituída de poder pode existir. Certamente esse era o caso da mulher de Sicar.

Tudo isso diz está relacionado ao local estabelecido para esse ensino do Senhor. Tudo nos mostra ausência de vida eterna, é um forte argumento da existência de um vazio, que se constitui no tema central, a saber, vida eterna. Vida eterna responde a todas essas questões. Vida eterna satisfaz totalmente esse senso de carência eterna. Você recebe algo de caráter definitivo em seu coração quando recebe vida eterna. Vida eterna traz libertação moral. Você verá como isso acontece em um momento. A vida eterna transforma todas as nossas tradições em realidades vivas. Seria possível abrir as comportas de vida eterna para inundar o sistema tradicional de hoje? Apesar dessas coisas aparentarem vida, não era vida de fato, mas morte.

A Natureza da Vida Eterna

Qual é a natureza da vida eterna? Temos quatro palavras gregas que são traduzidas como “vida” no novo testamento. (1) “Bios” – que significa a espécie ou o período da vida, o tipo de vida que vivemos, ou a forma de

vida daqui e a sua duração. (2) “Psuche” – que significa a vida animal; algumas vezes sopro; especificamente um ser vivente que é animado ou que possui vida. (3) “Pneuma” – que é espírito, significando vivacidade, atividade. É usada somente uma vez dessa forma, em Apocalipse 13:15. Mas, “pneuma” é o Espírito Santo. (4) “Zoe” – Esta é a palavra que é sempre, ou quase sempre, relacionada com Deus. É o dom de Deus em Cristo. É o que Cristo veio dar, o que somente os Cristãos possuem. O que denominamos vida eterna é originalmente “Zoe eterna (aeonian)”; vida incorruptível, vida Divina.

Dito isso, e recebendo dessa vida eterna, somos capazes de perceber sua natureza. Ela é composta por dois elementos. Um é sua qualidade, e o outro, sua duração. Sua qualidade é seu fator principal, que é a sua permanência. Como sua qualidade é sua permanência, então a partir do momento que é recebida, traz consigo um senso de estabilidade e, conseqüentemente, de satisfação. Esta é a vida de Deus e, em sendo a vida de Deus, possui em si a essência da Sua natureza. Ela é eterna, final, conclusiva, absoluta. Então, quando recebemos essa semente de uma forma vital, sabemos que encontramos a resposta para todos os nossos questionamentos e todos os nossos anseios. É só uma questão de tempo compreendermos, de fato, qual é a resposta para todas as coisas.

O efeito de se receber vida eterna dentro de nós é nos trazer instantaneamente a um senso de ter chegado ao fim. Sei que ela abre novas possibilidades, novas extensões, mas, sabemos que obtivemos a essência da satisfação. Temos ainda muito a aprender, temos um longo caminho a percorrer, novos mundos a explorar e conquistar, mas descobrimos do fim de tudo, por possuir essa vida.

Qual é a primeira consciência de alguém que realmente nasceu do alto? Quando passamos da morte para a vida e nascemos do alto, o que seria o ponto que é impossível de interpretar, e é indefinido, mas que passa a ser muito real na nossa consciência? Bem, encontramos aquilo pelo qual anelávamos por tanto tempo! Chegamos ao fim dessa longa história de insatisfação, e, mais do que isso, descobrimos o segredo da nossa própria existência, o porquê de estarmos aqui neste mundo. Temos uma sensação de estarmos aqui com uma finalidade específica. A questão espontânea dessa vida, no Novo Testamento, era que as pessoas imediatamente saíam para contar o que lhes aconteceu para os outros. Isso criava um propósito e um objetivo de vida. Seus comportamentos e condutas diziam: 'Encontramos a explicação para nossa existência neste mundo'. Você nunca encontrará isso, até que encontre a vida eterna. Ela traz tudo isso em sua essência. Por que estamos aqui? Temos a resposta para essa pergunta quando temos o Senhor! Talvez não sejamos capazes de

defini-la, mas, devido à uma forte sensação no nosso interior, sabemos que estamos aqui com um propósito, e esse propósito não é algo relacionado ao tempo, mas é eterno. Essa vida nos liga à eternidade. Essa é a essência da vida eterna que nos traz satisfação e, conseqüentemente, um senso de permanência. Sua natureza é a essência da permanência do universo, porque ela é Deus. Receba-a e você conhecerá o profundo significado da pobre palavra portuguesa “eterno”. Por isso João considerava tão pouco o tempo e a geografia; ele estava fora dessa esfera, e estava dentro daquilo que é eterno.

A Lei da Vida Eterna

O que é a lei da vida eterna? A habitação interior do Espírito Santo! As palavras do Senhor, nesse capítulo, a respeito da fonte de água, sem dúvida, estão relacionadas com o Espírito Santo. Não podemos separar vida Divina do Espírito Santo. Temos que perceber que ela [a vida eterna] não é algo. Ela é Ele, é o Espírito Santo. Ele é o Espírito de vida. Apesar de nos referimos à vida eterna como “ela”, ela é simplesmente uma expressão dEle. Vamos pensar no efeito da presença de uma pessoa ao chegar a um recinto. Você é uma pessoa, mas de você pode surgir uma influência, essa influência pode ser de vida ou de morte; pode ser de alegria ou de depressão; pode ser de

doce comunhão ou de desconfiança. O Espírito Santo, com Sua presença, emana vida eterna; a vida é aquilo que vem junto com Ele, é dEle, é parte intrínseca de Sua Pessoa. A vida eterna é algo em si mesma, mas também está relacionada à Alguém. Não podemos ter vida como habitação interior real separada da Pessoa.

Não poderemos nos estender muito sobre essa lei da habitação interior do Espírito Santo. Quando falamos de Nicodemos, falamos que o novo nascimento do alto é um advento, não um avivamento; é quando o Senhor, por um ato, assume a residência em nosso interior. Do lado positivo, o Espírito Santo deve ser recebido através de uma apropriação definitiva da fé. Você percebe como isso é enfatizado a seguir nos Atos dos Apóstolos em diante? Essa Palavra é repetida várias vezes: “E que você possa receber o Espírito Santo”. Isso foi dito a Paulo em Sua conversão e também no Pentecostes. “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado... e recebereis o dom do Espírito Santo” [At 2:38]. Aos discípulos de Efésios, que não haviam sido instruídos, cuja relação com o Senhor era até então muito imperfeita, o Apóstolo disse: “Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?” [At 19:2]. Devemos reconhecer que nossa vida, como filhos de Deus, é baseada no fato de termos recebido o Espírito Santo. “E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” [Rm 8:9]. Então, a vida do filho de Deus não consiste

somente no seu interesse no Cristianismo e nas coisas religiosas, ou em assumir uma obra religiosa, deixar para trás aquela vida que tinha antes e que agora não interessa mais. Trata-se de algo muito mais radical do que isso. É o Espírito do Vivo Deus, em um ato, passando a assumir Sua residência em alguém que ao ponto de reconhecer que estava morto, e que não existia mais nenhuma possibilidade da realidade de Deus para ele, exceto se nascesse do alto. E na chegada da habitação do Espírito Santo tudo tem início, e, nessa base, tudo pode prosseguir.

Dissemos que a doutrina da vida eterna significa internalizar aquilo que é base para toda a atividade Divina. Colocando essa verdade de outra forma, é o Espírito Santo em nós trabalhando em harmonia com Deus no céu; e Deus no céu trabalhando em nós através do Espírito Santo. Não podemos pensar nisso como algo abstrato, pois é muito pessoal. Essa vida não é meramente uma essência, um vapor, uma abstração; é inteligente. Não podemos tomar dessa vida como um vapor, e pensando que passou a possuir essa inteligência. Essa vida é a vida que tem a inteligência de Deus, inteligência Eterna, porque é o próprio Espírito Santo. Quando pensamos que ter o Espírito Santo residindo no nosso interior significa que lá, no nosso interior, está todo o conhecimento que Deus possui, como as possibilidades de utilidade se desdobram! Nossa parte na vida espiritual é aprender como viver no

Espírito. Sim, temos no Espírito Santo tudo que Deus nos tem dado. Agora temos que aprender a nos apropriar daquilo que temos, como DESFRUTAR do que temos.

Tudo Está Relacionado a Pessoa de Cristo

Toda a questão está relacionada a Cristo. Perceba o que Ele diz quando a mulher passa a falar a respeito do templo, da adoração deles e de Jerusalém. Ele a interpela categoricamente, dizendo: “Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai... Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores [Jo 4:21,23].

Devemos reconhecer duas coisas nessa afirmação. A força da expressão: “Mas vem a hora e já chegou...”. Essa frase indica uma mudança fundamental no curso da história. A adoração de Jerusalém e de Samaria, bem como outras similares a essas chegaram ao fim. Adoração não é mais nem aqui nem ali, conforme os moldes antigos. “Mas vem a hora e já chegou...”. Que hora é essa? Qual é a natureza dessa hora? Em uma palavra – Cristo veio. Toda a adoração que existiu em Jerusalém, todo esse sistema de adoração estava apontando para Ele. O Templo? Sim, Ele é

o Templo. “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei... Ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo” [Jo 2:19,21]. Eles pensaram que Ele se referia ao templo de Jerusalém. Ele estava dizendo, com efeito: ‘Isso é um tipo, Eu sou o Antítipo!’ Lá existe um sacerdócio? ‘Eu sou o Sumo Sacerdote!’ Lá são realizados sacrifícios? ‘Eu sou o Cordeiro de Deus!’ Aqueles sacrifícios nunca tiraram o pecado. “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” [Jo 1:29]. Cada fração daquela adoração eram tipos, apontando para Alguém, e Ele está aqui. A partir de agora somos levados daquilo que é externo, formal, tradicional, para dentro do que é verdadeiramente espiritual, que significa ser espiritualmente unidos com Ele pela habitação interior do Espírito.

Outro ponto muito claro é que os verdadeiros adoradores, dessa hora em diante, não serão aqueles que adoram formalmente, mas serão os que são espirituais. A diferença entre adoração formal e espiritual é tremenda. O que Ele está dizendo é que a condição espiritual é a base para a real comunhão com o Pai, Que é Espírito. Uma condição espiritual! Como essa condição espiritual é alcançada? Pelo Espírito Santo habitando no nosso interior. Qual a base para que o Espírito Santo possa habitar interiormente? Quando tomamos nosso lugar na morte e nascemos do alto.

A lei da vida eterna é o fato da habitação interior do Espírito, sua natureza e seu resultado. O resultado da habitação interior do Espírito é nos tornar espirituais no nosso relacionamento com o Senhor; nos fazer pessoas espirituais; em uma condição espiritual como resultado do Espírito Santo estar habitando no nosso interior, tornando tudo verdade [ou realidade]. O que era tradicional, formal, não era eterno, mas sempre indicava uma carência daquilo que era eterno. Se estamos ligados a um sistema tradicional religioso, seja lá quão bom ele possa ser, sabemos que há uma ausência do que é eterno; mas, quando chegamos, pelo Espírito Santo, a conhecer Aquele que é para nós o Santuário de Deus, o Único em Quem encontramos o Pai, e O conhecemos espiritualmente pelo Espírito Santo como nosso Sumo Sacerdote, como nosso Sacrifício, como nosso tudo em relação a Deus; somos introduzidos na verdade [ou realidade], porque chegamos pelo Espírito: "... em espírito e em verdade". Só podemos conhecer a verdade pelo Espírito, mas quando conhecemos o Espírito, então conhecemos a verdade.

Pode ser que alguns conheçam tudo a respeito das coisas tradicionais, formais, e não conheçam a verdade. O que essa pessoa precisa é de vida eterna. O que ela precisa é de uma experiência viva do Espírito Santo no interior, tornando-o vivo para Deus.

Essa é uma questão importante e um grave problema. Temos realmente vida eterna? Conhecemos a atividade e energia da vida eterna? Muitos de nós a conhece. Espero que isso possa ser dito a seu respeito; se não, bem, o problema é sério. O Senhor nos conduz, pela fé, a receber o dom, o dom gratuito de Deus, que é a vida eterna em Jesus Cristo nosso Senhor.

Capítulo 5

Andando no Poder de Deus

João 5.

Versículos chave: 19, 20, 21 e 30.

No capítulo 5, retornamos com Cristo de volta à Jerusalém. Não podemos deixar de perceber a importância e o significado do registro das visitas à Judeia e à Jerusalém no Evangelho de João. O senso comum é de que essas visitas possuem uma relação com a posição, condição e destino da nação Judaica. Devemos, então, analisar a interrelação entre cada uma dessas visitas e eventos. Veremos isso em maiores detalhes à medida que continuamos, mas chamamos a atenção agora, de forma geral, para dois aspectos: um, a associação próxima com a história de Israel, e o outro, a posição da ordem Mosaica.

Vejamos então algumas dessas conexões:

Capítulo 1. “O Cordeiro de Deus”. Quanta história relacionada à Israel está por trás dessa expressão.

Capítulo 2. As Bodas. Observe essas duas passagens:

“Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança

que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o SENHOR. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Jr 31:31-33).

“Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda. E, de fato, repreendendo-os, diz: Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá, não segundo a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os conduzir até fora da terra do Egito; pois eles não continuaram na minha aliança, e eu não atentei para eles, diz o Senhor. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Hb 8:7-10).

Aqui, como podemos ver, o ponto era a aliança de casamento, e isso é transferido da aliança feita através de Moisés para a aliança feita no Sangue de Jesus Cristo.

Capítulo 3. A serpente levantada (Números 21).

Capítulo 4. O poço de água. É interessante e significativo notar que o poço de água foi trazido à vista quase que imediatamente após o levantar da serpente de bronze

(Números 21), e essa é mesma ordem em João 3 e 4.

Capítulo 5. O homem impotente (trataremos disso neste capítulo).

Capítulo 6. O Maná.

Capítulos 7, 8 e 9. A Festa dos Tabernáculos.

Capítulo 10. A Festa da Dedicção.

Capítulo 11. O sentido espiritual do Jordão - morte, sepultamento e ressurreição, como algo no coração da história de Israel.

Capítulo 12. A cegueira de Israel (versos 37-41). Veja a conexão com as passagens de Isaías, capítulos 6 e 53.

Capítulo 15. A Videira. Isaías 5 representa Israel como a videira, ou a vinha, e essa era uma figura comum entre os profetas de Israel. Isso é transferido em João 15, pelo Senhor Jesus, de Israel para Ele mesmo.

Capítulo 17. O Sumo Sacerdote, com o altar e toda a oferta queimada em vista.

Outros aspectos podem ser traçados, mas há apenas uma coisa a ser lembrada: tudo o que se refere a Israel, em "João", está em má condição, representando o deixar de lado do judaísmo para trazer à luz a Igreja. Cristo faz isso

tomando todos os elementos da vida real de Israel, e os incorporando como características espirituais da constituição, vida e vocação da Igreja. A partir disso, tudo que surge na doutrina do Novo Testamento terá sua semente encontrada nos Evangelhos, e especialmente em “João”.

Seguindo para João 5, veremos aqui, como aconteceu em outras ocasiões, que foi uma Festa dos Judeus que trouxe o Senhor até Jerusalém. Não sabemos exatamente qual era. Outras Festas são mencionadas, algumas nominalmente, como a da Páscoa, e outras são marcadas por características específicas, não nos deixando dúvidas de qual se tratava. No entanto, esse não é o caso aqui. O texto original não nos apresenta o artigo *A festa dos judeus*, apesar de ter sido adotado em algumas traduções. Se o artigo tivesse sido apresentado, saberíamos que se referia à Páscoa. Muitas conjecturas podem ser feitas, mas, se pudermos estimar uma data para esse incidente, diríamos que parecia ser a Festa do Purim. Essa Festa aconteceu originalmente nos dias do cativeiro, conforme vemos no livro de Ester. Tal festa é relacionada à maravilhosa anulação feita por Deus dos conselhos do maléfico Hamã, e a libertação dos Judeus de uma morte terrível, sentença debaixo da qual eles viviam até que o Senhor transformou sua morte em vida.

Se essa é a Festa mencionada no capítulo 5, então os versos 24 a 27 tomam um significado maravilhoso: “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em

juízo, mas passou da morte para a vida. Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão. Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo. E lhe deu autoridade para julgar, porque é o Filho do Homem". Se compararmos essas palavras com as palavras do livro de Ester, veremos como se encaixam maravilhosamente. Condenação e morte trocadas por vida, e o Senhor Jesus tomando o lugar de Mordecai, para Quem, finalmente, é delegada a autoridade de executar juízo, mesmo tendo Ele sido deixado de lado, humilhado e rejeitado pelos homens.

Mas, existe outra característica histórica no pano de fundo desse capítulo. Em primeiro plano vemos o homem paralítico no poço, e somos informados de que ele estivera ali, naquele estado, por trinta e oito anos. Esse foi exatamente o tempo que o povo de Israel vagueou pelo deserto, no período compreendido entre o recebimento da lei no Sinai, até a morte de Moisés. Note essas duas coisas: (1) uma lei foi dada, (2) temos uma vida impotente, fraca e incapaz debaixo da lei. Que grande luz é lançada sobre isso nos escritos subsequentes do Novo Testamento. O Apóstolo Paulo fala algo a esse respeito em sua carta aos Romanos. Ele mostra que, embora o homem tenha sido sempre fraco, sua fraqueza não era manifesta e trazida a luz, até que a lei foi dada. A partir da lei, o grande fato universal de que o homem é totalmente impotente diante das demandas de um Deus santo ficou totalmente patente. Não que a lei seja propriamente má. Não, ela é boa, e se

apenas fosse possível cumpri-la, isso seria uma grande bênção para o homem. Deus nunca impõe sobre o homem algo que não seja para seu bem. No entanto, por causa do pecado e do estado caído do homem, ele herdou uma fraqueza que o faz se render totalmente incapaz diante das demandas de Deus. Assim, aquilo que redundaria no seu bem se torna no instrumento que o conscientiza da sua fraqueza e desamparo.

Essa é a imagem que temos em João 5. Aqui está um homem em sua cama por trinta e oito anos. Uma cama deve ser algo bom, uma bênção, mas no caso desse homem, a cama passou a ser um símbolo de sua fraqueza e escravidão, se tornando, de fato, num tirano, ao invés de um amigo. Então, bem no coração de Jerusalém, vemos esse longo e estendido desamparo de Israel, ilustrado na vida de um único homem vivendo na escravidão de sua própria fraqueza por trinta e oito anos. Qual é a esperança para Israel? Qual era a esperança para esse homem? A esperança está em uma única direção, indicada logo no início do evangelho de João: “a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” [Jo 1:17]. A esperança, então, está na direção da graça e da verdade, vinda na Pessoa do Senhor Jesus. O Senhor entra em cena quando todas as esperanças se desvaneceram e desapareceram quase que praticamente, se não totalmente, do coração daquela pobre, indefesa vítima.

Que cena é essa, não apenas de Israel, mas de todo homem sem Cristo! Não é uma questão de pecados, muitos ou

poucos. Não é uma questão de força moral, maior ou menor; mas é o fato de estar face a face com a perfeição de Deus em Cristo. Como pode o homem, em seu melhor, responder satisfatoriamente a Deus? Não existe nenhum homem que possa fazer isso. Lembrando que apenas uma violação, em um único ponto, declara a imperfeição, envolvendo tanto o indivíduo como a raça no fato da pecaminosidade. Temos que chegar à conclusão de Paulo: “todos pecaram e carecem da glória de Deus” [Rm 3:23]. “Não há justo, nem um sequer” [Rm 3:10]. Não podemos escapar. Todos temos que prestar contas diante do tribunal de Cristo. Qual é a nossa esperança? Nossa esperança está somente em Cristo e na graça de Deus em Jesus Cristo. Em sua maravilhosa carta aos Gálatas, o Apóstolo Paulo descortina diante de nós a graça incomparável de Deus que nos foi concedida através da morte de Cristo e da nossa morte com Ele, nos libertando da escravidão da lei.

Mas esse homem não terminou sua história ali. Aconteceu algo glorioso quando o Senhor Jesus chegou à sua vida. Enquanto, no princípio, seu leito era seu senhor, seu dono, no final, ele se tornou o senhor do seu leito. Enquanto que, no início, ele era completamente dependente dos outros, e toda sua força dependia de algo externo, no final, sua força estava dentro dele, o que o possibilitou ficar de pé e não apenas andar, mas, como vemos no tempo verbal grego empregado, ele “se manteve andando” ou “esteve andando o tempo todo”.

Vemos, então, que o que está em vista em primeiro lugar é

a libertação da escravidão da lei e da incorrigível incapacidade e fraqueza de todo homem por natureza, diante do padrão demandado por Deus, pelo qual Ele não desculpá nenhum único indivíduo. Essa libertação é encontrada na linha da graça, trazida para a nossa experiência através do relacionamento vital com o Senhor Jesus. Mas, se o andar no poder de Deus é o que se tem em vista, temos então que perceber a lei contida nessa benção e verdade divinas. Qual é a lei desse andar em vida e poder? Bem, nosso verso chave nos conduz a ela. O homem dessa história havia tentado muito, por muito tempo, encontrar em si mesmo a energia pela qual pudesse ficar de pé e andar. Isso ele nunca encontrou. Então, quando o Senhor Jesus entra em cena, esse homem descobre que existe uma energia nEle (em Cristo), e essa energia flui quando as palavras estão sendo proferidas – um cumprimento total daquilo que o Senhor Jesus disse nesse Evangelho: “...as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida” [Jo 6:63]. Então, esse homem, incapaz de andar por sua própria força, encontra-se agora capaz de se levantar e andar pela energia que procede de Cristo; e a simples lei desse andar no poder de Deus é descobrir que tudo provem do Senhor e não de nós mesmos. Essa foi a lei da ascendência espiritual e moral da própria vida de Cristo. Tomando representativamente o lugar do homem, Ele disse: “...o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai...” [Jo 5:19], se referindo às Suas palavras e obras como procedendo do Pai e não de Si mesmo. No texto, a pequena palavra “de” é uma preposição grega que significa “vinda de”. Por isso, Cristo

viveu Sua vida como sendo proveniente (ou derivada) do Pai. Assim Ele encarou assim cada exigência, cada responsabilidade. Portanto, Sua vida foi uma vitória sobre todas as fraquezas e deficiências.

Mas, perceba, tudo isso aconteceu no Sábado, e o Sábado nesse capítulo significa descanso de Deus. Deus chegou ao fim de Sua obra e descansou. Como em cada parte desse Evangelho, Cristo é o principal personagem em vista e esse sábado aponta para Ele, por assim dizer: no Seu Filho, Deus alcançou o fim de Sua obra, e agora está satisfeito e em descanso. Cristo é a soma de toda a obra do Pai. A partir dessa plenitude de Deus em Cristo, nós, que vínhamos nos esforçando debaixo da escravidão da lei, podemos andar no descanso de termos sido libertos pela fé em Jesus Cristo.

A vida do crente consiste em aprender, de forma contínua e progressiva, como viver uma vida que provém do Senhor. Devemos sempre estar conscientes de nossas próprias fraquezas. Em nós mesmos não devemos ser nada além de fracos e impotentes. Vemos que em Cristo reside toda força, toda habilidade, toda sabedoria e toda graça. Mas tudo isso que nEle está é para nós, na medida que nos recusamos a aceitar nosso próprio estado como o critério e o argumento final, mas quando, pela fé, nos apossamos do Senhor Jesus, e nos movemos para encarar nossas obrigações através dEle. Aí descobriremos que somos capazes de fazer coisas impossíveis, apesar de termos tentado muitas vezes. Devemos aprender aquilo que o

apóstolo [Paulo] queria dizer quando disse que o Senhor lhe havia dito que Seu poder se aperfeiçoava na fraqueza. Nos sentimos aleijados? Nos desesperamos por nunca sermos capazes de andar e servir adequadamente a um bom propósito? Tentamos e falhamos todas as vezes? Vamos aprender a lição de João 5. Nada de nós mesmos, mas tudo, que até então nos era impossível, a partir de Cristo.

Vamos pedir ao Senhor que nos mostre como viver pela fé no Filho de Deus. Essa vida é uma vida que vence aquilo que antes era nossa escravidão, nosso tirano. Não me refiro a alguma coisa, mas ao próprio Senhor. Voltando à referência de Ester, que de alguma forma se encontra no pano de fundo desse capítulo, devemos conhecer a maravilhosa alegria registrada nesse pequeno livro derivada de uma intervenção divina, “um dia de alegria!” [Et 9:19].

Capítulo 6

A Vida Triunfante sobre a Morte

João 6

Podemos notar que as duas partes principais desse capítulo estão relacionadas ao alimentar da multidão, e ao fato do Senhor ter se autodenominado o Pão da Vida.

Buscando reconhecer as grandes verdades e leis trazidas no Evangelho de João, encontramos uma verdade no cerne do capítulo seis, que é um testemunho presente e contínuo da vida triunfante sobre a morte. Talvez isso possa ser novo para muitos, alguns podem não ter lido o capítulo citado, mas acredito que basta uma breve indicação e rapidamente será possível reconhecer que é esse o assunto principal.

Primeiramente, deixe-me dizer que a palavra “vida” aparece pelo menos onze vezes nesse capítulo, nos versos 27, 33, 35, 40, 47, 48, 51, 53, 54, 63 e 68. O verbo “viver” é citado quatro vezes; o adjetivo “vivo” três vezes; “não morra” [ou “não pereça”, como está na versão em português ARA] aparece uma vez, no verso 50; e “ressurreição” é mencionada quatro vezes, nos versos 39, 40, 44 e 54. Por outro lado, a palavra “morte” aparece duas vezes, nos versos 49 e 58. Isso nos traz forte indicação que

vida e morte tem um lugar importante nesse capítulo. Estamos prestes a descobrir que temos diante de nós a verdade da vida triunfante sobre a morte, ainda que de forma velada. De fato, essa é uma verdade e um Testemunho contínuos ao longo do Novo Testamento, indicando aquilo que o Senhor deseja.

União com Cristo em Vida, Um Tema Dominante

Quando iniciamos nossa meditação, vimos que os dois principais temas de todo o Evangelho de João são a Pessoa de Cristo e a União com Cristo. Este capítulo revela essa dupla verdade, de forma muito forte, rica e completa. O “EU SOU” deste capítulo é muito forte. Repetidas vezes, temos o “EU SOU” relacionado com a vida. Os termos “se não” [verso 53] e “EU SOU” estão conectados e mantêm uma relação entre si. Isto é, se esse capítulo representa Cristo relacionado com a vida, o termo “se não” nos traz para um relacionamento com Ele – união com Ele nesse senso específico – então o Testemunho da vida triunfando sobre a morte é o ponto principal deste capítulo. Isso é aplicado em todo o Novo Testamento. Seremos tremendamente impressionados se vermos o quanto o Senhor deseja que os Seus tenham um Testemunho presente e contínuo do triunfo da vida sobre a morte. Acredito que é desnecessário percorrer todo o Novo Testamento para explicar isso. Temos que lembrar que a vontade de Deus é que haja, em nós e em todos os Seus,

um Testemunho presente e contínuo do triunfo da vida sobre a morte. Me parece que o Evangelho de João se ocupa com esse tema, de uma forma bastante abrangente. Este é o foco desse Evangelho, debaixo de vários pontos de vista, considerando seus vários efeitos. No entanto, existe uma nota principal, uma linha, que se segue em todo o Evangelho, relacionada à vida estabelecida contra certas condições, características e formas de morte.

Já dissemos mais de uma vez que, primeiro, o “sinal” encontrado no segundo capítulo de João - a transformação de água em vinho nas bodas de Caná da Galiléia - é abrangente, incorporando a essência do Evangelho, e a nota central desse sinal, dessa obra, era e é a vida triunfante sobre a morte. Contemple esse incidente novamente e certamente verá que isso está muito claro.

O próximo movimento, no capítulo três, temos Nicodemos e a serpente levantada no deserto, nos mostrando, por um lado, o estado de morte, de maldição sobre toda a raça humana. Por outro lado, vemos o caminho de saída da morte por meio do novo nascimento do alto. O novo nascimento do alto, com certeza, pode ser vislumbrado em todo o Novo Testamento, o Testemunho da vida que triunfa sobre a morte.

O próximo capítulo, o quarto, é novamente uma apresentação das características da morte e então do dispensar da vida eterna no interior do homem.

O capítulo cinco possui como pano de fundo a morte debaixo da lei; uma vida morta, em escravidão, fraqueza, impotência e desespero. Surge então o triunfo e novidade de vida em Cristo.

Agora, o capítulo seis traz o mesmo tema debaixo de outro ponto de vista, com a adição de um fator novo e adicional. Seguindo até o fim do Evangelho, encontraremos, passo a passo, estágio por estágio, um lidar com esse tema, que é a vida triunfante sobre a morte. Chegaremos a Lázaro, ao Bom Pastor Que dá Sua vida pelas ovelhas – outra forma de testemunho. As ovelhas devem viver e o Pastor morrer. O fato das ovelhas viverem, é um testemunho de vitória sobre a morte no Pastor que dá vida a elas. Então, podemos ver que todo esse Evangelho, sob certo ponto de vista, é um contínuo desenvolvimento, um descortinar, um desvendar dessa grande verdade a respeito da vida triunfante sobre a morte.

Poderíamos facilmente seguir para Atos, onde não teríamos muita dificuldade em estabelecer nossa afirmação. Os primeiros capítulos do Livro de Atos são um pouco mais desse testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e quem testifica isso são as testemunhas oculares desse fato. Isto é, o Testemunho está dentro das testemunhas.

Depois, vemos a Carta aos Romanos. Estamos

suficientemente familiarizados com a Carta aos Romanos para sabermos que, quando passamos pelos seus primeiros capítulos, passamos do reino da morte, de onde emergimos, para o reino da vida triunfante sobre a morte, do capítulo seis ao capítulo oito.

Então, prosseguimos. É bom saber que um grande conteúdo das Escrituras nos remete de volta ao que falamos, como sendo a vontade do Senhor. Digo que é notável dizer que o Senhor deseja ter um Testemunho presente e contínuo de vida triunfante sobre a morte. Esse será um contínuo desafio. Qual é a nossa base nas Escrituras para respaldar o que estamos dizendo? Qual o forte fundamento que nos provê suporte para assumirmos tal posição? Será que estamos trazendo uma declaração tão grandiosa como essa, com tudo o que ela envolve, baseados em uma pequena porção desconexa da Palavra de Deus, ou teremos um fundamento suficiente para adotar tal posição? Essa é a causa de estar fazendo referência a diversos capítulos relacionados a esse assunto. Existem muitas porções da Palavra de Deus que baseiam essa afirmação, de que o Senhor deseja nos Seus, um presente e contínuo testemunho de vida triunfante sobre a morte.

A Lei do Alimentar-se de Cristo

Vamos, então, dividir esse assunto em pequenos fragmentos. Isso, é claro, basicamente envolve a lei que

governa essa verdade. Existe a grande verdade, mas ela tem uma lei que a governa e, para desfrutarmos o Testemunho, para termos a experiência da vida triunfando sobre a morte, agora e continuamente, teremos que reconhecer a lei que o rege, e então deveremos nos ajustar a ela, a obedecendo. Qual é essa lei? Ela é simplesmente o alimentar de Cristo. Não vamos tratar, neste momento, sobre o que significa o alimentar de Cristo, mas queremos reconhecer o fato de que isso está relacionado com essa verdade.

Percebemos duas coisas nesse capítulo, uma no início e outra no final. “Ora, a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima. Então, Jesus, erguendo os olhos...” [Jo 6:4-5]. Você consegue ver a conexão que a palavra “Então” faz? Lendo os primeiros versos, “Depois destas coisas, atravessou Jesus o mar... Seguia-o numerosa multidão, porque tinham visto os sinais que ele fazia... Então, subiu Jesus ao monte e assentou-se ali com os seus discípulos. Ora, a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima”, podemos perguntar: o que a primeira parte do versículo tem a ver com a segunda? Por que existe esse “Então, subiu Jesus” aqui? Ele tinha algo em mente, assim como aconteceu em Caná da Galiléia, quando Ele disse: “Ainda não é chegada a minha hora” [Jo 2:4]. “Então, Jesus, erguendo os olhos e vendo que grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pães para lhes dar a comer?” [Jo 6:5]. Você percebeu que a Páscoa está relacionada a isso? A Páscoa, na mente do Senhor, está relacionada com isso, ou diria, isso

está relacionado com a Páscoa. Há um pano de fundo por detrás desse alimentar a multidão, relacionado com uma verdade espiritual.

Guarda, por um momento, esse fato de que a Páscoa é mencionada no início desse alimentar da multidão, vamos então prosseguir para os versos 31 e 32: “Nossos pais comeram o maná no deserto... Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá”. Temos a introdução da Páscoa e, agora, temos Moisés, o deserto e o Maná, todos na mesma conexão.

Qual é a conexão entre essas duas coisas e a verdade central da vida triunfando sobre a morte? Bem, a Páscoa tem muito a ver com tudo isso. Somos levados de volta ao Egito, de volta à realidade da morte, de volta ao lugar onde o Destruidor se encontra, onde temos abundância de morte, e comer a Páscoa significou a vida triunfando sobre a morte. A Páscoa é encontrada logo no começo da história daquele povo. Ela definiu a data de sua constituição como nação. Eles foram constituídos como uma nação pela Páscoa. “Este mês vos será o principal dos meses; será o primeiro mês do ano” [Ex 12:2]. Desse modo, essa é a base de sua história, como povo de Deus, representando a vida triunfando sobre a morte, o alimentar de Cristo, a apropriação de Cristo como vida.

Agora, novamente, o deserto é trazido à luz, e o que temos

no deserto é a morte. Não existem sinais nem elementos de vida no deserto, nenhuma fonte de vida ali. O deserto, longe de Deus, era um lugar de morte. Quando o povo deixou de ser obediente ao Senhor, morreu no deserto. Seu clamor era: “Será, por não haver sepulcros no Egito, que nos tiraste de lá, para que morramos neste deserto?” [Ex 14:11]. Ah sim, o deserto era um lugar de morte! O maná foi concedido, o que desenvolveu neles o Testemunho contínuo da vida triunfante sobre a morte. O alimentar do maná constituiu neles esse Testemunho contínuo: a vida triunfando sobre a morte.

O Significado de Uma Mudança de Tempo Verbal

Aqui temos algo extraordinário. “Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos” (Jo 6:53). O tempo verbal grego usado é o segundo AORISTO subjuntivo ativo, que sugere um fato já realizado, mas contínuo. Mostra que alguma coisa foi feita, cujo resultado ou efeito ainda será obtido. Dizendo literalmente, a ação foi completada em um passado indeterminado; mas ainda não alcançou seu resultado final, apesar de já ter sido realizado ou concluído. É algo feito no passado.

Quando chegamos ao próximo verso, o 54, temos uma mudança de tempo verbal: “Quem comer a minha carne e

beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia”. O tempo verbal aqui é o particípio ativo presente: indica aquele que continua comendo, faz disso um hábito. Então, temos algo feito lá no início, como uma base completa para algo que resultará disso e que deve continuar sendo feito continuamente; algo que está relacionado com a origem de nossa história e sua continuidade. Penso que este é um exemplo magnífico do Espírito Santo controlando a gramática.

É algo memorável o fato de que, no início, temos a Páscoa como o ato básico, indicando que tudo está realmente concluído, e, mesmo assim, há uma indicação de que algo precisa ainda ser feito. Então, o deserto é introduzido, e a gramática ali indica que a experiência do deserto demanda um alimentar habitual, algo que deve acontecer a todo tempo. Vida triunfante sobre a morte é algo que obtivemos completamente quando recebemos o Senhor Jesus pela primeira vez, mas deve haver um desenrolar disso, e por isso devemos continuamente receber a Cristo para a manutenção desse Testemunho.

O Corpo de Cristo – Uma Humanidade Incorruptível

Comer da carne e beber do sangue do Filho do Homem é o receber daquilo que é incorruptível e que tem uma vida incorruptível em si (compare com Atos 2:27). A carne era o corpo de Cristo, onde a morte havia sido conquistada: “um

corpo me formaste” [Hb 10:5]. Por que? Em um corpo – na esfera da morte sobre a raça – a morte deveria ser conquistada. Me alegro pelo fato de que o Senhor encontrou a morte onde ela fixou residência, no corpo. A morte atingiu direto a raça humana em sua humanidade.

A humanidade foi fruto de um pensamento muito elevado de Deus; uma humanidade perfeita. Humanidade é algo único, especial. “Pois não foi a anjos que sujeitou o mundo que há de vir, sobre o qual estamos falando; antes, alguém, em certo lugar, deu pleno testemunho, dizendo: Que é o homem, que dele te lembres?...” [Hb 2:5,6]. O homem é de uma ordem superior aos anjos. O mundo que há de vir não deve estar debaixo do domínio dos anjos, mas do homem. “Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos?” [I Co 6:3]. Os anjos estarão sujeitos ao homem, quando o homem for aquilo que Deus intencionou que ele fosse. “Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?” [Hb 1:14]. Eles são ministros em relação a salvação; ministros a favor dos homens, a fim de levar o homem ao lugar que Deus eternamente intencionou para ele. Humanidade é um pensamento elevado de Deus, algo mais elevado que a ordem angelical.

Ah! Mas é exatamente aqui que o inimigo ataca, é na humanidade que a morte reina, e é em nossos corpos mortais que a morte fixou seu território. A Palavra nos ensina isso: “nossos corpos mortais”. Em um corpo, o

Senhor Jesus conquistou a morte e tratou com a condição moral do homem, que é a base da morte. Ele fez tudo isso em um corpo. Seu corpo foi o instrumento de Seu triunfo sobre o estado moral do homem, e a morte era o resultado desse estado moral. Lembre-se, em Seu corpo, Ele se deparou com todas as tentações que são comuns ao homem e a todas venceu. Em Seu corpo, em Sua humanidade: "... foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado" [Hb 4:15].

Tentação não é tentação se não a sentimos. A questão de como um ser perfeito pode ser tentado foge totalmente do assunto em questão. Ele foi tentado, Ele foi provado, Ele foi Vitorioso, e não existe vitória se não houver provação. Não há sentido para vitória, se não houve batalha. Em Seu corpo, Ele encarou de fora o assalto de cada tipo de sugestão e influência malignas. Ele foi deixado sozinho com o próprio Diabo em provação e tentação. Em Seu corpo Ele triunfou, e em Seu corpo Ele carregou nossos pecados: "carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados..." [I Pe 2:24].

Deveríamos ser cuidadosos, deixando claro que não cremos que havia qualquer pecado em Cristo. Por isso é que destaquei a expressão "de fora" [no parágrafo anterior]. Nesse corpo triunfante há uma vida incorruptível. Esse Santo não viu corrupção porque Ele triunfou moralmente. Não havia possibilidade de que Ele fosse preso na morte, porque a morte não tinha lugar para

residir naquele corpo. “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos” [Jo 6:53]. A vida triunfante sobre a morte está em nossa apropriação de tudo o que está representado pelo Seu corpo. É a fé se apropriando de Cristo em Sua vitória, em Sua humanidade.

Explicaremos o que é isso. No entanto, temos que nos lembrar de que foi em Sua carne, em Seu corpo que Ele triunfou sobre a morte, ou se preferir – em um corpo Ele venceu. O corpo de Cristo era, e é, um corpo em que toda a obra e vitória do Calvário foram completadas. Receba da virtude e da eficácia espiritual disso pela fé, e você estará recebendo a vitória do Calvário. A vitória do Calvário não é uma doutrina que você tem que adotar, é um exercício espiritual em relação ao próprio Cristo em vitória: o tomar a Cristo, tomar a Cristo como nosso pela fé. Esse é o caminho da vitória do Calvário. Alimentar de Cristo é compartilhar Sua vitória. Alimentar de Cristo é força, é crescimento, é perseverança; não é uma doutrina ou ensino, mas é alimento, apropriação, assimilação, é torná-Lo nosso. Esse é o caminho da vitória sobre a morte continuamente. Algo que fazemos no começo de nossa vida cristã, de uma vez por todas - Tomamos Cristo; e então, fazemos isso habitualmente, todos os dias; assim como aqueles que estavam no deserto deveriam fazer a cada manhã. O Senhor estabeleceu isso cuidadosamente, de forma que eles não podiam viver com o maná de ontem. Nada devia ser deixado para o dia seguinte; tudo o que

sobrava devia ser queimado. Tudo devia ser novo a cada manhã; não um exercício daquilo que era do dia anterior em relação a Cristo, mas o que é de hoje, todos os dias.

Cristo esteve no deserto com o Diabo, e o primeiro ataque foi relacionado ao pão: “Se és o Filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão”. Qual foi a resposta do Senhor? Sua resposta veio do deserto: “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” [Mt 4:4]. Mesmo em um lugar de morte, VIVEMOS pela Palavra do Senhor. Ele é a Palavra em Pessoa e em mandamento.

Seguiremos agora para o final desta meditação, falando um pouco sobre o que é alimentar-se de Cristo, como o caminho do Testemunho da vida triunfante sobre a morte continuamente. Seremos bastante elementares.

O Significado do Alimentar-se de Cristo

Alimentar de Cristo! Lembre-se de que você começou a se alimentar de Cristo ao fazer dEle a sua vida, e isso deve ser mantido como um hábito. De acordo com o que o Senhor estipulou e com a Sua Palavra, não será suficiente ter se alimentado dEle ontem e não o fazer hoje, nem pensar que o alimento de hoje será suficiente para alguns dias. Isso deve ser algo contínuo, diário e habitual. Então, o que é se alimentar de Cristo? Está relacionado a algumas coisas

simples, cuja importância e magnitude somente podem ser reconhecidas a partir do ponto de vista do Testemunho para o qual estão conduzindo, apesar de serem coisas consideradas como comuns.

Existe algum outro maior Testemunho do que a vida triunfante sobre a morte? Não! E nós, a medida que caminhamos no Senhor, descobriremos que esse é o ponto mais elevado em nossa experiência, e é o que desperta toda a ira do inferno. Realmente estaremos posicionados contra as forças diretas do Diabo, que estarão contra nós assim que tomarmos nosso lugar com o Senhor Jesus. O desafio será se ele vai conseguir destruir nosso Testemunho pelas forças da morte, nos trazendo morte espiritual (ou de qualquer outra natureza); ou se esse Testemunho da tremenda vitória de Cristo sobre todas as forças do Diabo será mantido.

Quando virmos as coisas a partir desse ponto de vista, tudo o que se relaciona a elas passa a ter importância. Então, quando alguém fala sobre se alimentar de Cristo como sendo, em primeiro lugar, uma questão de oração, isso será imediatamente relacionado também com o Testemunho da vida triunfante sobre a morte.

Alimentando-se pela Oração

Nos alimentamos de Cristo em oração. Colocando em

outras palavras, há uma transmissão dEle para os Seus em oração. Podemos estando cansados quando começamos a orar, e quando nos levantamos, estamos revigorados. Podemos orar quando estamos exaustos, e nos levantarmos renovados. Será que isso acontece porque simplesmente pronunciamos alguma forma de oração? Sabemos muito bem que, se fosse assim, não levantaríamos muito revigorados. Orações formais não trazem muita vida. Às vezes, adotar uma forma de oração somente ministra morte. Mas, buscar, alcançar e tomar posse do Senhor e nos entregarmos a Ele em oração, nunca falha em nos trazer renovo, nos erguer, nos fortalecer. Você poderia dizer que oração te esgota? Sim, mas há uma maravilhosa força que surge por intermédio dessa oração extenuante. Uma vitalidade é impartada à vida espiritual, mesmo quando as orações nos cansam fisicamente, e prosseguimos na força extraída delas. Sim, oração é um caminho pelo qual Cristo é ministrado a nós pelo Espírito Santo. Oração é uma forma de nos alimentarmos de Cristo; Ele Se torna nossa vida.

Alimentando-se pela Palavra

Temos, é claro, a Palavra. Existe um valor, um fortalecimento, enriquecimento, uma edificação resultante de nos entregarmos espiritualmente à Palavra do Senhor. Podemos estudar a Bíblia de uma forma técnica, e isso não quer dizer que alcançaremos grande ajuda espiritual. Mas,

ir até a Palavra do Senhor, a fim de enriquecer nossa vida espiritual, não com uma congregação em mente, não com o objetivo de obtermos informações, mas por causa da nossa própria vida espiritual, para uma dedicação e entrega à Palavra do Senhor, e não ficando desencorajados se não obtermos nada inicialmente. Existe um valor real nisso. É notável como, depois de um período inicial de desencorajamento, começamos a alcançar alguma coisa. Parece que o Senhor nos prova, e então se inicia uma ministração de Cristo pelo Espírito através da Palavra. Sim, mas isso não é apenas ler a Palavra de Deus, apesar disso ter o seu valor, mas aquela passagem, falada pelo Senhor no deserto para o Diabo, tem um significado mais profundo do que isso. Volte ao livro de Deuteronômio e você descobrirá que não era a leitura ou estudo da Lei pelo povo de Israel que estava em vista, mas sua obediência a ela. Eles viviam pela obediência à Palavra do Senhor. Em cada ato de obediência à Palavra do Senhor, havia um revigorante ministrar de Cristo. Nunca deixaremos de ganhar Cristo quando formos obedientes a qualquer parte da Palavra do Senhor. É sempre assim. É assim que vivemos pela Palavra, sendo obedientes a ela. Obediência à Palavra é vida, porque ela proporciona um aumento de Cristo.

Sustento pela Comunhão

Somente depois de termos sido alimentados pelo Senhor e

de Ele ter se tornado nossa vida, poderemos reconhecer a ordem Divina da comunhão espiritual. Encontramos isso registado no livro de Atos: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2:42). Na comunhão do povo do Senhor encontramos um tremendo meio de graça, de enriquecimento de Cristo. Acredito que o Inimigo levará os crentes, quando estão juntos, a falar de qualquer assunto debaixo do sol, menos a respeito do Senhor. Quando nos encontrarmos com o povo do Senhor, é fácil sermos levados a tratar de todos os tipos de assuntos e interesses, menos do Senhor. Mas, se você tiver, de fato, comunhão espiritual, haverá sempre um enriquecimento, um fortalecimento, uma edificação, pois esse é o caminho Divino. Comunhão é um meio de repartir Cristo com os crentes. Onde quer que a comunhão espiritual for possível, desejaremos estar ali, desejaremos buscar por ela, teremos grande apreço por ela. Hoje, muitos dos filhos do Senhor não encontram onde experimentar verdadeira comunhão espiritual. Eles dariam qualquer coisa para poder experimentá-la. O Senhor nos ajuntará em grupos de pelo menos dois, pois essa é Sua ordem, e ali haverá o ministrar de Cristo uns aos outros. Se isso não ocorrer, algo estará faltando. Esse é um dos caminhos em que seremos alimentados pelo Senhor.

Enriquecimento pela Adoração

Há ainda outra forma: a adoração. Há um maravilhoso enriquecimento na adoração. O que é adoração? Estranhamente, adoração no Velho Testamento - pela qual a pessoa ou pessoas eram enriquecidas – existia quando algo era trazido ao Senhor, para Ele. Sim, há algo enriquecedor nisso, um desenvolvimento, um alargamento, um repartir de Cristo, quando consideramos o que Ele é, e falamos para Ele do que Ele é para nós. Acredito que ainda não aprendemos todo o valor da adoração como um fator fundamental em nosso crescimento espiritual.

Quando tudo é dito sobre o caminho do alimentar de Cristo, qual é o efeito todo inclusivo? A que tudo isso deve conduzir? O que significa apropriar-se do Senhor Jesus? Bem, sabemos que Ele é tudo que Deus sempre quis que tivéssemos espiritual e moralmente, e essa é toda a diferença entre nos esforçarmos para ser como Jesus e O tomarmos para manifestar a Si mesmo em nós. Acredito que esse esforço para ser como Ele é um caminho para a inanição. Acabaremos nos tornando como esqueletos. A maioria das pessoas tentam ser como o Senhor pelo esforço, mas quando começamos a reconhecer que, por um lado, somos insuficientes e nunca conseguiremos fazê-lo, e por outro lado, que Ele é tudo e que Ele é a provisão de Deus que vem de encontro a minha deficiência, se pela fé puder toma-Lo como tal, então, haverá vitória, em qualquer situação.

O caminho da vitória não é nos esforçarmos para vencer, mas tomarmos Cristo como o Vitorioso. Seu problema é uma questão espiritual? É uma questão moral? Ou uma questão física? Quando falo de questão física, quero dizer, precisamos de força física? Sim, precisamos. A natureza não nos dará força suficiente para os propósitos espirituais.

O Senhor nos ensinou lições estranhas nesse caminho. Às vezes, pensamos que o que precisamos para os propósitos espirituais é de renovo físico, de umas férias, e fazemos disso o nosso objetivo, e, oh! Que férias pobres elas se tornam. O Senhor tem nos impedido de fazer algumas coisas, a fim de nos mostrar que os propósitos espirituais requerem recursos espirituais, e que há recursos espirituais para suprir necessidades físicas, quando a finalidade é espiritual. Não quero dizer que o Senhor nos prive de nossas férias. O Senhor dá a algumas pessoas ótimas férias! O Senhor nos permite ter um bom dia de passeio. Não há nada de errado nisso, mas o que estou dizendo é que, há uma lei que é mais profunda que isso, e, a menos que reconheçamos tal lei, o resto não funcionará.

A lei é que, estando cansados, exaustos, verdadeiramente esgotados, mesmo assim, se o Senhor quiser que façamos algo, Ele pode nos capacitar a fazê-lo sem que Ele precise nos proporcionar férias. Quando reconhecermos isso, e não tornarmos o curso natural em algo essencial e indispensável, o Senhor poderá nos dar as férias e, sem dúvida Ele o fará. Esse é o Testemunho.

Onde está o Testemunho da vida triunfante sobre a morte no físico, se você tira boas férias e, por meio de um completo descanso, você volta e trabalha para o Senhor firmado nisso? Onde está o Testemunho? Há algo por trás disso, e o Senhor nos manterá nesse princípio básico, e então: “...nenhum bem sonega aos que andam retamente” [Sl 84:11] e “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” [Mt 6:33].

Quando estamos estabelecidos sobre essa base, liberamos o Senhor para conceder as outras coisas, mas é uma contradição pensarmos que o curso natural é o único meio para um Testemunho espiritual. O Senhor é vida para nós física e moralmente para atender a todas as Suas demandas. Ele triunfou moralmente e Sua vitória é nossa em cada questão moral. O Senhor é nossa vida espiritual. Temos que toma-Lo pela oração, pela Palavra, pela obediência, pela comunhão, pela adoração – tomar o Senhor! Temos a verdade - a vida triunfante sobre a morte é um presente e contínuo Testemunho. Temos a lei – nos alimentar e nos apropriar do Senhor como nossa vida. O Testemunho demanda essa lei. Não podemos manter o Testemunho sem observarmos a lei. Falhe em qualquer ponto na lei espiritual e o Testemunho será quebrado. Nunca viveremos em vitória, se não orarmos, e orarmos todos os dias. Nunca viveremos em vitória, se não nos alimentarmos diariamente do Senhor na Sua Palavra.

Nunca viveremos em vitória, a não ser que venhamos a usar toda a comunhão espiritual para fins espirituais, se isso estiver disponível a nós. Se não estiver disponível, o Senhor terá que conceder mais de Si à nós, e Ele pode fazer isso de muitas maneiras. Mas, precisamos reconhecer o que Ele Se tornou da parte Deus para nós, e precisamos tomá-Lo como tal.

Capítulo 7

O Prenúncio de um Novo Dia

O capítulo seis conclui a primeira seção do Evangelho de João, que está ligada à palavra “Vida”. Foi muito enfatizado e está claro que essa Vida está inseparavelmente relacionada à Cristo. Essa declaração, que estava relacionada à morte de Cristo, causou muita ofensa e muitos foram embora. É sempre assim! Jesus, o Mestre, o Obreiro ou o Homem Bom poderia ser aceito facilmente, mas muitos O rejeitaram quando ouviram que Sua morte seria o caminho exclusivo para a vida e que a única base para união com Ele e comunhão com Deus seria por meio do alimentar dEle como o Pão partido. Desde os dias dos pais apostólicos até os dias de hoje, existem fortes divergências de opinião a respeito da palavra “páscoa” no versículo quatro do capítulo seis - se ela deveria estar ali, se está no texto original. Seja qual for o argumento contrário, concordamos que todo o ensino espiritual do Evangelho de João justifica o fato dessa palavra estar ali. A expressão “se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos” [Jo 6:53] nos conduz de volta à Páscoa. Como vimos, a Páscoa era a vida de Israel depois da passagem da morte, e isso está totalmente ajustado com João seis, onde a vida deveria encabeçar [ou dirigir] a Páscoa, ou a Cruz de Cristo. O capítulo seis marca uma transição da vida para a

luz, mas também combina as duas. Veremos a mesma declaração, ênfase e conclusão em relação à luz, como ocorreu no caso da vida, seguindo o mesmo resultado; ofensa e rejeição da parte dos incrédulos. A luz esquadrinhará, como sempre faz. Vimos que o capítulo um compreende, pelas suas palavras, todo o Evangelho. Assim sendo, essa segunda sessão é prefigurada ali pelas seguintes palavras: “A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas...” [Jo 1:4-5]. “Este veio... para que testificasse a respeito da luz... a saber, a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem” [Jo 1:7,9].

Então, a distinção entre aqueles que veem e aqueles que não veem é marcada por Natanael (Jo 1:45): “... vereis...” (versículo 51). Em contradição àqueles que estavam em trevas, ainda que na presença da luz, havia um que, sendo verdadeiramente um deles, ainda assim era diferente. Ele era um verdadeiro Israelita, em quem não havia dolo; um Israelita, em quem não havia Jacó. O egoísta, autossuficiente e oportunista Jacó foi subjugado pelo Israel sedento de Deus. Essa diferença determinará quem virá para a luz e quem será duplamente escurecido.

Cristo Cumpre a Festa dos Tabernáculos

Retornando ao capítulo sete, descobrimos que outra festa está em vista, e é na ocasião dessa festa que acontece o que

está registrado nesse capítulo. É interessante notar que, em João, a narrativa move-se repentinamente da Páscoa para a Festa dos Tabernáculos. Em Êxodo e Levítico, a ordem é a Páscoa, no 14º dia do primeiro mês; então, a Festa dos Pães Asmos, Primícias, Festa das Semanas, Festa das Trombetas, Dia da Expição e, por último, a Festa dos Tabernáculos. Portanto, a Festa da Páscoa é no 14º dia do primeiro mês e a Festa dos Tabernáculos no 15º dia do sétimo mês. O período compreendido entre essas duas festas não está registrado em João, pois somos levados, de uma vez, da Páscoa para os Tabernáculos. Isso é muito significativo e está de acordo com o que falamos anteriormente sobre a história espiritual (veja capítulo 4). Permita-nos destacar que a Festa dos Tabernáculos é a última das Festas Mosaicas (a Festa do Purim veio muito mais tarde na história de Israel). Portanto, a Festa dos Tabernáculos leva nossos olhos de volta para o início, e comemora a separação e o desapego do mundo (Egito), falando de uma vida de fé. A segurança(?) do Egito foi abandonada e abraçadas as tendas do deserto. As casas de pedra foram trocadas por tendas, mas essa nova ordem não é tão frágil como pode parecer, pois haverá o infalível governo da coluna de nuvem e de fogo. Houve também a "...pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo" (I Co 10:4). Essa é a separação da luz e da vida natural, que é mostrada como escuridão e morte, para vida e luz em união com Cristo. Quando a Festa dos Tabernáculos era celebrada no templo, um grande candelabro era aceso e um grande vaso de água do Poço de Betesda era derramado no Templo.

Esses, como bem sabemos, são símbolos de luz e vida para aqueles que creem. Cristo se apropria desse costume e se coloca no lugar de ambos, unindo em Si mesmo o simbolismo duplo da luz e da vida.

O fator de transição no capítulo sete é o seguinte: o que está definitivamente em vista é conhecer o Pai e o Filho e, através deste e dos próximos capítulos, será percebido como a questão da ignorância a respeito dos dois é fortemente enfatizada e reiterada. Toda a questão da luz espiritual, conhecimento, entendimento, verdade, se volta para esta ênfase final da vida (7:37-39), e isso devido à habitação interior do Espírito Santo. Antes que possa haver um conhecimento do Senhor, que significa comunhão, deve existir a vida. Vida conduz à luz. Este é um teste crucial, e mostra quão crucial realmente é o capítulo sete. Rejeite a vida que vem pelo caminho da Páscoa, a morte de Cristo, e seja qual for a tradição, a luz histórica, até mesmo a apreensão intelectual de Deus, e o verdadeiro conhecimento e comunhão espirituais com Ele serão impossíveis.

Cristo em Glória e O Novo Dia

Um outro grande marco do capítulo sete é o que pressupõe Cristo em glória, representando o novo dia. O novo dia é tipificado pelo oitavo dia, que, de acordo com Levítico 23:36, é o último grande dia da Festa de João 7:37. Esse oitavo dia, como sabemos, conclui a história de Israel na

Lei e traz à cena a igreja na graça. Esse foi o dia que toda a obra de Deus foi aperfeiçoada em Cristo, Ele se assentou à destra de Deus em glória, e o Espírito foi derramado, exatamente como as águas de Betesda foram derramadas no Templo. O oitavo dia se tornou no primeiro dia para a Igreja e, com isso, todas as coisas começam novamente no terreno da ressurreição. O novo dia é o dia do Espírito como vida e luz.

Olhando novamente para o sétimo capítulo de João, vemos o surgimento de um antagonismo a Cristo severamente crescente. O que estava latente, agora está se tornando manifesto, e a hostilidade a Ele é quase que universal. Até mesmo os membros de Sua família dizem não acreditar nEle. Existe suspeita, preconceito e até mesmo perigo de vida. Quando percebemos isso, não temos como não ficar impressionados com Sua calma e dignidade inabaláveis; a ascendência moral forte e estável na qual Cristo continua seguindo. Sua confiança não é apenas momentânea. Ele segue como Alguém Que está perfeitamente seguro de que nada pode atingi-Lo ou assalta-Lo até que Sua obra esteja completa. Qual é o segredo dessa elevação moral e espiritual? Para responder a isso, temos que desvendar a lei que governa o novo dia do Espírito, e tudo o que esse dia traz para o crente.

A Lei da Vida Escondida em Deus

Essa lei, como representada no Senhor Jesus, é a lei de uma

vida escondida em Deus. Ele Se recusava a ser tirado daquela comunhão secreta. Perceba que até mesmo seus irmãos argumentaram com Ele. Perceba como eles procuraram impor sobre Ele a ordem religiosa, ordenanças e práticas do povo religioso. Note como Ele foi advertido para ser político nessas questões; e então veja como Ele deixa todas essas coisas de lado, recusando-Se a ser dominado por elas. Existe algo para Ele que toma a preeminência sobre todos os sistemas religiosos e todas formas aceitas; algo que é mais do que política e diplomacia. O testemunho do Pai em Seu coração. Se passarmos por esse Evangelho, registrando todas as ocorrências da palavra “Pai”, ficaremos espantados com o resultado. Isso nos dá um pano de fundo da vida do Senhor Jesus. Foi na sua devoção de Filho ao Seu Pai, e nessa comunhão secreta tudo era determinado para Ele. Tudo era decidido pelo clamor, grito, coação, argumentos, dos homens - inclusive os religiosos - e por seus métodos, tempos, meios e regras comumente aceitas. Mas para o Senhor a questão não era o que os outros estavam fazendo, o que aquilo envolvia, ou até mesmo que vantagem poderia haver em fazer alguma coisa. Para Ele tudo se resumia assim: Essa é a vontade do Meu Pai? Se for, como Ele deseja que isso seja feito? E, quando Ele deseja que seja feito? Portanto, parece haver uma contradição no começo desse capítulo, quando Ele disse que não subiria à Festa, e então, depois que os outros vão, então Ele vai. A explicação é que, para Ele, a questão de ir ou não ir não era algo governado por fatores externos, mas Ele esperava até

receber o comando interior do testemunho do Pai.

Quantos do povo do Senhor chegaram ao fracasso, derrota e até mesmo ao desastre por se tornarem parte de uma ordem reconhecida, se rendendo ao governo de um sistema organizado, sacrificando com isso o andar interior com Deus. Assim, sua ascendência, poder espiritual e efetividade se tornaram severamente limitados, incapacitando-os de ajudar outros como deveriam, porque não aprenderam a conhecer o Senhor através da comunhão e do andar secreto e interior com Ele. Isso pode gerar dificuldades para muitos, mas toda essa dificuldade seria resolvida se a obra do Senhor fosse constituída de tal maneira que, até mesmo nas questões que envolvem governo, todas as coisas fossem feitas por intermédio da oração e, na medida do possível, em comunhão.

Certamente que isso é característico do novo dia, o dia do Espírito Santo, o dia da vida e luz, em união individual e coletiva com Cristo.

Capítulo 8

Libertos pelo Filho

Os versos 32 e 36 nos dão a chave para o capítulo oito de João:

“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”.

“Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”.

Isso nos fala de liberdade por meio do conhecimento da verdade. Percebemos que a declaração feita pelo Senhor Jesus a respeito da libertação pela verdade, trouxe à luz imediatamente naqueles com que Ele falava essa questão da escravidão. A reação instantânea deles às Suas palavras foi de repúdio à sugestão de que eles eram escravos. Eles disseram: “...jamais fomos escravos de alguém...” e, em dizendo isso, traíram completamente a si mesmos. Eles mostraram como estavam completamente cegos, justificando com isso as palavras iniciais dessa porção: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas” [vv. 12]. Não há necessidade de luz se não há trevas. O Senhor Jesus declarou que Ele era a Luz, e Ele conhecia bem a profundidade das trevas a que se referia. Entretanto, seus ouvintes não tinham consciência delas, e por isso, não viam a necessidade do Senhor Jesus. Eles não

percebiam sua escravidão; portanto, não viam necessidade de libertação. É incrível como todo esse capítulo justifica o Senhor, ao declará-Lo como a Luz e como o Libertador, devido à existência de trevas e de escravidão, mesmo que não tenhamos consciência delas.

Desta forma, esse capítulo traz à tona o fato e a natureza das trevas e da escravidão, e então mostra o caminho para a libertação, que é o próprio Senhor Jesus. Eles replicaram: "...jamais fomos escravos..." O Senhor mostrará a eles pelo menos quatro tipos de escravidão e, à medida em que eles não reconhecem nenhuma delas, fica claro quão profundas eram as trevas em que aquelas pessoas se encontravam.

(1) Escravos da Lei

Primeiramente, Jesus deixa perfeitamente claro que eles eram escravos da lei, da seguinte maneira: a lei os dominava como um senhor, um juiz, algo do qual eram incapazes de se libertar e escapar, e deveriam obrigatoriamente se render. Era dessa forma que eles eram escravos da lei. Os primeiros onze versos deste capítulo são um parêntese notável. Devemos ver como eles se encaixam no assunto geral. Ao trazerem aquela mulher surpreendida em pecado, os escribas e fariseus disseram ao Senhor: "Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?" [Jo 8:4,5]. É

evidente que esse era um ato totalmente ilegal para eles. Eles tinham um tribunal reconhecido para esses casos, onde a lei era implementada. Eles não deveriam tirar o caso da esfera legal competente para trazê-lo para uma pessoa em particular, especialmente para Aquele em Quem eles não criam. Mas o homem faz qualquer coisa com vistas a alcançar seu propósito, e o objetivo desses escribas era apanhar o Senhor em alguma armadilha. Eles estavam tentando levá-Lo a declarar Seu julgamento sobre aquela causa, O colocando em conflito com o Sinédrio, que era o tribunal judicial. Mas antes de deixar esse assunto de lado, por enquanto, vejamos a questão que vem à luz: "mandou Moisés... tu, pois, que dizes?" Ele confirmará as palavras de Moisés? Se Ele assim o fizer, pronunciando Seu julgamento, Ele tomará o lugar do Sinédrio, e também entrará imediatamente em conflito com as autoridades romanas que, naquela época, haviam suplantado Moisés na aplicação da lei. Ele deixará Moisés de lado? Se assim o fizer, será conivente e estará aceitando o pecado, e assim estará tomando parte com o mal. Parece uma armadilha da qual não há como escapar.

O Senhor está sentado no templo ensinando quando eles trazem a mulher, apresentando sua acusação e O interrogando. Então, o Senhor se inclina de seu assento e começa a escrever no chão. Eles O pressionam com sua pergunta, e tudo o que Ele diz, levantando Sua cabeça, é: "Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra" voltando a inclinar-Se. Depois de escrever mais um pouco, Ele olha para cima e todos se

foram. A Palavra nos diz: "Eles... foram se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos". Você acha que eles não eram escravos da lei? O Senhor lhes apresentou a mesma lei que estavam tentando aplicar àquela mulher. Ele usou as próprias armas dos acusadores contra eles. Aqueles que achavam que estavam bem com Moisés acabaram fustigados por Moisés, não puderam suportar a lei. Se pudessem resistir à lei de Moisés, aquela mulher teria sido apedrejada, mas eles não puderam fazê-lo. A lei os julgou e os condenou. Como ficou clara sua condição de escravidão, quando eles se foram!

Podemos ver a aplicação disso para nós, à medida que avançamos. Todos são escravizados pela lei dessa mesma maneira, não apenas eles. Deus proferiu Sua lei e nunca retirou nem um fragmento dela. Essa lei permanece! É abrangente e detalhada; toca tudo na vida e no caráter. Por um lado, temos uma lista abrangente de ordenanças do que não fazer: "Não faça!". Do outro, outra enorme relação de mandamentos positivos: "Faça!". E então os dois lados são resumidos em uma única afirmação: Se você for culpado de violar ainda que seja apenas um ponto da lei, é culpado de toda lei. Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos [Tg 2:10]. Não podemos resistir a isso. Estamos em cativeiro por natureza. Deus falou e não conseguiremos escapar. Somos responsáveis por tudo o que Deus nos deu a conhecer de Sua mente, de Suas exigências, tanto do lado do "Faça", como do lado do "Não faça". Nunca poderemos fugir disso, vamos responder por isso um dia. Cada um de

nós terá que estar diante de Deus, para prestar contas a Ele por Sua lei, não tem escapatória. Deus trará isso à tona para nós, mais cedo ou mais tarde, e isso significará condenação e julgamento para cada um de nós. Só existe uma maneira de escapar, apesar de sermos todos escravos da lei por natureza, e de termos todos que prestar contas pela lei. Será que existe alguém que possa dizer que guardou toda a lei e nunca violou qualquer pedacinho do mandamento de Deus? Não é uma questão de quantidade de pecados. Se você só cometer uma violação do mandamento de Deus, é culpado de tudo mais diante Dele. Se a lei é quebrada, está provado que você é um pecador, e você pode prosseguir nesse caminho até quando estiver diante de Deus. O fato do pecado está estabelecido e, seja ele um pecado grande ou pequeno, maior ou menor, é um julgamento.

(2) Escravos do Pecado

Em segundo lugar, eles eram escravos do pecado. Eles disseram: “jamais fomos escravos de alguém”. Jesus respondeu: “Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado” [Jo 8:33,34]. Um pouco antes, eles haviam se deparado com essa mesma questão e foram incapazes de se posicionar assim: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra” [Jo 8:7]. Essas mesmas pessoas haviam se retirado e, em tendo feito isso, haviam reconhecido que

não estavam sem pecado. Agora Ele diz: “todo o que comete pecado é escravo do pecado”. Com isso, eles confessaram ser escravos do pecado. Eles não admitiriam isso com palavras, mas essa convicção certamente tocou-lhes a consciência.

Deixando os fariseus de lado, não é necessário muito esforço para perceber como isso nos diz respeito também. Não acredito que nós faríamos o mesmo que os fariseus religiosos, que repudiaram verbalmente qualquer escravidão do pecado. Nenhum de nós diria que não tem pecado. Mas, te pergunto: Você alguma vez já tentou parar de pecar? Você já tentou nunca mais pecar? Já começou um dia dizendo: Não pecarei hoje!? Como você se saiu? Você sabe muito bem que é escravo do pecado e que não tem opção. A questão não é se você, que ainda não é salvo e não está em Cristo, tem esse domínio, pois isso domina você. O pecado é seu senhor. Sabemos muito bem que, fora de Cristo, o pecado tem domínio sobre nós e somos escravos dele. É isso que Jesus deixou bastante claro, trazendo à tona nesse incidente.

(3) Escravos de Satanás

Então, em terceiro lugar, eles eram escravos do diabo. “Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos” [Jo 8:44]. Essa é uma coisa horrível de se dizer, mas o Senhor provou que estava certo ao dizer isso.

Aqueles fariseus religiosos mataram o Senhor da Glória, e dois mil anos provaram a origem diabólica de suas obras; o diabo estava por trás daquilo; aquela não era uma obra de Deus. Desta forma, Jesus disse uma verdade, como está registrado aqui: que o pai deles era o diabo, e que eles realizaram as obras de seu pai. Eles eram, portanto, cegamente escravos do diabo.

Há ainda um fato mais profundo por trás do estado de todo homem e mulher nascido neste mundo. Eles estão debaixo da tirania da lei de Deus, são escravos do pecado, mas, por detrás de tudo isso, está a tirania do diabo. Precisamos reconhecer que não estamos lidando apenas com o pecado, mesmo sendo ele tão poderoso como é, mas é o próprio Satanás que está por detrás do pecado. Você não pode enganar o diabo! Você pode até tomar algumas precauções contra o pecado, mas logo descobrirá que não está lutando contra algo abstrato, mas contra uma inteligência sinistra e astuta, que pode fazer você tropeçar ainda que você não queira que isso aconteça. Ele pode te pegar de surpresa quando não estiver vigiando, quando estiver cansado e incapaz de se posicionar. Está tudo planejado, pensado e esquematizado. O diabo está por detrás desse negócio de pecado, com sua grande inteligência e seu grande poder. Todo homem e mulher fora de Cristo não é apenas escravo do pecado, mas também escravo do diabo. É muito bom que as pessoas digam que não vão mais pecar novamente, que desistem de pecar. Entretanto, elas não conseguirão se livrar do diabo assim, de forma tão simples, ele não vai se afastar

tão facilmente. Essas pessoas não estão lidando meramente com algum hábito, algo em que escorregam de vez em quando, mas estão na armadilha, nas garras e no domínio do diabo. Elas não precisam apenas serem salvas do pecado, mas precisam ser salvas dele. Até mesmo os fariseus religiosos eram ali escravos de Satanás.

(4) Escravos do Juízo

A quarta coisa que o Senhor Jesus trás à luz aqui é que eles eram escravos do juízo. Por causa escravidão tríplice mencionada, o juízo repousa sobre eles, o julgamento de Deus. “Perecereis no vosso pecado” [Jo 8:21]. Isso não significa meramente sumir, deixar de existir, mas “...aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo” [Hb 9:27] e não há como escapar dele. Escravos do juízo, ou seja, o julgamento se levanta como senhor da situação para cada pecador. O que Ele disse a respeito de ser escravo é algo muito, muito grandioso, algo verdadeiro em todas as direções. Quando Ele disse: “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” [Jo 8:32], e toda a questão de ser escravo veio à tona, instantaneamente eles repudiaram essa sugestão e insinuação. Mas o Senhor provou estar certo, mostrando que eles eram muito mais escravizados do que jamais haviam imaginado.

Cristo – A Verdade que Liberta

Isso é o que somos - escravos, mas Ele acrescenta: “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará... Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” [Jo 8:32,36]. Vimos que de um lado está a escravidão, agora veremos que do outro lado está a liberdade pela verdade. Que verdade liberta? O Evangelho de João está dividido em várias seções. A primeira delas está relacionada com a vida, a segunda com a luz. Cada uma dessas seções está relacionada à Pessoa do Senhor Jesus. Quando Ele está tratando da vida, a declaração central é: “Eu sou a vida”, e quando está lidando com a luz e a verdade, a declaração central é: “Eu sou a luz”. Tudo isso é dito com foco nEle. “E conhecereis a verdade”. “Eu sou a verdade!”. Isso equivale a dizer que: “Me conhecereis e sereis libertos”. O que quer dizer conhece-Lo como verdade e ser liberto? Não significa apenas saber do fato de que o Senhor Jesus existe. Não é apenas crer que existe tal Pessoa. É conhecer o que Ele representa, o que Ele significa.

A Lei Cumprida, Deus Satisfeito

Qual é a verdade no Senhor Jesus que nos liberta da escravidão da lei? Deus nunca diminui Sua lei, nem um fragmento sequer, mas toda a lei foi plenamente cumprida pelo Senhor Jesus em nosso favor. Cada um de nós foi vencido pela lei, mas Deus nunca disse: ‘Bem, como vocês

não são capazes de cumprir a lei; os abandonarei'. Nunca! Ele disse: 'você têm que encarar isso!?' Impossível! Bem, qual é então o caminho para escapar? A lei de Deus deve ser cumprida! O Senhor Jesus veio e disse: 'Eu cumprirei toda a lei e, quando ela tiver sido plenamente cumprida, podemos retirá-la do caminho'. A lei jamais poderia ser deixada de lado até ser totalmente cumprida e, por isso, o senhor a cumpriu em nosso favor, satisfazendo plenamente a Deus. "Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade" [Hb 10:7]. E Ele a fez perfeitamente. Tendo cumprido e honrado a lei, Ele a tirou do caminho e introduziu a dispensação da graça. Agora nós podemos cantar:

Livres da lei, oh feliz condição!
Pelo sangue de Jesus há remissão
Amaldiçoados pela lei e feridos pela queda
De uma vez por todas, a graça nos redimiui
[Hino "Salvação Perfeita" – tradução livre do original].

A verdade em Jesus, pela qual somos libertos, é que Ele satisfaz Deus na questão da lei. Mas, devemos nos lembrar que tudo se apoiou em Quem Jesus Cristo era. Nenhum homem comum poderia fazer essa obra universal, unindo o terreno e o celestial, o tempo e a eternidade. Somente Aquele que foi colocado em posição única de representação universal pôde cumpri-la.

O Pecado Expiado, O Homem Justificado

O próximo ponto é o pecado. Temos a verdade em Jesus contra a escravidão do pecado. “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós...” [II Co 5:21]. Sua alma se tornou uma oferta pelo pecado. “Ele fez uma completa expiação”. “Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” [Is 53:5]. A verdade em Jesus, por meio da qual nos tornamos livres do pecado, é que Ele lidou com toda a questão do pecado em nosso favor, e essa libertação da escravidão do pecado é uma libertação completa no Senhor Jesus, que foi Aquele que levou sobre Si o pecado.

Satanás Derrotado, O Homem Libertado

Isso também é verdade em relação à escravidão de Satanás. “Agora”, disse Ele quando foi para a Cruz, “o príncipe deste mundo será expulso” [Jo 12:31]. “O príncipe deste mundo já está julgado” [Jo 16:11]. Refletindo, com iluminação Divina, a respeito do acontecimento invisível no Calvário, o Apóstolo disse: “despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” [Cl 2:15]. E, como resultado disso, o Apóstolo ainda afirma: “Mas graças a Deus, que me conduz de um lugar para outro no Seu cortejo de triunfo, para celebrar Sua vitória sobre os inimigos de

Cristo” (Conybeare). O Calvário foi a vitória de Cristo sobre o Diabo em nosso favor e, por causa do que Ele ali fez, somos libertos da escravidão de Satanás.

O Julgamento Executado, O Homem em Descanso

Então temos a escravidão do julgamento. Se Ele, por livre e espontânea vontade, sem estar pessoalmente envolvido por nascimento ou natureza, tomou nosso lugar em relação ao pecado e, quando debaixo da lei e do poder de Satanás, os quais ele destruiu a todos, destruindo também a consequência que os seguem – o julgamento. Em Sua Cruz, Ele recebeu nosso julgamento, e o julgamento que estava sobre nós foi esgotado nEle. O Salmista, profetizando a esse respeito, colocou profeticamente essas palavras em Sua boca: “todas as tuas ondas e vagas passaram sobre mim” [Sl 42:7]. Esse foi o julgamento de Deus passando sobre Sua alma, quando Ele nos representou. Bendito seja Deus! Eu e você, em Cristo, não temos mais que enfrentar o julgamento. Para nós, essas coisas se passaram, mas elas ainda permanecem para aqueles que estão fora de Cristo.

A Família daqueles que são Livres

Há ainda uma outra coisa que deve ser notada. “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” [Jo 8:36].

“Se, pois, o Filho...”. É bastante impressionante quão frequentemente esse título é usado em “João”. Paralelamente temos o termo “O Pai”. O termo “Pai” aparece cento e onze vezes no Evangelho de João. “O Pai” e “O Filho” são termos familiares. Então, é significativo identificarmos esses termos familiares que aparecem no começo do evangelho de “João” a respeito do novo nascimento. “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne...” [Jo 1:12,13], e nas palavras para Nicodemos: “Importa-vos nascer de novo” [Jo 3:7]. Esse é um pensamento de família. Há um Pai, um Filho, mas para estar nessa família, é preciso nascer nela; e “se, pois, o Filho vos libertar”, significa que você está na família. Ele disse: “O escravo não fica sempre na casa; o filho, sim, para sempre” [Jo 8:35]. Se você está sob a escravidão da lei, não há lugar para você nessa família. Essa é a família dos livres, dos nascidos livres. Como seremos livres da escravidão do pecado, de Satanás, do juízo? Nascendo de novo. O Filho nos torna livres. Ao Filho é dado o poder para conceder a vida eterna a tantos quanto Ele desejar, e nós recebemos vida eterna quando nascemos de novo. Esse é o dom que Cristo, o Filho, nos dá. É a vida eterna por meio de Jesus Cristo nosso Senhor. Como nos tornamos livres? Quando nascermos de novo e somos trazidos para a família. Nos tornamos membros da família daqueles que são livres de todas essas coisas que remetem à escravidão.

Se estamos nos regozijando na grande liberdade que temos

em Cristo, nosso grande desejo é que essa seja a alegria de todos. Se você não entende esses termos, vamos falar da seguinte forma: Você deve conhecer o Senhor Jesus como Salvador, e então você se tornará livre da lei, do pecado, de Satanás e do juízo.

Uma Característica Curiosa

Observamos no capítulo 7 que o caráter geral desse Evangelho é pivotado, e um novo aspecto da Pessoa e obra de Cristo é introduzido. Com esse capítulo, a questão da luz é introduzida, mas quando chegamos à seção marcada pelo capítulo 8, essa "luz" assume uma forma definida que segue até o final do capítulo 9. Os primeiros onze versos do capítulo 8, como será notado, são como um parêntese. Eles parecem descrever quase que uma curiosidade. Isso é reconhecido pela ausência de qualquer senso de continuidade entre os versos 11 e 12. O verso 12 parece remeter ao verso 52 do capítulo 7. Por que isso acontece? Qual é a explicação dessa característica curiosa? Quer o próprio João soubesse ou não, há aqui mais um notável exemplo do seguimento de uma história espiritual progressiva. Vamos ver isso à medida que avançamos.

A Pessoa de Cristo Antes da Doutrina

Podemos vislumbrar esse parêntese por duas perspectivas, a natural e a espiritual. A natural remete àquilo que se relaciona com a armadilha que foi preparada para Cristo. Esses líderes judeus, procurando ludibriá-Lo, trouxeram essa mulher, como eles disseram, apanhada em flagrante pecado, e apresentaram a ele essa pergunta: "Moisés ordenou... o que dizes tu?" Quando todos os fatores são levados em conta, parece ser uma armadilha extremamente difícil de se desvencilhar, se não impossível. Ao trazer essa questão, eles estariam considerando que, se Ele colocasse Moisés de lado, haveria um caso claro contra Ele diante de todo o mundo judeu, e especialmente diante do Sinédrio Judaico. Tal atitude também O envolveria na acusação de considera-Lo conivente com o pecado. Se, por outro lado, Ele permanecesse com Moisés e concordasse ou exigisse o apedrejamento dessa mulher de acordo com a lei, duas coisas aconteceriam: Ele entraria em colisão com as autoridades romanas, que naquela época suplantavam a lei judaica, e então levantaria um forte problema social com a opinião pública, pois a moralidade na ocasião se tornara muito frouxa, e seria difícil ser popular, se tais medidas extremas fossem aplicadas. Podem haver outros pontos, mas, diante das circunstâncias, isso parece ser uma interpretação razoável do que estava acontecendo. A probabilidade é que a última alternativa seja a suposição mais fraca, visto que, em muitas vezes, Ele suplantou Moisés em algumas de Suas afirmações - "... Eu, porém, vos digo..." - eles ficariam satisfeitos em apanhá-Lo em implicações morais por parecer tolerar esse pecado, contra o qual Moisés havia condenado tão severamente.

Com essa armadilha diante de nós, e - como aqueles que a colocaram poderiam pensar – da qual não há escapatória, podemos ver por que o Espírito de Deus colocou este incidente onde está, apesar de parecer tão desconectado da narrativa para a mente humana. Ele serve de três maneiras ao propósito principal de trazer à luz a glória e a grandeza de Cristo. Antes de considerarmos essas três maneiras, notemos, em primeiro lugar, que estamos no início de uma nova seção, e não é o mero incidente que se torna o ponto focal, mas a Pessoa do Senhor. Isso nos lembra que primeiro sempre nos é apresentada a Pessoa, antes da doutrina, e que tudo o que se segue emana e opera de volta para o Senhor. Esta é uma lei que governa tudo nas Escrituras. O ensino nunca é algo isolado, e não devemos ser governados por um sistema de doutrinas, por mais elevadas e boas que elas sejam. O essencial é que tudo esteja relacionado à Pessoa, pois é a Pessoa que torna a doutrina viva e Quem a governa. Além da presença viva do Senhor em nossas vidas, o ensino consiste em algo meramente teórico.

Veremos agora algo a respeito da armadilha acima mencionada e as três maneiras pelas quais o principal objetivo do Evangelho de João é servido por ela.

A Superioridade de Cristo

Primeiramente, há o magnífico escape da armadilha, não por mera inteligência. Mera inteligência simplesmente resolveria o problema se desvinculando da dificuldade. Entretanto, aqui, a questão é muito mais abrangente, levantando tremendos fatores morais e espirituais, que desafiam o mundo – especialmente o mundo religioso. Não se trata meramente do fato de que aqueles que procuraram capturá-Lo foram frustrados em seu propósito ou desapontados em seu objetivo; eles são deixados com algo no que pensar, e esse algo, para eles, levanta questões fundamentais que estavam entre eles e Deus.

Em segundo lugar, como sendo parte dessas questões, algo aconteceu, que ninguém, além de Cristo, poderia suscitar. Encontre qualquer um desses líderes judeus no curso da vida cotidiana e busque, por meio de argumentos ou acusações, levar-lhes à convicção de pecado, trazendo um efeito que os levaria a fugir debaixo de condenação - tal coisa seria impossível. Eles estavam completamente satisfeitos com sua justiça própria. Não eram eles o povo escolhido de Deus, os que possuíam os oráculos e a quem pertenciam a aliança? Não eram eles sempre gratos por não serem como os outros homens? Não! Nenhuma tarefa poderia ser mais ingrata do que tentar leva-los à consciência de pecado. Mas aqui isso foi feito, e foram eles mesmos que proveram a base para isso. Ninguém, a não ser o Senhor Jesus, poderia trazer condenação ao coração do judeu por causa do pecado. Aqui vemos a verdade patente diante de nós: não se trata de doutrina, de filosofia do cristianismo ou de moralidade da religião cristã. Essas

coisas não ajudariam em nada em situações como esta, mas toda a questão do pecado e da condenação está relacionada com a Pessoa. "O julgamento é este: que a luz veio..." [Jo 3:19]: "Eu sou a luz..." [Jo 8:12].

A Mudança da Lei para a Graça

A terceira coisa inerente a esse fragmento entre parênteses é a mudança de dispensação. De vez em quando, à medida que avançamos nos capítulos desse Evangelho, observamos o fato de que o capítulo 1 é a semente de todo o Evangelho e o que está ali em fragmentos é desenvolvido posteriormente. Isto é verdade no que diz respeito à passagem em consideração. No capítulo 1, versículo 17, temos: "Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo". Que exemplo disso temos aqui. Eles disseram: "Moisés ordenou...." Essa era a lei, e, por essa lei, essa mulher deveria morrer. Mas quão magnificamente através de Jesus Cristo a graça e a verdade entraram. Mas, para isso, não teria havido escapatória para a mulher, no que dizia respeito à lei. Mesmo não desculpando o pecado ou o tornando menos pecaminoso, a graça provê um caminho de perdão e salvação. A lei se voltou para os próprios líderes judeus e os puniu em condenação. A graça encontrou um meio de escape para a mulher, a quem eles haviam procurado destruir por ter violado a lei, e ainda com relação a tal lei, eles mesmos provaram não ser

inocentes.

Prosseguindo adiante, descobrimos que, com o que mencionamos estando logo no início, o capítulo 8 enfatiza o fato de que Cristo é a Luz, e o homem, por natureza, está em trevas, o que significa escravidão, e que a liberdade vem através do conhecimento e obediência à verdade. Cristo é aqui apresentado como a revelação de Deus e, como tal, Ele é a Verdade. Portanto, Conhecê-Lo e obedecê-Lo é o caminho da liberdade e da luz.

Cristo Escreve na Terra, Deus Escreve no Pó

Várias interpretações foram dadas ao ato de Cristo se abaixar e escrever no chão. Alguns pensam que Ele estava escrevendo os pecados dos judeus. Outros se contentam com a simples explicação de que Ele estava meramente demonstrando desprezo pelos acusadores dessa mulher por sua conduta desprezível; ou, na melhor das hipóteses, indiferença à sua tentativa de pegá-lo.

Não poderia haver algo mais profundo e mais rico do que isso nessa Sua conduta? Suas ações sempre foram tão cheias de significado, e vendo que Ele era a personificação perfeita do Evangelho, não poderíamos esperar ser guiados por esse ato para alguma realidade eterna mais ampla, visto que isso aconteceu de forma tão deliberada e repetida? Deus, mais de uma vez na história deste mundo,

escreveu Sua mente no pó. De fato, esta tem sido uma forma deliberada e escolhida por Ele. Em Adão, Ele escreveu uma expressão de Si mesmo. Em Moisés, o dedo de Deus escreveu Seus pensamentos em tábuas de pedra. Estas foram expressões objetivas da mente de Deus; isto é, elas eram algo fora e separado do próprio Deus. Em Sua expressão plena e final, Ele, em graça, inclina-se até os homens para se associar com eles e, em humanidade, primeiro dá uma expressão de Si mesmo para salvação deles, antes do juízo. Esse inclinar é revelado na carta aos filipenses, capítulo dois. Da igualdade de Deus à semelhança de homem, e mais profundo ainda, Ele Se inclinou para livrar da maldição da Lei e da morte do pecado. Ele escreveu no pó desta terra, por todos nós – por essa mulher apanhada em pecado e por todos os outros - que "nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte" (Romanos 8: 1,2). "Deus... nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas..." (Hebreus 1: 1). Que inscrição! Que poeira! Que graça e verdade! "... Quem me vê a mim vê o Pai " (João 14: 9).

Ele bem que poderia se dar ao luxo de parecer indiferente à Lei e à seus representantes, ou não ter interesse no caso que Lhe foi trazido (como alguns interpretam o Seu ato), pois Ele bem sabia que a Lei seria cumprida e seu regime terminado com Sua vinda, assegurando, por um lado, uma perfeita satisfação de Deus no homem representativamente, e, por outro lado, a dispensação da

graça: uma transição do exterior para o interior, do transitório para o permanente, do tipo terreno para a realidade celestial. Tudo está no sentido mais profundo da Filiação.

O Capítulo 9, a seguir, é realmente uma parte de algo único e, embora introduza vários fatores extras, torna-se uma grande lição objetiva da verdade enunciada no capítulo 8. Passaremos, portanto, imediatamente para o próximo capítulo.

Capítulo 9

Iluminação Espiritual

Ao chegarmos a esse ponto no Evangelho de João, avançamos mais um passo na apreensão de Cristo. Veremos como, de uma maneira muito prática, a narrativa continua: “Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença” [Jo 9:1]. Frequentemente observamos que as coisas que ocorreram na vida de nosso Senhor não foram apenas acontecimentos, meros incidentes, detalhes de uma história, mas tudo era ordenado dentro do compasso de um soberano propósito. Assim como havia um elo espiritual entre a multidão sendo alimentada no deserto e o Senhor Jesus sendo dado como Pão da Vida, esse também é o princípio neste evento.

Esse caso do homem cego de nascença é marcado por características que nos levam para nossas profundezas. Sem dúvida, havia muitos cegos naquela parte do país naquele tempo, mas este, com um propósito especial em relação ao pensamento Divino, foi trazido ao caminho do Senhor Jesus. O mistério que envolve o seu caso é por demais profundo para nós. A pergunta dos discípulos trouxe uma quase impressionante conclusão: “Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” [Jo 9:2]. Se eles foram vítimas de superstição, ou se estavam pensando naquela parte da lei Mosaica que falava em pecados sendo visitados sobre os filhos até a terceira e

quarta geração, o fato é que essa pergunta propiciou a seguinte afirmação, que apesar de incompreensível, traz a esse problema um tremendo valor espiritual: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus” [Jo 9:3]. Desta forma, podemos ver que havia um objetivo para a condição deste homem, e esse objetivo governava um movimento soberano que o colocou no caminho de Cristo naquele momento. Todo o contexto confirma isso e lança uma muita luz ao acontecimento.

O Mistério da Cegueira de Israel

Notamos o fato significativo que vai ao cerne do assunto, que entre todos os cegos daquela região e ocasião, este homem havia nascido assim. Provavelmente uma coisa mais rara que a outra. Não é sem significado que esse caso em particular fosse de cegueira de nascença. Isso represente, em princípio, toda a verdade da vinda de Cristo como a Luz. A Palavra de Deus declara claramente e toma como certo que a toda raça é cega por natureza e está em trevas, e que, na melhor das hipóteses, o homem natural não pode ver o Reino nem as coisas do Espírito. Vimos no caso de Nicodemos que mesmo com toda a sua iluminação natural e religiosa, com toda a sua capacidade intelectual, com tudo o que ele era por natureza, ainda assim, o Senhor lhe disse: “Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” [Jo 3:3]. Assim, o velho nascimento é cego, enquanto o novo é com visão. O

homem, por natureza, na melhor das hipóteses, é incapaz de ver aquilo que se relaciona com o Reino de Deus. O homem nasce cego. Lembremo-nos de que essa afirmação foi, em primeiro lugar, destinado a Israel ou ao judaísmo. Esse é um daqueles embriões da verdade que será descortinado na carta aos Romanos. A cegueira de Israel é notória. Toda uma história trágica deles está envolvida nessa cegueira. Veio Aquele que poderia ter lhes dado visão, mas eles não acreditaram que estavam cegos, provando sua cegueira ao crucificarem o Senhor da Glória.

Da aplicação específica à Israel, a verdade é expandida para a raça, tornando-se uma verdade de aplicação universal. Esse fato universal é referido muitas vezes em escritos posteriores do Novo Testamento. Mas, à medida que prosseguimos com a história, ficamos cientes de que essa cegueira, embora certamente não seja parte da vontade governante de Deus, está conectada com Suas obras. "É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia" [Jo 9:4]. "...Para que se manifestem nele as obras de Deus". As obras de Deus, portanto, estão relacionadas ao estado natural do homem em sua cegueira. As obras de Deus são dirigidas para levar o homem ao lugar de iluminação e conhecimento espiritual.

Cristo e o Sábado Novamente

Há dois outros elementos importantes aqui. A cura do

homem cego foi realizada no dia de sábado. Por ter sido feita no dia de sábado, despertou uma grande fúria entre os anciãos judeus. Todo o problema que se seguiu foi, em grande parte, relacionado a isso, ou pelo menos esse foi o pretexto – o fato da cura ter acontecido no sábado. As obras de Deus trazem aqueles que, por natureza, estão cegos e nas trevas para a iluminação e entendimento espirituais. Tais obras estão foram conectadas com o Dia de Sábado pelo Senhor Jesus. O Dia de Sábado, com tudo o que ele representa, deve ser visto como uma questão do próprio Cristo. Essa é a essência desse capítulo. Cristo é o Sábado de Deus: isto é, todas as obras de Deus são completas em Cristo. Deus chega ao Seu descanso em Seu Filho, e olha com prazer para todas as coisas em Cristo, dizendo: É muito bom. O "está consumado" do Calvário foi o estabelecimento da verdade espiritual do repouso Sabático no Senhor Jesus. Entrar na iluminação e entendimento espirituais é uma questão de entrar na obra consumada de Deus em Cristo. Falando de outra forma: é entrar na apreensão de Cristo como Aquele que consumou as obras de Deus.

As Obras de Deus

Um outro elemento importante é essa afirmação notável: "É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia". Essa é, sem dúvida, a melhor tradução. O "façamos" [no plural] traz consigo algo de

grande importância e valor. O Senhor conecta-se com os Seus nas obras de Deus com vistas à iluminação daqueles que estão cegos e na escuridão. Com efeito, Ele está dizendo: Nós, eu e Meus cooperadores e parceiros, devemos realizar essas obras relacionadas à cegueira e trevas, para trazer a iluminação e o entendimento espirituais. Paulo foi comissionado a participar obras de Deus. Você se lembra que ele nos disse o Senhor lhe falou quanto à sua comissão: que ele deveria ir e estar diante de governantes, reis, gentios, e que o objetivo seria: "... para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus ..." [At 26:18]. Ele foi um obreiro, trabalhando em conjunto com Deus nos abrir dos olhos, para que as pessoas pudessem se converterem das trevas para a luz, e ele o fez por meio do Espírito. Em nossa vida espiritual, estamos desfrutando do benefício de tudo isso. Lembre-se de suas palavras na carta de Efésios 1:17-18: "para que... o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes...". Então, ele lista algumas das coisas que eles poderiam saber tendo seus olhos iluminados com o Espírito de sabedoria e entendimento. Nós, amados, somos chamados para a comunhão do Filho de Deus nesse ministério, e entramos diretamente nesse pequeno fragmento de João 9:4: "É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia", e obras de Deus são: "... para abrir os olhos deles". Assim, tudo está relacionado ao estado natural daquele homem, por ter nascido cego.

O Que é o Conhecimento de Deus

Uma verdade a respeito da iluminação e entendimento espirituais é que isso não vem por meio da apresentação da verdade. Podemos ter ouvido muito a respeito da verdade e estar bem informados sobre a doutrina, mas ainda podemos carecer de entendimento espiritual. O entendimento não vem de uma apresentação da verdade. Entendimento vem por um ato definido de Cristo em nossos corações. É uma obra a ser realizada. Não temos uma apreensão de Cristo meramente dentro de formulação de linhas doutrinárias. Uma apreensão de Cristo se dá por um toque vivo. Ele tocou, Ele ungiu seus olhos. Isso é um toque vivo. É um ungiu dos olhos no nosso interior. Existem coisas ainda mais profundas, que podem ser tocadas à medida que avançamos. Mas reconheça essas palavras. Desejo enfatizar que a história de Israel chega ao seu ponto culminante neste capítulo; o fim deste capítulo é o ponto máximo da história de Israel como um povo cego, porque não havia neles a faculdade interior de entendimento espiritual, e ainda assim, eles possuíam todos os oráculos de Deus. A passagem tremenda de Dt 29:4 nos diz: "Porém o SENHOR não vos deu coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, até ao dia de hoje". Sabemos que toda a Lei havia sido dada; e Israel recebeu uma tremenda apresentação das coisas Divinas naquele momento. Eles tinham trilhado por um caminho de maravilhosas manifestações de Deus; uma

história muito cheia e rica de Deus se manifestando em palavras e atos; Deus fazendo-Se conhecido a eles. Agora, Moisés estava concluindo sua carreira; em muito pouco tempo ele cantaria sua canção, como registrado nos capítulos finais desse livro (Deuteronômio), e então seria sepultado por Deus. Juntando tudo isso, toda aquela história da manifestação de Deus a eles, Ele fez essa referência notável que está registrado no capítulo 29, versículo 4. Deixando a questão da responsabilidade de Deus nesse assunto, Moisés estava simplesmente considerando o fato de que, depois de tudo que passaram, eles ainda não estavam vendo. Depois de tudo, eles não estavam ouvindo. Vendo, não viam; e ouvindo, não entendiam; tendo tudo sido mostrado à eles, eles não conheciam em seus corações.

A história prosseguiu, séculos após Moisés, culminando em João 9. Com tudo o que se passou desde Moisés, todos os séculos de monarquia, todo o ministério dos profetas, em João 9, eles ainda estão cegos. Eles têm toda essa massa de verdade, mas nenhum entendimento, não tem olhos para ver, ouvidos para ouvir, nem corações para entender. Bem fez o livro de Provérbios ao estabelecer um alto valor para o entendimento. O entendimento é estimado acima do preço dos rubis. Que coisa tremenda é o entendimento espiritual. Note, ele vem por um toque vivo do Senhor Jesus, e é algo inestimável. Israel tinha que obedecer aos mandamentos; mas eles não tinham entendimento. Entretanto, o aspecto da nova aliança não é a obediência aos mandamentos vindos de fora, dados a nós, mas é ter

revelação interior do Senhor. "Mas esta é a aliança que farei... Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração" [Jr 31:33 – ACF]. A revelação de Deus é o Cristo no interior. "Porque Deus... resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo" [2 Co 4:6]. Essa é a nova aliança, que não é mais uma questão de: "Tu deverás", "não deverás", para o crente. O cristão não é colocado debaixo da lei, no sentido de que ele está obrigado a fazer isso e aquilo, ou não fazer isso e aquilo. Não, o crente é verdadeiramente um filho de Deus, não mais governado por um sistema exterior de permissões ou proibições, mas por uma lei interior do conhecimento Divino da vontade do Senhor, na base de uma comunhão viva com Ele.

É uma bênção ver crentes manifestando o fato de terem, em seus próprios corações, um conhecimento do Senhor, de saber o que o Senhor quer que eles façam. Eles não fazem as coisas porque os outros esperam que eles façam, e não se absterem de fazer certas coisas por causa do que os outros vão dizer. Eles estão conhecendo o Senhor em seus próprios corações. Essa é a prova de que eles entraram em comunhão viva com o Senhor Jesus, de que eles não estão mais debaixo a economia mosaica, mas no regime da habitação do Espírito Santo. Israel cegamente - isto é, no que diz respeito à sua visão espiritual - seguiu os mandamentos e as leis. O filho de Deus segue inteligentemente a vontade conhecida de Deus. Essa luz está conectada com Cristo como a Vida. Isso significa que é algo vivo. É a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus que

traz vida e paz, e é desse modo que conhecemos a mente do Senhor a respeito de qualquer coisa proposta. Vida e paz, se nossa comunhão com Ele estiver certa; vida e paz em nossos corações. Essa é a nossa luz. Se não tivermos vida nem paz em qualquer curso proposto, diante do Senhor, poderemos suspendê-lo por um tempo, e descobriremos que isso será justificado. O Senhor não mais nos fala diretamente sobre os assuntos: 'sim, você deveria fazer isso ou aquilo'; e: 'não, você não deveria fazer isso ou aquilo'. Ele agora fala por meio de leis espirituais, nem sempre verbalmente, e Sua fala, a fala do Espírito, é primeiro para o espírito, interpretada posteriormente pela mente. Ele fala em nossos corações e a linguagem do Espírito é vida, paz, descanso ou o contrário.

Nesse ponto, é necessário reconhecer aquilo que nos é dado pelo toque vital de Cristo em nossos olhos espirituais; isto é, o conteúdo da luz que recebemos. Bem, a resposta para isso é tão abrangente que, sem exageros, nos manteria aqui por muito tempo, porque incorpora tudo aquilo que nos acontecerá em nosso relacionamento com o Senhor.

Cristo – A Resposta para Todos os Problemas

Um ponto que vem à luz é relacionado ao propósito eterno de Deus para o homem; qual é nosso lugar na intenção original de Deus. Isso não é um assunto pequeno. As

respostas para questões como "Por que eu existo?", "Para que existo?", "Qual o motivo da existência da raça humana?" são reveladas na pessoa de Cristo. Se você apreender Cristo, terá entendido isso. A Encarnação é a resposta à indagação da causa da existência do homem. Veja Cristo, o Filho do Homem, e verá qual era o pensamento e intenção original de Deus para o homem. Na apreensão de Cristo obtemos as respostas às questões mais profundas do coração humano: "Por que existo?", "Por que corre a carreira?" - Cristo é a resposta! Mas algo se interpôs ao propósito original de Deus, da forma como havia sido primeiramente projetado, fazendo com que víssemos qualquer coisa, menos Cristo, na carreira. Vemos uma terrível distorção, uma deturpação horrenda; mas Deus não abandonou Seu propósito original.

A segunda revelação surge: Como? A partir de nada além de ruínas, Deus obterá Sua intenção. Assim, somos apresentados ao grande tema da redenção: Como? A resposta para essa segunda pergunta é Cristo. Ele se torna redenção para nós. A apreensão de Cristo é a resposta para a pergunta "Como?" em meio à toda essa destruição e ruína da raça humana. A apreensão e a compreensão vivas de Cristo respondem a isso. Como Deus fará isso? Olhe para Ele, O apreenda por meio da fé, e isso será feito em você, Deus o fez. "Portanto, se alguém está em Cristo, há uma nova criação" (2 Co 5:17 - margem V.R.). A semente da criação totalmente conformada a Cristo é plantada no novo nascimento.

Então, surge uma questão adicional. Tendo apreendido a Cristo como a resposta para o "Como?", ainda estamos enfrentando o problema da imperfeição das nossas vidas. Nós ainda não somos perfeitos, ainda não alcançamos a perfeição. Por quais meios devemos alcançá-la e como nos tornaremos perfeitos? Cristo é a resposta. "... Cristo em vós, a esperança da Glória" [Cl 1:27]. Cristo em vós, apreendido pela fé, é a base da nossa conformidade com a Sua imagem. "...Até ser Cristo formado em vós" [Gl 4:19]. Como somos conformados à imagem do Seu Filho? A resposta é Cristo, como uma realidade interior viva por meio do Seu Espírito.

E assim poderíamos continuar vendo o que é Cristo e o que a iluminação concernente a Cristo traz ao responder a todas as perguntas. Isto é o que quero dizer com o conteúdo da visão, iluminação e compreensão espirituais. Não é pouca coisa ter seus olhos abertos, e há um progresso infinito nisso. Devemos continuar vendo cada vez mais em Cristo, não apenas até o final deste curto espaço de tempo de nossa existência, mas além, onde a visão será perfeita, ainda permaneceremos explorando o significado de Cristo através das eras eternas, sempre encontrando algo novo e fresco no significado de Cristo. Essa é a minha esperança, no meu presente desespero. Tomo um fragmento das Escrituras, como "João", e não sei quantas vezes já li e procurei explicar, e começo de novo percebendo que não sei nada a respeito. Entrando numa esfera como esta, você só pode dizer: Oh, se alguém pudesse nos dar alguma luz a esse respeito! Então entendo

que terei que começar "João" todo novamente, e toda vez que fizer isso haverá um desvendar mais completo do Senhor Jesus, e eu sei que ainda será assim, mesmo no final de toda minha vida. Nossa esperança é que entenderemos as Escrituras lá em cima. Nós O veremos como Ele é; mas agora, O vemos como que através de um vidro escuro. Há muitas coisas que quero saber, mas já é uma grande coisa conhecer seu início. É precioso ter nossos olhos abertos. Estar aqui neste pequeno caminho, com uma pequena medida de visão espiritual, olhando para o Senhor Jesus, é uma grande coisa para nossos corações. É uma bênção para o enriquecimento das nossas vidas. Você se sente mais forte quando o Senhor acrescenta um pouco mais de luz à luz que você já tinha antes. Visão, iluminação e compreensão espirituais são coisas muito reais. É um dom abençoado de Deus no Senhor Jesus, que vem por meio desse Seu toque vital sobre as faculdades interiores.

A Lei da Iluminação Espiritual

Agora devo apressar-me para tocar no assunto da lei da iluminação e compreensão espirituais. Há coisas profundas aqui, que podem não nos trazer muito proveito nesse momento. Coisas como esse barro que o Senhor fez, com o qual Ele ungiu os olhos desse homem. Parece-me haver uma sugestão aqui, mantendo o significado do corpo de Cristo. O Pai preparou-Lhe um corpo no qual Ele realiza Sua obra, e toda a obra do Calvário de Cristo foi feita a

partir de um corpo físico. O nosso tomar, pela fé, no Espírito, do corpo de Cristo simbolizado pelo pão, deve ser para nós uma ministração espiritual daquilo que esse corpo representa como um triunfo da humanidade; trazendo-nos à comunhão com a Sua humanidade triunfante, estabelecendo um elo entre nós, no espírito, e a Sua humanidade vivida em vitória. A apreensão da humanidade absolutamente triunfante do Senhor Jesus pela fé é algo para nossos corações. Esse barro parece carregar esse mesmo significado; que é o toque, por assim dizer, da humanidade do Senhor Jesus sobre nós. É um elo vital entre Ele e o que Ele é como a Oferta de Manjares, a flor de farinha que dá virtude ao nosso homem espiritual.

Você se lembrará da Oferta de Manjares de Levítico, representando a perfeita humanidade do Senhor Jesus. Ela tinha que ser apresentada a Deus como uma oferta. Ela representa a apreensão espiritual das perfeições humanas do Senhor Jesus em Seu corpo enquanto esteve aqui na terra, formando um elo com Deus, resultando em valores espirituais para o ofertante. Você consegue entender isso? Bem, agora, há algo no toque espiritual da humanidade perfeita de Cristo em verdade e em espírito sobre nossas vidas; um contato vivo com Ele em relação àquilo que Ele é como o Homem triunfante sobre a morte. Eu disse que havia questões mais profundas que precisavam ser mais exploradas, e elas talvez sejam ampliadas à medida que nossa compreensão espiritual crescer. Vejo algo muito precioso nisso. Sou levado de volta à pergunta inicial: Por que comer a carne e beber o Sangue do Filho do Homem?

Por quê? "Isto é o meu corpo, oferecido por vós" [Lc 22:19] Por quê? Agora, esse não é aquele corpo que recebeu nossos pecados, quando Ele foi feito pecado por nós, levando nossos pecados em Seu corpo no madeiro. O corpo oferecido é o corpo que triunfou sobre o pecado através da morte. Ele nos dá esse corpo e diz: "Tome, coma"; "se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos" [Jo 6:53]. Por quê? Para nos trazer, em espírito, em nossa vida humana, para dentro da comunhão com Ele no triunfo de Sua humanidade, tornando possível viver uma vida humana triunfante aqui; fazendo de Sua humanidade triunfante um princípio vivo para nós em nossas vidas humanas. Não é esse o princípio? Assim, as virtudes da humanidade perfeita do Senhor Jesus tornam-se fatores vitais para nosso crescimento e desenvolvimento espirituais. Um toque disso em nossos corações carrega consigo o valor da vida e da luz. Se ultrapassei sua capacidade de compreensão, perdoe-me, mas pergunte ao Senhor se há alguma coisa nisso para você, Ele te mostrará.

O Cristo Vivo ou A Tradição Morta

Rapidamente, vamos considerar a lei do entendimento espiritual. O que este capítulo, ou o contexto geral, mostra ser a lei da iluminação e entendimento espirituais? Bem, leia toda a história novamente; o início na abertura dos olhos desse homem e tudo o que se segue, ou que deriva

dali, e você verá o que governa todo este assunto. Cristo estava fazendo isso como um sinal, lembre-se disso, um sinal no meio da cegueira espiritual, da cegueira generalizada de Israel. Aquele homem recebeu sua visão. Isso foi um sinal relacionado com aquela situação. Qual foi a questão levantada para esse homem no incrível conflito que se seguiu? Oh, que batalha surgiu sobre esse homem! Por que? Até mesmo seus pais foram logo dragados para dentro dela. Com medo de serem coniventes, eles temeram por suas vidas e não disseram o que sabiam. Eles não seriam francos e honestos, porque temiam as consequências. Por fim, esse homem foi expulso da sinagoga, foi excomungado. Por quê? Era Cristo ou a tradição. Essa era a questão. A questão toda era se Cristo seria o Senhor ou se seria assenhorado e dominado pela tradição morta. Aqui, como vimos, estavam todos os oráculos de Deus. Aqui estava toda a forma de doutrina, a tradição dos anciãos, aquilo que já estava estabelecido, fixado. Tínhamos os governantes eclesiásticos que regiam com base nessa tradição, mantendo-a para si mesmos e dando sua própria interpretação; sem vida, sem luz e mas ainda assim sustentando a verdade. Então Cristo, por outro lado, tinha tudo isso, mas tinha algo que eles não tinham - a vida e a luz. Ouça-o: "Foi dito... eu, porém, vos digo". Em nenhuma instância o Senhor contradisse Moisés, mas trouxe uma interpretação de Moisés. Se você olhar para o contexto, verá que o que Cristo disse estava remetendo ao princípio interior e não apenas à fraseologia exterior. Moisés disse: "Não matarás... Eu, porém, vos digo que todo aquele que sem motivo se irar contra seu irmão estará

sujeito a julgamento..." Não uma contradição, mas uma interpretação. Isso está os conduzindo ao princípio. O princípio do assassinato é a ira. Se você feriu o princípio é tão culpado da questão como se tivesse cometido o ato em si. O ato está lá em princípio. É a autoridade viva de Cristo que está em questão, e a lei da iluminação e entendimento espirituais é o senhorio absoluto de Jesus Cristo sobre a mera tradição, que pode ser hereditariedade religiosa, treinamento, educação. Se estas duas coisas se chocam, e se nossas tradições, nossas aceitações, nossos sistemas religiosos não estão em comunhão com Cristo como vida e luz, ou se, por algum momento, se estabelecerem no caminho de uma caminhada viva com Deus; e se continuar com o Senhor Jesus significa que essas coisas devem ser deixadas para trás, bem, nosso entendimento e iluminação espirituais dependem disso.

Muitas pessoas não entram na revelação mais completa e não chegam a um rico conhecimento interior do Senhor, porque se apegaram à velha vida de tradições, não rompendo com ela; porque permitiram que o homem dominasse sua consciência e entendimento, em vez de dirigirem-se diretamente ao Senhor. Não devemos mais nos perguntar o que diz o rabino, a tradição ou Moisés, mas o que o Senhor diz para meu próprio coração? Toda a questão neste capítulo era se o Senhor Jesus seria o Mestre para esse homem, ou se ele iria romper com o Senhor Jesus e voltar para os fariseus, para a velha escola novamente. A lei de sua iluminação estava ali. Você pode dizer que ele foi iluminado antes que esta questão surgisse. Sim, mas era o

sinal. Veja que o Senhor estava fazendo algo mais. O final do versículo 34 - "E o expulsaram" - seria o capítulo 10, versículo 1: "Em verdade, em verdade vos digo: o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador. Aquele, porém, que entra pela porta, esse é o pastor das ovelhas. Para este o porteiro abre, as ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora". Como? Porque eles ouvem a Sua voz! Todo esse assunto das ovelhas do Senhor só vem à luz quando eles expulsaram esse homem. Aqueles a quem os homens expulsam, o Senhor recebe, fazendo deles Seu próprio rebanho com base no conhecer, ouvir e entender a Sua voz. Aquilo de que eles saíram não ouve, vê, ou entende, é o reino das trevas. Esse homem foi expulso, e a partir desse momento o Senhor o buscou e começou a guiá-lo, em princípio.

Agora precisaremos da aplicação da verdade pelo Senhor. Não comece a aplicá-la de maneira mecânica. Estou enfatizando o princípio, não como aplica-lo. O princípio é que existem dois senhorios. Há o senhorio da tradição sem vida, uma ordem religiosa e um sistema, que pode ter tido uma origem correta e adequada em Deus, mas agora foi assumido e dominado pelo homem, e é usado, interpretado e aplicado pelo homem, e é isso que domina. Por outro lado, há o Cristo vivo e pessoal para a vida individual, para Governar o coração em todas as questões da vida espiritual. Qual destes dois será o Senhor? Te digo que são duas coisas diferentes. Podemos muito bem agradecer a Deus quando essas duas coisas podem ser

consideradas como uma só. Isto é, Cristo pode ser um Senhor vivo dentro de um arranjo ordenado aqui; mas se as coisas estiverem como nesse caso, Cristo como um Senhor e a tradição religiosa como outro, então haverá um problema, uma crise. Aplicando o princípio, vejo que muito de nosso conhecimento do Senhor depende de nossa disposição de continuar com Ele, quando tal curso significa, muitas vezes, uma ruptura ou uma saída de alguma antiga tradição religiosa escravizante. Enquanto permanecermos presos a isso, seremos mantidos em uma limitação de conhecimento espiritual. A lei da revelação e do crescimento na revelação é uma caminhada pessoal, próxima e espiritual com o Senhor.

O Custo da Visão Espiritual

Muitos não pagarão o preço que está envolvido nessa questão. Para esse homem, houve um preço. Seus pais estavam em perigo. Sua família não estava muito satisfeita pela forma como esse homem a havia envolvido na situação. Sem dúvida, eles ficaram contentes por ele ter recobrado sua visão, mas desejavam que não tivesse sido exatamente da forma que foi, nesse dia e nessa relação em particular. Ele poderia ter recebido a bênção de alguma outra maneira que não fosse envolvendo tantos problemas com as autoridades.

A bela simplicidade desse homem nos atinge em toda a

história. Eles discutem com ele, e falam sobre o Senhor Jesus como não sendo verdadeiro, etc. Ele diz: Ora, estranho isso aqui, um homem abre os olhos do cego, algo nunca visto desde a criação do mundo, e vocês dizem que aquele que faz uma coisa dessa está errado, é mau, é ruim? O homem tem um lindo conhecimento do Senhor e não consegue entender esse ponto de vista. Quando você tem luz, não consegue entender o ponto de vista das pessoas que tomam essa atitude. Mas isso lhe custou muito.

Há poucas coisas que têm um preço tão alto quanto a revelação espiritual. A revelação espiritual começará imediatamente a cortar certos relacionamentos. Muitas pessoas não continuarão contigo quando você receber revelação espiritual; elas não podem, porque não receberam essa revelação. Muitas pessoas tomarão atitudes, pensando que você acha que tem mais luz que os outros, que considera possuir algo superior aos demais e que acha sabe mais que os outros. Talvez, as portas que estavam abertas para você sejam fechadas e você não terá mais a aceitação dos velhos tempos. Você fica debaixo de suspeita. Você enfrentará o ataque aberto dos poderes das trevas e da cegueira. Aquela revelação que você obteve pela apreensão de Cristo será desafiada de todas as maneiras. Será algo custoso, e às vezes você vai se sentir como esse homem, como se tivesse sido expulso e agora está sozinho. Tenha bom ânimo se alguma vez isso acontecer com você. É nesse ponto que o Senhor começou a procurar pelo homem. "Jesus... encontrando-o" [Jo 9:35]. Sim, expulso, mas depois conduzido para fora [Jo 10:3], e o

fato de ser conduzido para fora é porque: "Minhas ovelhas ouvem a minha voz". Conduzido para fora e para dentro [Jo 10:9].

Mas a grande nota, é claro, a conclusão final é a seguinte: foi quando o homem chegou à plenitude do significado de Cristo que a crise surgiu para ele, acontecendo tudo o que se seguiu. Ele passou pelas sombras, chegou até um Homem, um Profeta e, finalmente, foi expulso. Então, o Senhor disse a ele: "Crês tu no Filho do Homem?" [Jo 9:35] "Quem é, Senhor, para que eu nele creia?" [Jo 9:36] "Já o tens visto, e é o que fala contigo" [Jo 9:37]. O homem rendeu-se absolutamente, e então descobriu o significado de estar fora. Ele estava no caminho de uma plenitude maravilhosa. O grande clímax da revelação é quando realmente temos a apreensão espiritual de Quem é Cristo. Não um grande, bom e maravilhoso Homem que faz milagres, nem mesmo o Grande Profeta, mas o Filho de Deus. Tudo depende disso. Esse é o fim que o Senhor tem em vista, que devemos conhecê-Lo na plenitude de Seu Ser. Nós chegaremos a isso através de Sua humanidade. Nós O conheceremos como Filho do Homem no toque do barro, mas quando chegarmos por esse caminho, saberemos que Ele é mais do que isso, Ele é o Filho de Deus.

Sinto que, devido à abrangência e riqueza de detalhes, posso não ter sido tão claro quanto gostaria ao trazer essa verdade diante de vocês. Não se preocupem com todos os detalhes, mas tenham em mente duas coisas: O fato da

verdade da iluminação e entendimento espirituais como sendo a vontade do Senhor para todos os Seus; um conhecimento interior e pessoal relacionado ao Senhor Jesus - uma apreensão de Sua Pessoa. A outra coisa é a lei, de onde saímos para seguir o próprio Senhor. Não permitamos que nada se interponha entre nós e o Senhor no governo de nossa vida espiritual; mas prossiga com o Senhor, seja qual for o preço. Conhecê-Lo em plenitude exige uma caminhada pessoal com o próprio Senhor, onde Ele é o Senhor, domina em todas as coisas, por mais respeitável que possa ser a tradição. É o próprio Senhor que deve governar e dessa forma cresceremos em entendimento.

Apêndice

Guia de estudos Evangelho de João

Volume 1

T. Austin-Sparks

Guia de estudos

Evangelho de João

Publicado pela primeira vez como livreto em 1934 pela Editora "Witness and Testimony".

Introdução

O Evangelho de João fala por si, mas algumas sugestões quanto ao sentido mais profundo desse Evangelho podem ser de grande ajuda para aquele que o lê.

1. O tema central dos escritos de "João" (Evangelho, Epístolas e Apocalipse) é "O Testemunho de Jesus".

Ele evidencia que o testemunho o próprio Cristo.

Esse Testemunho não é conduzido simplesmente pelo ensino, mas pela união vital entre Cristo e os Seus.

2. A palavra especial que João usa para "Milagre" é "Sinal". Isso significa que cada milagre registrado por ele visa nossa instrução, não se tratando apenas de uma maravilha.

Esta é realmente a chave para "João". Tudo tem um significado oculto.

O que é dito e feito é um sinal de outra coisa. Temos que olhar mais profundamente para as coisas significadas.

3. "João" não enuncia uma história terrena; mas uma história espiritual; relacionada com o céu e não apenas com a terra; voltada para a eternidade, fora da dimensão do tempo.

"João" está na mesma esfera que "Efésios".

4. O Evangelho de João é uma incorporação abrangente de grandes verdades e suas leis. Toda grande verdade tem sua própria lei, e a obediência a essa lei é o caminho para desfrutar da experiência dessa verdade.

Capítulo 1

A apresentação.

1. *A partir da Eternidade:*

- (a) Unidade com Deus, versículos 1-2,
- (b) Toda a criação por meio Dele, versículo 3
- (c) A fonte da vida, versículo 4

2. *Dentro da dimensão do tempo:*

- (a) Sua percursor, vv. 6-8, 15-42
- (b) A Shekinah no Tabernáculo (não mais condenação como com Moisés; mas graça e verdade) vv. 14-17
- (c) Um Visitante não reconhecido, recebido apenas por alguns, vv. 10-13
- (d) Deus proveu para Si mesmo um Cordeiro para o sacrifício, vv. 29, 36

* * *

3. *Uma grupo reunido para Ele* vv. 43-47

O capítulo 1 contém uma semente para todo o Evangelho de João. (Veja o apêndice).

Capítulo 2

"O início dos sinais" (versículo 11).

No sinal das Bodas de Caná, vemos a semente de todos os sinais e verdades subsequentes. Temos o fundamento de todo o "Evangelho".

1. *"Terceiro dia"*. Verso 1.

Três na Bíblia indica a plenitude do Testemunho Divino.

Tomando o conteúdo do capítulo 1:

- (a) A verdade da Pessoa de Cristo, versículo 11
- (b) O testemunho de João Batista, versículo 11
- (c) O chamamento dos discípulos, versículo 11

2. *"Casamento"*.

Um tipo da união de Cristo com Sua Igreja (veja Ap 19:7 - livro do mesmo escritor). Veja também Efésios 5:25.

- (a) Vasos. Um tipo da nossa humanidade.
- (b) Do vazio à plenitude. O desfrute dos seguidores de Cristo. (Veja 1:16).
- (c) Da morte para a vida. ("Sem vinho.") O desfrute dos seguidores de Cristo.
- (d) Do desespero à alegria.

(e) Da vergonha à glória. O desfrute dos seguidores de Cristo, no vs 11 (Veja 1:14).

Vinho, um tipo do Sangue e da Vida. O sangue é o meio utilizado para uma aliança (casamento).

Palavras-chave: "Minha hora", 4; "Sinal", 11; "Glória", 11.

Aqui temos o Testemunho da Vida triunfante sobre a Morte, agregado nos versículos 13-25 com relação à Páscoa.

Páscoa:

- (1) O Cordeiro morto
- (2) O derramamento de sangue.
- (3) A morte destruída.
- (4) Um povo protegido.

Capítulo 3

O reino de deus

O Reino de Deus:

- não é meramente uma esfera, mas um estado;
- não são ordenanças exteriores, mas um tipo de vida;
- não é um sistema imposto a partir de fora, mas um tipo de vida e natureza que vem de Deus.

1. A necessidade e interesse de estar neste Reino.

2. A lei que governa este Reino. "Vocês devem nascer de novo."

* * *

Três pontos importantes:

- (1) *Diferença* versículo 6
- (2) *Essência* versículo 6
- (3) *Base* vv. 15-18

Nicodemos corresponde ao vinho que acabou e ao milagre do novo nascimento.

A Serpente no Deserto, versículo 14.

- (1) A maldição.
- (2) O homem, por natureza, está debaixo de uma maldição. (Até mesmo um líder religioso como Nicodemos).
- (3) Cristo foi feito maldição por nós, para que pudéssemos ser salvos.
- (4) A fé no Cristo crucificado livra da maldição.

Capítulo 4

A verdade da vida eterna

Nicodemos representa a morte na esfera humana (naquilo que ele era por natureza) e a demanda por um novo nascimento; assim, ele preparou o caminho para a Nova Vida.

1. *O local* ilustra a ausência da vida de Deus em três esferas:

- (1) Espiritual; uma sensação permanente de carência. Uma permanente insatisfação.
- (2) Moral; uma vida sem harmonia com a mente de Deus.
- (3) Religiosa; uma tradição impotente. Religião contra, e

não a favor.

Isso vida não é vida, é morte.

2. A Natureza da Vida Eterna.

É a própria vida de Deus; diferente da vida do homem; e sua qualidade confere-lhe o poder de vencer a morte, implícito na sua qualidade: "Eterna".

3. A Lei da Vida Eterna.

A habitação do Espírito Santo de Deus, versículo 14.

Capítulo 7: 38,39.

Isso está relacionado à pessoa de Cristo, versículo 14.

Isso torna tudo espiritualmente vivo, versículo 23.

O Testemunho aqui é novamente da vida em Cristo libertando da morte, e esse ponto é resumido nos versos 46-54.

Capítulo 5

Andando no poder de Deus

O homem paralítico (impotente) no poço.

Versículos-chave: 19, 20, 21, 30.

Neste capítulo, Cristo assume a posição do homem (por natureza), e mostra que, como tal, Ele nada podia fazer por si mesmo (vs 19).

Aquele homem era aleijado há 38 anos.

* * *

Este foi o período da jornada de Israel no deserto até a morte de Moisés: vemos um retrato da impotência e da provação de Israel.

Este homem representa a impotência do homem, que não consegue cumprir a Lei (carregá-la, seu leito).

Cristo vem depois da Lei, em "Graça e Verdade" (capítulo 1:17).

Uma nova força interior permite o cumprimento da lei.

O homem não podia fazer nada por si mesmo. A palavra da vida veio à Ele por meio de Cristo e a partir daí ele andou (versículo 26).

A Lei - como seu leito - destinava-se a uma bênção; mas a fraqueza humana a tornou numa escravidão.

Cristo liberta da escravidão da lei.

A lei desta caminhada em vida e poder é: encarar tudo no Senhor, e não nós mesmos. Esta foi a lei da própria vida de ascendência moral e espiritual de Cristo.

O sábado neste capítulo remete ao descanso de Deus. Está relacionado a Cristo, quando Ele completou as obras de Deus.

Capítulo 6

*A vida triunfante sobre a morte como um testemunho
presente e contínuo (versículo 50).*

1. *A Páscoa está próxima* (versículo 4). Vida vitoriosa sobre a morte (Êxodo 12).

2. *O Maná* (versículos 30-32). Vida vitoriosa sobre a morte (Êxodo 16).

(1) Fala da salvação inicial da morte por meio do sangue do Cordeiro.

(2) Fala de nossa manutenção na vida recebendo constantemente a Cristo.

3. *A Lei da Vitória sobre a Morte.*

Alimentando-se de Cristo.

Versículo 53. "Se não comerdes" (grego, uma vez por todas) conecta-se com a Páscoa.

Versículo 54. "Quem comer" (grego, continua comendo) conecta-se com Maná.

Nós nos alimentamos de Cristo por meio de:

(1) Oração.

(2) A Palavra de Deus.

(3) Obediência a Ele.

(4) Comunhão com os crentes.

(5) Adoração.

Capítulo 7

Um novo dia previsto

* * *

O capítulo 6 encerra a seção "Vida" desse Evangelho.

Vemos que a vida só é possível em Cristo, e muitos se ofendem e vão embora.

O Capítulo 7 é uma transição da Vida para a Luz e combina as duas coisas. A seção de Luz será encerrada como aconteceu com a Vida, com incredulidade e peneiramento.

A Festa dos Tabernáculos é o pano de fundo aqui. Nessa festa, um grande candelabro era aceso, e grandes vasos de água do tanque de Betesda eram derramados no templo.

Cristo se apodera desse costume e se coloca no lugar de ambos, reunindo em si o simbolismo duplo da Luz e da Vida.

Um *Novo Dia* está diante de nós - o oitavo dia (versículo 37; Levítico 23:36), que deve ser o dia do Espírito na base de Cristo glorificado (versículo 39).

Há um segredo vital contido neste capítulo: Na presença de incredulidade quase universal (mesmo em Sua própria família), hostilidade, suspeita, preconceito e perigo para Sua vida, Jesus mantém uma ascensão moral calma, firme e forte, e se move como alguém protegido, até que Sua obra seja concluída.

Por quê? Porque Ele tem uma *vida secreta* com Deus, da qual Ele se recusa a ser retirado. Ele se move, não segundo os ditames dos homens, nem debaixo do governo de

ordenanças religiosas estabelecidas, nem ainda pelo que se espera dele ou pelo que é politicamente correto, mas pelo testemunho interior do Pai; esperando por Sua sanção e tempo para se movimentar (versos 8, 9).

Capítulos 8 e 9

Cristo apresentado como a luz

No final do capítulo 6, o assunto é Vida (1: 4).

O Capítulo 7 é um capítulo de transição.

O capítulo 8 traz o assunto da Luz (1: 4).

Os versos 1-11 são uma introdução; os governantes judeus, cegos até mesmo na presença da Lei, são convencidos na presença de Cristo, que é a luz, revelando seus corações.

O Capítulo 8 enfatiza:

- que Cristo é a Luz;
- que o homem por natureza está nas trevas;
- que a liberdade vem por meio do conhecimento e da obediência à verdade;
- que Cristo é a Verdade e a plena revelação de Deus.

O capítulo 9 é um sinal (lição com objeto) do capítulo 8 (ver especialmente os versículos 1, 4, 5, 39, 40, 41).

Homem "cego de nascença". Isso está relacionado com as obras de Deus.

* * *

A salvação não é por acreditar em certas doutrinas, mas por Cristo dar uma nova faculdade espiritual, que nunca operou em nós antes.

A condição desse homem era uma ilustração da condição de todos os homens por natureza, até mesmo dos judeus religiosos.

A lei que governa este novo conhecimento vivo é o senhorio absoluto de Cristo. Não tradição, homens, sistemas religiosos; mas entrega pessoal e completa a Cristo. Isso vai direto aos capítulos 8-9.

A sequência dessa rendição é vista como um grande preço; a expulsão pelos homens. Mas Cristo assume a situação e satisfaz plenamente.